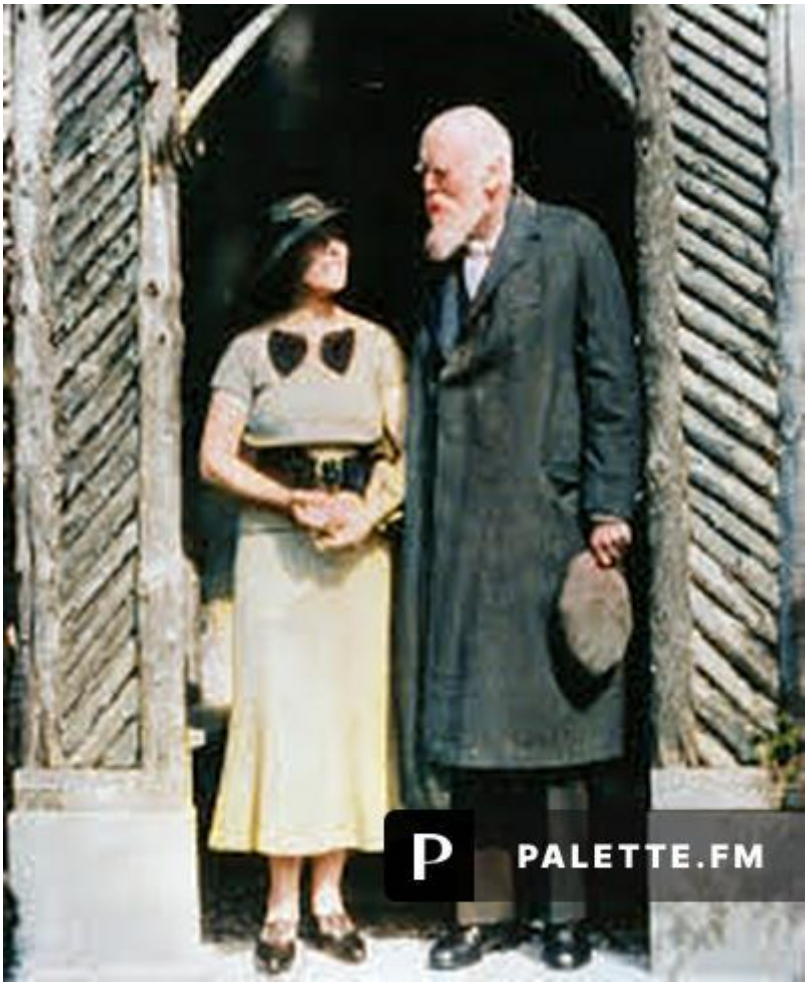
O LIVRO DE
CLAUDE I & II
LILIAN KELWAY-BAMBER
TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO



Na foto: Miss Leonard junto a Sir Oliver Lodge

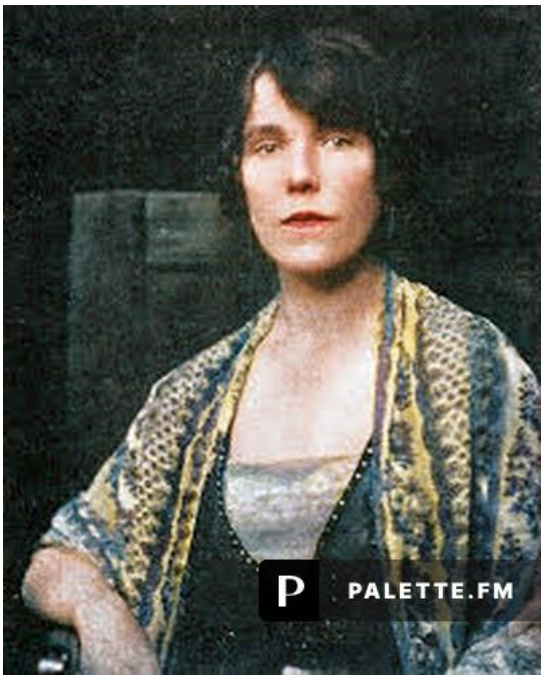
COM UMA CARTA INTRODUTÓRIA DE
SIR OLIVER LODGE

NOVA IORQUE - HENRY HOLT AND COMPANY - 1919

"O LIVRO DE CLAUDE" É AFECTUOSAMENTE DEDICADO AOS MUITOS AMIGOS QUE PEDIRAM QUE FOSSE PUBLICADO"

ÍNDICE

Carta de Sir Oliver Lodge
Resposta à Carta de Sir Oliver
Introdução
Alguns Testes
I. Conversas de Claude
«A Sua Morte e Nova Vida»
«As Surpresas da Morte»
«Certos Assuntos "Mundanos"»
«O Cristo»
«Da Reencarnação»
«Guias, Inspiração e Deus»
«Um Dia de Trabalho»
«Várias Pessoas, Crianças e Afinidades»
«As Dificuldades da Comunicação»
«As Esferas e a Fonte de Todo o Poder»
«Limitações Físicas»
«A Ligação do Homem com Deus»
«O Princípio do Homem»
«A Madonna e uma Pequena Mãe Terrestre»
«A Aura»
«Astrais e Formas de Pensamento»
«Religião e Ciência, Pensamento e Pensamentos»
II. Cartas de Claude



UMA CARTA DE SIR OLIVER LODGE

PREZADA SRA. KELWAY-BAMBER,

Li o texto datilografado do livro do seu filho e, embora possa parecer um pouco rude às pessoas, fico impressionado com a sinceridade, a simplicidade e a franqueza do material. Sei que o escrito é um registo genuinamente não-editado, embora necessariamente abreviado, do que veio através de uma médium inteiramente honesta, com quem você obteve o excecional privilégio de ter sessões semanais durante mais de dois anos; e tenho todas as razões para saber, a partir de certas mensagens evidenciais (que eu próprio obtive), que a inteligência que comunica é realmente a do seu filho. Você não cita essas evidências, em parte por uma questão de brevidade, mas principalmente porque muito do tipo familiar e trivial já ter sido publicado, e desejar, à semelhança de Claude, chamar a atenção para o que ele tem a dizer sobre a natureza da existência póstuma.

Você está, evidentemente, bem ciente de que nenhum tipo de infalibilidade é atribuível a tais declarações, mas que elas são indubitavelmente instrutivas; e filósofos de alto nível têm insistido em que declarações desse tipo devem ser acessíveis. Na pior das hipóteses, elas representam um fenómeno psicológico; na melhor, transmitem as impressões de um ávido recém-chegado ao outro lado, que com um dom natural para declarações vívidas se

sente ansioso por lhe transmitir tudo o que aprendeu sobre as condições que lá se encontram, no seu estágio particular de desenvolvimento.

Para todos os problemas recônditos, existem, porventura, tantas opiniões por lá quanto existem por aqui, e é improvável que, ao lidar com a questão do que é um facto científico ou filosófico, ele tenha alcançado a sua enorme importância; mas quanto a detalhes elementares da vida e conduta, o seu testemunho concorda bastante com o de outros, e os mais sábios e bem informados dentre os estudantes críticos do assunto serão capazes de aprender mais com declarações consistentes desse tipo.

Tem-se responsavelmente dito que registos sinceros e não adulterados da experiência subjetiva real permitirão por fim aos filósofos sistematizar a existência póstuma no seu esquema geral do universo e, sem dúvida, o seu é uma parte interessante da matéria-prima necessária; embora por vezes vá para além da experiência real e transpasse para o fantasioso, com muito do que se supõe não passe de rumor e informação de segunda mão; sobre a reencarnação, por exemplo, pela minha parte, eu não considere. Mas, apesar disso, simpatizo com o seu desejo de publicar as mensagens recebidas do seu filho ativo e enérgico como um todo, sem seleção ou supressão, e de as submeter à dura crítica de um mundo bastante desorientado.
Atenciosamente,

OLIVER LODGE

RESPOSTA À CARTA DE SIR OLIVER

26/07/1918
CARO SIR OLIVER,

Obrigada pela carta que me enviou. Fico-lhe muito grata pelo interesse e trabalho que teve pela matéria do prefácio, e imprimirei a sua crítica sobre o *Livro de Claude* na frente do presente volume, caso não faça objeção. Não faço alegações quanto ao livro, a não ser que *é* da autoria dele, pois se trata do registo "sincero e inalterado" do que ele me disse. Claude professa não ter nenhum privilégio especial, e diz que centenas de pessoas que "passaram" podem contar aos seus parentes tudo o que me disse, mas falta-lhes a oportunidade.

Sempre à disposição,

Atenciosamente,
L. KELWAY-BAMBER

INTRODUÇÃO

Originalmente, não fazia intenção de publicar estas "palavras," e é preciso que o leitor entenda que os termos usados neste pequeno livro são o "equivalente mais próximo" das condições, ou estados de espírito, ou sentimentos que Claude deseja explicar ou descrever à sua mãe, e que nem sempre podem ser perfeitamente precisos, tecnicamente, por falta de uma expressão exata para certas coisas do mundo espiritual, por se encontrarem além da nossa experiência normal. Muitas coisas foram omitidas: por exemplo, todas as referências à sua família, aos seus amigos, a eventos atuais e assim por diante.

Até o momento em que ele foi morto, a mãe de Claude era inteiramente cética quanto à possibilidade de comunicação entre os vivos e os chamados "mortos," e foi somente em virtude da sua profunda tristeza pela perda prematura sofrida que decidiu investigar, na débil esperança de encontrar ao menos algum conforto. Ela passou três meses a ler e a estudar a questão, e depois juntou-se à "London Spiritualist Alliance Ltd.," (Agora na 6 Queen Square, Southampton Row) e tomou parte nas suas palestras e reuniões, que se mostraram, por fim, mais instrutivas e úteis, e consultou diversas médiuns para sessões privadas. Ela teve muita sorte de obter diversos testes comprovativos, alguns registados na parte preliminar deste livro. Tais comunicações, anotadas em cada ocasião, foram obtidas através de "Feda" numa série de sessões regulares nos últimos dois anos. Feda é o "espírito guia" da Sra. Osborne Leonard, com quem a mãe de Claude está em dívida pelas muitas horas bastante afortunadas.

Claude foi um dos rapazes mais alegres e felizes, cheio de talentos irreprimíveis e extraordinária vitalidade; possuía um senso de humor bastante apurado e uma mente equilibrada. Ele sempre se expressou na perfeição, e explicava as coisas com bastante clareza, podendo ir do sisudo ao alegre com uma rapidez extraordinária e, diversas vezes fazia um gracejo, dizia uma frase divertida ou uma piada em meio a uma conversa solene, e isso ainda é característico dele; isso foi geralmente omitido, pois as pessoas que não o

conheciam podiam entender mal e pensar que ele não estava a ser sincero, mas o humor é muito comprovativo por ser tão típico do rapaz. Quando diz "eu penso" ou "pode ser," precisam entender que ele está a registar as próprias impressões e ideias que tem; quando afirma qualquer coisa de definitivo como um facto, é algo que lhe foi ensinado ou dito por guias e mestres experientes.

Claude alistou-se no exército assim que a guerra começou em Agosto de 1914, sem esperar por qualquer comissão, o que obteve em Outubro de 1914. Ele foi posteriormente transferido para o Corpo de Aviação e treinado como piloto. Foi morto em pleno ar, ao lutar contra dois aviões Alemães, perto de Courtrai, na Flandres, em Novembro de 1915, três meses após ter ido para a frente de combate; a máquina dele caiu sobre as linhas inimigas. Algumas das suas cartas são impressas para fins de comparação com as "conversas."

ALGUNS TESTES

Em 29/02/1916, assisti a uma sessão pública nos salões da "Aliança." A Sra. Brittain era a clarividente. Encontravam-se algumas pessoas presentes. Sentei-me no meio do salão; ninguém me conhecia lá. Eu nunca a tinha visto antes, pois ela acabara de chegar do norte. Indo para casa de metro, encontrei-me ao lado da Sra. Brittain no elevador. Embora não a conhecesse, falei-lhe, e teci algumas considerações sobre a reunião de que havíamos acabado de sair. Ela respondeu e disse: "Peço desculpa, mas você é médium?" Disse-lhe que não era e perguntei o que a levara a pensar que isso fosse possível. A resposta que me deu foi: "Por estar o espírito de um rapaz consigo, que é tão claro e forte, que é difícil crer que você não consiga vê-lo!" Pedi que fizesse uma descrição, ao que ela retrucou: "É alto, franzino e loiro; olhos azuis, cabelos lisos, bem penteados na testa, que é uma testa desenvolta; muito jovem e de aparência infantil; pele clara e macia; disposição alegre e feliz."

Isso estava correto, e foi a primeira descrição que recebi dele, embora muitas vezes eu o sentisse junto a mim. Na terça-feira, 14 de Março, isto é, duas semanas depois, fui à Sra. Osborne Leonard para a minha primeira sessão privada. Consegui visitá-la, tendo telefonado e marcado um horário, mas não lhe revelei o meu nome, endereço nem detalhes de espécie alguma; ela é uma médium de transe, e era óbvio que a sua pequena espírito guia, "Feda,"

estava em contacto com o menino. Curiosamente, o meu rapaz não se mostrou no seu uniforme.

"Feda" descreveu-o e disse: "Ele trás um fato cinza, e diz-me para lhe dizer que o usa para provar que esteve consigo ontem, quando você procurou por esse fato por todo canto." É verdade; eu procurara-o por toda a casa no dia anterior, com a intenção de o dar a um menino que eu conhecia. "Ele mostra-me uma medalha e diz que lha deram aqui o que não a ganhou na Terra." (Fora-lhe recomendada uma condecoração, mas ele foi abatido apenas uns dias depois). A seguir "Feda" disse: "Não sei por que ele teria uma medalha se não fosse soldado. Ele não faleceu vítima de doença. Tenho uma sensação de precipitação como se estivesse a cair, sinto a cabeça dormente e algo de errado com a minha garganta."

Essas tinham sido evidentemente as condições da morte do meu rapaz e, como o assunto era doloroso demais para ambas, não fiz perguntas a respeito. Em seguida, "Feda" começou a dizer-me que Claude tinha ido comigo a um lugar "onde havia montanhas e um rio que fazia ruído sobre pedras." Disse que ele passeara comigo quando eu subira uma série de degraus num bosque. Isto estava correto; eu acabara de voltar da Escócia. Ele perguntou se eu tinha recebido algumas fotos dele e dos seus amigos do lado de fora da barraca dele, na "galhofa". Não as havia recebido por essa altura, mas chegaram-me pouco tempo depois, e incluíam uma em que um amigo era pendurado de cabeça para baixo, apoiado por companheiros.

Na segunda-feira, 10 de Abril, assisti a uma outra sessão pública nos salões da "Aliança." Nesta ocasião, o médium era o Sr. Von Bourg. Ele era um perfeito estranho, para mim. Jamais o vira antes. O local da reunião estava sobrelotado. Após fazer algumas outras descrições, ele dirigiu-se a mim e descreveu alguns amigos espirituais que disse ver comigo, e prosseguiu: "Há um jovem aviador, de ar muito feliz, que passou apenas há alguns meses. Ele é alto e magro, pele clara e macia, cabelo loiro, escovado bem para trás, olhos azuis, pele clara; você conhece-o?"

Eu disse: "Conheço, é o meu filho." Aí, ele descreveu um garoto chamado "George," que eu conhecia, e deu-me o nome. Também falou de alguém chamado "John," e disse que era um espírito muito bonito, parecia ter cerca de vinte anos e que era um parente que me era chegado. Não consegui

identificá-lo; pensei que fosse um erro e decidi perguntar ao Claude a respeito na minha sessão privada seguinte, com a Sra. Osborne Leonard. Ele ficou muito interessado e animado, e exclamou: "Ora, é o seu irmão, mãe!" Fiquei bastante surpreendida e disse: "Mas, o meu irmão morreu aos quatro anos de idade!" E Claude disse (através de "Feda,") "Mas aqui as pessoas crescem, não permanecem bebés!"

Mesmo assim, não consegui compreender a ideia e disse: "Mas agora ele haveria de estar com uns quarenta anos, e a médium diz que ele aparentava uns vinte!" "E de facto aparenta," respondeu-me; "Ele nunca parecerá velho, pois aqui cresce-se, mas não temos um corpo material que envelheça." Achei esse um teste maravilhoso, pois eu tinha apenas cinco anos quando esse irmão mais novo falecera, e não pensara nele havia anos, mas apenas como criança.

Numa sessão com a Sra. Osborne Leonard, a 30 de Maio, "Feda" começou a sessão dizendo:
"Claude está aqui; ele ri muito; parece tão divertido, 'Feda' não o reconheceu a princípio. Ele enverga um fato-macaco muito sujo, todo coberto de massa, óleo, e manchado. 'Feda' não gosta de ver Claude nessas roupas! Ele diz que você vai reconhecê-las." Sim; eram os "macacões" usados nas oficinas onde ele aprendia Engenharia Mecânica.

Ele era célebre lá pela quantidade de sujeira com que saía da maquinaria, era uma piada bastante familiar. Os outros homens sempre diziam que tinham pena da mulher que lhe lavasse as roupas.

Numa sessão no dia 11 de Novembro, Claude falou entre outras coisas do seu corpo espiritual: "É exatamente o mesmo que o outro, até a verruga que tinha no meu dedo." Isso foi ótimo, já que na última licença que teve tentamos persuadi-lo a consultar o médico por causa de uma verruga feia que lhe tinha crescido numa mão.

Eu poderia prosseguir indefinidamente com diversos testes, e concluirei com um de um outro tipo. Numa sessão tida em Maio de 1917 com "Feda," Claude trouxe o espírito de um amigo que, segundo ele, passara poucos dias antes. Uma semana depois, esse homem foi dado como "desaparecido" na lista

oficial dos jornais; nenhuma outra notícia foi recebida dele. Anotamos todas as datas e detalhes à época para verificação futura.

1
A SUA MORTE E VIDA NOVA

Eu estava bastante deprimido quando fui para a minha máquina naquela manhã do Novembro passado, não sei porquê. Certamente que não tivera nenhum pressentimento da ocorrência de mal; mas, uma vez ligada, o meu ânimo elevou-se como de costume, e senti-me bastante alegre e especialmente livre do nervosismo.

Muitos homens aqui me contaram desde então o curioso facto de que, por ocasião da sua última batalha, seja no ar ou nas trincheiras, o nervosismo os abandonara. Não sei se o espírito instintivamente conhece o seu destino e se prepara para o enfrentar, ou se os amigos espirituais são capazes de fazer sentir a sua presença e conforto nessa crise suprema, mas provavelmente foi a única ocasião em que estive absolutamente livre de todo medo.

Ao sermos atacados por dois aviões inimigos, senti uma irritação aguda, pois estávamos de volta após concluirmos um trabalho sobre as linhas inimigas. Também me senti assediado quando subi, virei e mergulhei aqui e ali para atacar. O meu observador disse alguma coisa, e lembro-me de voltar o nariz da máquina para baixo para ficar abaixo de um dos nossos oponentes, quando senti um golpe terrível na cabeça, uma sensação de tontura e queda, e depois mais nada.

Podem ter passado duas semanas ou mais (não temos qualquer registo de "tempo" aqui, por isso, não posso ter certeza) até que eu voltasse de novo à consciência. Senti-me tonto e estúpido, mas não senti dor e, ao recobrar os meus pensamentos e olhar em volta, vi-me na cama num quarto desconhecido.

Antes que as ideias ficassem claras, senti que tinha passado pelo espaço. O meu corpo parecia ter-se tornado leve. Quis saber se estava no hospital e se alguém te havia escrito a dizer-te que tinha sido ferido. Enfermeiras circulavam pela sala; caso eu tentasse falar ou fazer perguntas, um médico

chegava até mim e, colocando a mão na minha cabeça, acalmava-me de modo a cair no silêncio.

Mais alguns dias devem ter-se passado. Eu repousei, permaneci adormecido e em paz; nunca parecia escurecer. Um dia, quando o amável médico veio ao meu leito, perguntei onde estava e se o meu pessoal sabia do meu paradeiro. Ele não me acalmou, como de costume, mas sentou-se ao meu lado.
"Quero ter uma conversa contigo e explicar umas coisas," disse.
"Já não te encontras na Terra; não estás mais no plano físico."
Não entendi e perguntei: "Decerto estou nalgum hospital particular, não?"
"Não," respondeu ele; "deixas-te o corpo físico e estás no estado que costumavas conhecer como pós-morte."

Não consegui acreditar nele. "C'um caraças! Você não está a querer dizer que estou morto, está!?"

"Vamos usar esse termo simplesmente porque é o único que entendes agora," disse ele. "Tu estás vivo e a iniciar a vida mais completa e mais bela. . . ." Contudo, o sentimento que tive foi de perda repentina, solidão e desespero.

"A minha mãe está aqui, e o meu pai ou o irmão virão? Se não estiverem aqui, eu não quero ficar!"

"Terás de ficar," respondeu-me ele; "e se fores paciente, acharás a vida interessante e bela."
"Caso aqui não estejam não será interessante nem suportável," exclamei indignado.
"Posso ir até à minha mãe? Preciso vê-la e constatar que não me consegue ver antes que eu possa crer que o que me diz é verdade. Sinto como se tudo fosse um sonho."
A seguir, veio um cavalheiro falar comigo; disseram-me que era meu avô, mas como eu jamais o havia visto antes, pelo que não fiquei convencido; senti como se estivesse a viver um sonho.

Outros vieram alegando serem parentes e amigos, incluindo diversas senhoras que me beijaram, mas como eu não conhecia nenhuma, permaneci inconsolável, e o meu amigo médico, prometeu que, assim que fosse

adequado, eu seria enviado de volta a ver-te, para que pudesse comprovar a verdade.

Alguns dias depois, disseram-me que eu seria levado para casa para te ver. Não consigo lembrar direito os detalhes exatos daquela noite, em que fui abalado por emoções conflituosas que me perseguiram; alegria, medo, esperança, tristeza, impaciência e um quase desespero pelo futuro desconhecido em que mergulhara sem ti. Fui com dois amigos que me guiaram pelo plano Astral até à Terra. Quando nos aproximamos, a atmosfera ficou mais espessa e enevoada, e as casas e tudo o mais pareceram indistintos, a vista desapareceu e eu vi-me de pé no teu quarto, ao pé da tua cama.

Meu coração foi invadido por um sentimento terrível de desespero ao apurar que o que me tinham dito era verdade: eu estava de facto "morto." Tu estavas sentada na cama em perfeita agonia, com lágrimas a escorrer-te pelo rosto; a repetir o meu nome sem parar e a chamar por mim, sem me veres.

Esperei um clamor de alegria, mas ele não chegou. Inclinei-me para frente e gritei o mais alto que pude, "Mãe, estou aqui; não me consegues ver nem ouvir?" Não respondeste. Fui para o teu lado e passei os braços à tua volta e, embora tu não estivesses ciente da minha presença, pareci ser capaz de te tranquilizar, pois tu acalmaste-te e deitaste-te. Senti como se estivesse prestes a desmaiar, e não tivesse vontade de resistir a isso quando os meus guias me levaram de volta para o hospital.

No entanto, senti que o teu amor ainda permanecia comigo; podia sentir-lhe o poder, e percebi isso melhor do que nunca. Era uma carícia espiritual, e eu senti-a através de cada poro da minha pele, fibra do meu corpo, e fiquei cheio de gratidão. Também soube que, em toda a minha vida, o teu amor nunca tinha falhado para comigo e que, mesmo agora, se fosse possível, haverias de encontrar um jeito de colmatar o abismo que se erguera entre nós; que tu nunca me "colocarias à margem." Quando percebi isso, soube que o pior já tinha passado, e que tinha passado a amargura da morte. . . Esgotado pelas emoções, dormi e acordei mais tarde com um humor inteiramente diferente.

Acordei com um jovem sentado à minha cabeceira que disse: "Bem, camarada, sobrevivemos." Desde então, ele tornou-se num amigo; chama-se

“Joe” (tu não o conheceste pessoalmente, mas tiveste conhecimento dele e sabes a quem me refiro). Uma sensação de aventura invadia-me agora a mente; senti-me cheio de saúde e bem-estar; ansiava por explorar esta nova terra.

Pulei da cama e vesti-me e, escoltado por Joe, o meu avô e diversos outros parentes e amigos, fomos para uma casa que estava pronta para mim. Consistia ela num quarto e numa pequena sala de estar, um “escritório” com um piano, um sofá e uma poltrona, numa casa onde havia acomodação semelhante para outros indivíduos. Fica num jardim encantador.
Decidi-me a ser feliz e a estabelecer-me, assim que pudesse, no meu novo ambiente. Perguntei a um dos meus guias se estávamos num “mundo de pensamento,” embora o terreno sob os meus pés parecesse bastante sólido; ele disse: “É mais real e permanente do que o que tu deixaste!” Abaixei-me, enfiei o dedo no chão e descobri que abrira um buraco, e fiquei com a unha cheia de terra...

Fomos dar um passeio por bosques e campos lindos; a relva mostrava-se primaveril, o ar suave e claro e o sol brando a derramar-se sobre tudo. Em seguida, voltamos para casa e exploramos o terreno. Tem uma bela fonte de águas cristalinas. Uni as mãos em concha e bebi um pouco, mas não precisava, e perguntei ao meu amigo o que aconteceria se eu bebesse demais. “Tu não irás beber em demasia, isso seria tolice; e se fosses tolo não estarias aqui, pois cada indivíduo alcança o ambiente que encontra por meio da própria conduta que adota. Por obra da lei natural gravita-se para o local mais adequado para nós; o que temos no nosso íntimo atrai-nos automaticamente.”

Banhei-me num glorioso lago cujas águas se mostravam suavemente perfumadas. Elas deixaram-me o corpo assim que delas saí, quase como se estivesse a escorrer do mármore ou alabastro. . . Acostumei-me à minha nova vida e conheci inúmeros amigos, novos e velhos; todos prontos e ansiosos a ajudar-me em todos os sentidos.

Pedi para voltar a ver-te de novo, mãe, mas foi-me dito que não era aconselhável durante um certo tempo, porquanto a tua mente atravessava grandes mudanças, e estavas a aprender acerca de muitas verdades psíquicas. Disseram-me que eu fora muito abençoado com a mãe que tivera,

por a tua dor ter despertado todo o lado espiritual em ti, e que o meu falecimento não nos haveria de dividir, mas deixar mais juntos do que nunca. E de facto assim se provou, porquanto sabes que, depois da guerra, tivesse eu voltado, provavelmente haveria de ter recebido uma nomeação no exterior e não poderia ter voltado para casa durante anos; ao passo que, do jeito que sucedeu, venho aqui a casa e vejo-te todos os dias, e tu sentes a minha presença. Fica sabendo que basta que concentres os teus pensamentos em mim, e desejes a minha presença, e o pensamento, "de algum modo e em qualquer parte," alcançar-me-á e eu virei até ti.

2
O DESVENDAR DA MORTE

Eu não pensava na morte com frequência, mãe, mesmo quando a encarava todos os dias, pois tudo parecia tão indefinido. Esperava que, se eu "partisse," considerando o facto de ter tentado fazer a minha parte, me encontraria no céu; mas a perspetiva, honestamente, conforme me era usualmente apresentada, não me atraía. Sabes que não ligava muito à música, e a ideia de me sentar num trono envolto numa túnica branca a tocar harpa soava terrivelmente enfadonha; assim, confiei na sorte e deixei a coisa por isso mesmo.

Agora sei que todo o erro está em encarar a morte como o fim de toda a "atividade" (com uma renovação em "alguma altura indefinida"), quando na verdade ela é apenas um incidente, embora muito importante, numa vida que é contínua. Os nossos sentimentos, as nossas recordações, amor, interesses e ambições permanecem; tudo o que deixamos para trás (que se pode não se perceber a princípio) foi o corpo físico, que se revela apenas o invólucro do corpo espiritual de modo a capacitá-lo a operar num mundo material. Na verdade, o homem <u>é</u> um espírito que possui um corpo, e não o contrário.

Disse-te que eu, em comum com centenas de outros homens aqui, descemos aos campos de batalha para ajudar a trazer as almas daqueles que estão a deixar o corpo. Estamos preparados para a tarefa, tendo nós próprios suportado os horrores da guerra. Os espíritos não habituados não conseguem aguentar as terríveis visões e ruídos. Nós levamo-los para longe para que possam voltar à consciência longe dos seus corpos físicos mutilados

e, ah mãe, eu canso-me bastante por vezes ao procurar explicar aos homens que se encontram "mortos"! Eles despertam a sentir ser os mesmos que eram; alguns passam dias e até meses a acreditar que estão a sonhar.

"A morte não opera milagres" e acorda-se aqui exatamente com a mesma personalidade que tínhamos no plano terreno. A individualidade permanece intacta, e o nosso "corpo-espiritual" é uma réplica daquele que deixamos, até os mais ínfimos detalhes; permanecem até mesmo as deformações, embora me digam que com o tempo diminuem e desaparecem.

Isso é o que torna tão difícil perceber que alguém tenha cruzado a "grande fronteira." Se, quando despertei para a vida aqui, me visse a flutuar sobre nuvens cobertas de musselina com um par de asas, eu teria percebido o facto muito antes. A propósito, os meus amigos na Terra também acreditariam nas histórias daqueles que "passaram" mais prontamente num ambiente do tipo que descrevi. O que aparentemente acham difícil de entender é a pequena mudança que se dá entre a vida no corpo físico e no espiritual.

Pessoas de crença tacanha, definida e ortodoxa ficam perplexas com a realidade, a "banalidade" (se é que posso cunhar um termo) do mundo espiritual. Se este lhes fosse descrito como "lampejos de luz," "nuvens de malva e safira," "rios dourados" etc., mais prontamente se aproximaria das ideias preconcebidas que alimentam. Mas elas requerem "mistério" com respeito à vida futura.

Costumo rir quando as ouço reclamar que não conseguem acreditar na existência de coisas "sólidas" como casas e jardins no mundo espiritual. Essa mesma gente sempre acreditou de bom grado em tronos "sólidos," harpas, coroas, etc., os privilégios dos "salvos," coisas que obviamente deveriam se apoiar em outras substâncias igualmente sólidas -- os tronos e harpas em pisos e mãos materiais, e as coroas em cabeças bastante sólidas, imagino eu!

Da primeira vez que fui enviado a ajudar os nossos inimigos opus-me, mas disseram-me para lembrar que eles lutavam pelo que acreditavam ser certo, além de que o faziam em defesa do seu país. Eu testemunhei um encontro interessante entre um Inglês e um Alemão que se tinham matado mutuamente. Eles encontraram-se cara a cara e olharam um para o outro com firmeza. O Inglês estendeu a mão. O seu antigo inimigo, pegando nela,

disse: “Que… idiotas que fomos!”... De facto, não estou a fazer tanto trabalho no campo de batalha como muitos outros, e só lá vou quando há combates severos e muito a fazer. Por vezes somos todos necessários; estou a receber treino para me tornar num instrutor. Sim, querida, sei que isto te deixa surpreendida; mas, lembra-te de que eu costumava ser bom a explicar as coisas; além disto, sabes igualmente que sempre fui bastante “mandão”!

Essas não são nem um pouco como as lições que eu detestava nos velhos tempos. Estou a estudar ciência, da qual sempre gostei -- de uma forma realista e efetiva, a ciência da vida, a causa das coisas; e algo do maravilhoso universo e das leis naturais que governam tudo. Não há nada de milagroso nisto; na verdade, não existe coisa algum como “milagre.” O que parece ser um milagre é tão só um novo uso de alguma lei natural já existente.

Tampouco pode qualquer coisa ser “sobrenatural”; será quando muito, “além do normal.” O homem não pode criar nada; todas as novas descobertas se traduzem apenas por um maior conhecimento de como usar a força ou o poder intrínseco. Por exemplo, as vibrações utilizadas pela engenhosidade de Marconi na telegrafia “sem fios” sempre existiram; apenas aprendemos a usá-las. O mesmo poderá ser dito quanto às propriedades do rádio, embora tenham sido precisos anos de pesquisa científica para as descobrir.

Percebo o suficiente, mesmo neste curto espaço de tempo, para saber que quanto mais se aprende, mais verdadeiramente humilde se fica, porque só então é possível conhecer os vastos campos de conhecimento ainda inexplorados, e só as pessoas muito ignorantes nestes dias dizem que algo é “impossível” por se achar além da sua compreensão particular.

Quanto à teoria de que as verdades espirituais nos teriam sido “reveladas” caso tivéssemos tido a intenção de as conhecer, isso é algo que pode ser igualmente aplicado às questões materiais. Nem as ferrovias, os telégrafos, os telefones, os microscópios, os raios X, nem nenhuma outra invenção moderna foram “revelados” à humanidade sem trabalho árduo; e se essas “coisas temporais” exigiram tanto esforço, por que alguém imaginaria que as coisas espirituais, sendo eternas e infinitamente mais valiosas seriam dadas ao homem sem nenhum esforço de sua parte?

Afinal, as coisas espirituais só podem ser discernidas espiritualmente. É apenas com base na luta pela verdade que o espírito pode crescer; embalá-lo num estado de letargia não o ajudaria a desenvolver-se. Eu digo-te do que se trata: a menos que a Igreja desperte e se mova com os tempos, deixará de existir no futuro. A guerra deu-lhe uma grande oportunidade. Os homens não se contentarão mais com chavões nem crenças irracionais. Precisamos satisfazer-lhe a mente, assim como o coração, o que é possível agora que a ciência e a religião não assentam no antagonismo.

Os homens não podem agora ser dominados com histórias sobre o fogo do inferno. Aprenderam que muitos são os caminhos que conduzem a Deus. Não há "direito de passagem," que seja um pré-requisito de qualquer forma particular de religião. A única coisa que influenciará os homens é uma que se mostre repleta de bom senso, que torne a vida quotidiana digna de ser vivida, e em que a morte não seja mais uma visitante temida mas uma amiga, pois de facto ela pode ser isso.

O conhecimento disso não tornaria a vida terrena inferior, mas dar-lhe-ia maior valor, pois perceberíamos e apreciaríamos o facto de que estamos no mundo para ser treinados, desenvolver o carácter e aprender disciplina pessoal. Ensinar-nos-ia a suportar as provações com bravura e compreensão, que agora parecem desnecessárias e sem sentido. Precisamos saber que esta vida terrena é apenas o "período escolar" e a preparação para a vida mais plena que se segue.

O meu dever e atividade no futuro será instruir conforme estou a ser instruído, pois todo mundo aqui trabalha naquilo que melhor se lhe ajusta. Ajudando os outros, de um modo ou de outro, muitos socorrem aqueles que amam e deixaram na Terra, caso consigam chegar às pessoas de lá como eu consigo chegar até ti; mas para aqueles cujos parentes, seja por ignorância, medo, descrença ou fanatismo religioso não desejarem entrar em contacto com eles, há trabalho a ser feito em auxílio a espíritos menos desenvolvidos nas esferas inferiores.

Sabes, costumo trazer aqui a casa homens a ver-te, que não estão em contacto com os próprios familiares, para lhes mostrar que ao menos alguns na Terra percebem que ainda estamos "vivos."

Não entendo aqueles que afirmam que "o retorno espiritual é possível, mas errado," pois apenas "demónios" ou "espíritos malignos" podem comunicar. Certamente Deus não reservaria este Seu grande dom e conforto da certeza da existência consciente contínua, somente aos ímpios, não é?

3
CERTAS QUESTÕES "MUNDANAS"

Eu ESTOU a viver na terceira esfera ou plano; nós chamamos-lhe "Éden" e algumas pessoas de "Paraíso." Para me voltar para questões mais mundanas, querida, queres saber como me alimento? Bem, o meu corpo absorve toda a nutrição que requer da atmosfera, como as folhas das árvores. Até mesmo o ar ao redor da Terra contém, em diferentes graus e soluções, a maioria dos elementos que formam os nossos corpos físicos aí. De facto, não durmo, mas por vezes sinto cansaço e, então, deito-me e descanso, e refresco-me tomando banho no lago.

Nada pode liquidar a alma, nem mesmo o próprio homem; embora por vezes, se (antes da separação final do corpo e da alma) a doença tiver sido muito severa, como uma doença cerebral, ou o fim tenha sido violento e súbito, e o choque para a alma for enorme, ela possa permanecer num estado de inconsciência por dias ou semanas, até que recupere o suficiente para despertar nas suas novas condições. Portanto, fica sabendo que o suicida, longe de escapar dos problemas, só corre de uma forma de infelicidade para outra; ele não consegue aniquilar o próprio ser e deixar de existir.

De que modo me locomovo? Ando com muita frequência; outras vezes, se necessário, gero poder suficiente, que concentro por meio do esforço de vontade no meu corpo, para me levar a qualquer lugar com a velocidade do pensamento. Os nossos corpos são tão leves e fortes que é fácil pular a parede mais alta sem o menor esforço; a atmosfera não exerce o mesmo poder de resistência sobre os nossos corpos como exerce com o vosso.

Como vou rir, mãe, quando vieres para aqui e eu te vir saltar paredes de três metros! Não que andemos a saltá-los, pois não é necessário, e é-nos especialmente ensinado a nunca desperdiçar força ou energia. Quando eu vim pela primeira vez, ansiava por que estivesses aqui, mas disseram-me que

o teu trabalho na Terra não tinha sido cumprido e que precisava ser paciente; há tantas coisas maravilhosas que te quero mostrar e contar.

Uma razão pela qual achamos tão fácil entrar em contacto um com o outro é por sermos ambos psíquicos. Claro que nenhum de nós percebeu isso antes, mas agora consigo ver e entender isso com clareza, e vejo igualmente outras coisas muito diferentes, à luz de todo o conhecimento que adquiri. Música, flores e coisas que achava serem um tanto "sentimentais" de admirar antes, aprecio eu agora, e imenso. No mundo espiritual existe uma afinidade mais forte entre o espírito e as coisas belas do que entre qualquer conexão física no plano terreno, talvez porque seja uma expressão mais perfeita de Deus.

Há belos pássaros, lindas flores e muitos prazeres. Passeio de barco e jogo golfe, mas não se deve tirar a vida de nenhuma forma, pelo que não pesco mais. Queres saber sobre as nossas habitações? Bem, são construídas por pedreiros e projetadas por arquitetos, conforme seriam na Terro que está melhor equipado; se ele for melhor no emprego manual, percebe as próprias limitações e não alimenta qualquer desejo insensato de parecer diferente do que é, uma vez que todo o trabalho é feito sob perfeitas condições. Todos são felizes e livres. Na Terra, certas formas de trabalho são menosprezadas, pois aqueles que as executam são mal remunerados e vivem em condições angustiantes; aqui, todo bom trabalho é reconhecido como valioso. É curioso, ao observarmos o mundo, ver como muitas pessoas escolheram a vocação errada.

No socialismo espiritual, que será a lei na minha Arcádia na Terra um dia destes, tanto os teóricos como os homens práticos perceberão as responsabilidades que têm uns para com os outros e viverão para corrigir o erro. O patrão não dirá: "Qual o mínimo?" mas: "Quanto deverei pagar a este homem para tornar a sua vida agradável e não apenas tolerável?" E o homem dará o seu melhor de forma honrosa para oferecer em troca um serviço honesto e interessado para o seu direito e partilha no negócio.

Já te disse antes como certas coisas aqui são compostas (bem como na Terra) em grande parte de "gases." Vê bem, vapores e "gases" da matéria sem vida estão sempre a subir da Terra. Pode-se sentir-lhe o cheiro nas coisas decadentes, como flores, madeira, folhas etc. Essas, ao se desintegrarem, dispersam muita matéria no ar, que é depositada nas diferentes esferas ao

redor da Terra. A mais grosseira na esfera mais baixa, a mais refinada a subir para a mais alta, uma espécie de ação química ou um tipo de gravitação (que atua de maneira diferente da da Terra) -- atrai cada densidade de gás para o seu ambiente adequado -- outro exemplo da grande lei do universo que ainda não compreendemos. Por meio desse depósito, concentrado em sólidos por ação química, são compostas todas as substâncias aqui, como tijolos para as casas, material para roupas etc.

Sentes curiosidade a respeito das vestes? Bem, podes usar apenas aquilo de que gostares mais, aqui; não há modas a seguir nem tendências a acompanhar. Embora resulte um arranjo muito misto em consequência, não parece incongruente, pois aqui adornamo-nos para nos expressarmos e não para impressionar os vizinhos. Eu visto-me como me vestia quando estava junto a ti, mas algumas pessoas usam vestes brancas porque pensam que quando se está fora do corpo mortal seja a coisa certa a fazer. Se eu preferisse usar uma túnica e sandálias, ou um traje de "Beefeater," (*NT: Traje da guarda da Torre de Londres)* ninguém zombaria, mas perceberia que isso me deixaria feliz, e seria motivo mais que suficiente.

Mãe querida, entendo o quão difícil é tudo o que digo sobre a minha vida aqui para a tua compreensão. Estou bastante certo de que, no teu lugar, eu jamais haveria de acreditar, mas é verdade apesar de tudo! Quanto mais se estuda ciência, mais possível parece tornar-se. Afinal, a dificuldade está em acreditar em coisas tão reais, tão fortes, tão sólidas e, ainda assim, invisíveis para a maioria das pessoas. Porém, quando se chega a pensar sobre isso, na Terra existem muitas das coisas mais "sólidas" compostas de gases e elementos, que no seu estado puro são invisíveis. Uma vasta proporção dos nossos corpos físicos, rochas (e parte da própria Terra), por exemplo, são feitas de oxigénio, que é impalpável e invisível.

Pessoas subdesenvolvidas são aquelas que vivem somente pelos sentidos, sem cultivar o intelecto nem o espírito. Para elas, aquilo que é impalpável parece "impossível." Um dia destes, havemos de escrever juntos historinhas sobre o maravilhoso conhecimento adicional a obter aqui -- tudo extraordinariamente interessante. Poderemos igualmente escrever um romance juntos, e intitula-lo: "O crescimento de uma alma," e traçar-lhe a evolução sofrida ao longo de várias encarnações. Tu e eu passamos por

muitas encarnações juntos (em diferentes associações, relacionamentos e sexos); é por isso que temos tal afinidade um com o outro.

Não vou dizer que tenhas sido "Boudica" *(Boadicea),* "Cleópatra," "Helena de Troia" nem nenhuma outra mulher famosa ou infame da história, como por vezes ouço espíritos jocosos a dizer a outras mulheres, com que se divertem, por vezes à custa daqueles que na Terra são vaidosos ou crédulos. Sentir-te-ias chocada, mãe, se eu te dissesse o que fiz recentemente? (Soa bastante à "Câmara dos Horrores" do museu de cera Madame Tussaud.) Eu desci ao plano Astral, procurei e fiz amizade com um assassino!

Ele era um homem que há alguns anos pagara a penalidade máxima por ter matado a esposa. Não o procurei por curiosidade -- o que teria sido injustificável -- mas por me sentir tentado a descobrir a causa que levou a tal tragédia, e descobrir o "nódulo" no carácter do homem que fez com que o ato lhe parecesse tão desculpável. Achei-o um sujeito muito decente, pequeno e inofensivo, que adorava animais e crianças. Disse-me que fora levado positivamente à loucura pela esposa; desprezo e aversão tinham terminado em ódio por ela.

Ela parece ter sido uma mulher execrável; ele disse que era grosseira, infiel, bebia em excesso e censurava sem cessar, até que ele ficou absolutamente desesperado. Durante cerca de um ano após ter vindo para cá, passou por um período terrível, mal-humorado e cheio de ódio e raiva; então, começou a acalmar e a ver que, por pior que tivesse sido a sua situação, ele não tinha o direito de lhe tirar a vida. Assim que o desejo de se aperfeiçoar brotou, amigos estavam prontos para o socorrer, e ele já se encontra bem mais feliz, e trabalha entre aqueles que chegam cheios de infelicidade e amargura, como ele próprio. Ele jamais mencionara essas coisas desagradáveis acerca da esposa no julgamento, como poderia ter feito para tentar atenuar as coisas contra si. Pobre diabo, foi mais ultrajado do que pecou, acho eu!. . .

Não atrasas o meu progresso, conforme te foi sugerido, ao manteres contacto comigo. As pessoas na Terra não percebem que não podem "invocar" espíritos tal como não conseguem obrigar os homens na Terra a virem vê-los se não o quiserem fazer. No mundo espiritual, as pessoas escolhem aquilo que é melhor para a sua própria evolução. Se os mortais quiserem a companhia de amigos espirituais apenas para fins de obtenção de

vantagens materiais, obviamente que não agem muito bem; mas quando o amor é o motivo e o desejo é de ajuda mútua, isso será bom para ambos, pois ajudar os outros é o caminho do progresso.

Há uma cunha que está agora a ser usada para abrir a porta entre os dois mundos, o da matéria e o do espírito, e adoro pensar que possa ser uma pequena lasca dessa cunha. Esta é uma excelente oportunidade para plantar um pouco da luz e esperança que auxiliarão a humanidade, como te expliquei, pelo poder criativo do pensamento. Presentemente, a Terra encontra-se envolta no que parece ser uma espessa neblina cinzenta, gerada por pensamentos de crueldade, raiva, pesar e dor, e que transbordam de forma contínua.

4
O CRISTO

Sei o motivo de todos vocês estão a pensar especialmente em mim hoje, querida. É um aniversário -- quero dizer o meu aniversário no mundo espiritual. Não vou chamar-lhe o dia em que fui "morto." Por vezes realmente sinto-me centenas de anos mais velho. Parece que aprendi muito desde que para aqui vim, e outras vezes sento-me aos teus pés e repouso a minha cabeça sobre o teu joelho; e é como se eu fosse um garotinho de novo, e todas estas coisas nunca tivessem sucedido!

Sim, vi Cristo uma vez, mãe e, ao recordar o quão inspiradora foi a ocasião, não posso deixar de me interrogar como alguém poderia imaginar que, por altura da morte fosse direto para o Seu reino, quando a maioria de nós fez tão pouco para alcançar a beatitude!

Foi-me dito que eu poderia vê-lo, mas sinceramente, na época não percebi nem avaliei o facto. Achei que isso provavelmente significaria ir a uma igreja muito alta com um elaborado ritual de pompa e cerimónia. Quando chegou a hora marcada, os meus guias deram-me uma túnica branca simples para envergar (não se comparece à corte de um rei terreno sem roupas adequadas), e passamos por feixes de ligação com a esfera de Cristo. A impressão generalizada que tive foi de um brilho quase ofuscante; o ar cintilava como diamantes -- quase crepitava, de tão cheio de electricidade que

estava -- os meus pés não encontravam uma adesão muito firme ao chão. Havia bandos e procissões de pessoas vestidas de branco, todas a encaminhar-se numa direção. Elas avançavam com rostos erguidos, e entoavam uma música bela. Juntamo-nos à retaguarda de um grupo e quase fomos arrastados por uma onda de sentimento intenso.

Chegamos a um prédio sem quaisquer paredes. Consistia de um telhado, que parecia ser composto de raios de luz de cores diferentes entrelaçadas, sustentados por pilares que pareciam feitos de madrepérola. Havia uma multidão de pessoas ao redor e, erguida acima de todas as outras, havia uma figura brilhante e radiante. Soube imediatamente que era Cristo e, instintivamente, caí de joelhos (embora ele não fosse como um retrato que eu vira). Estava tão consciente d'Ele que senti como se Ele estivesse a voltar-se para mim. Os olhos d'Ele pareceram penetrar-me e produzir um esplendor maravilhoso. Eu senti-me elevado a uma emoção culminante de êxtase. Ele falava, mas eu não consegui ouvir as palavras.

Ao me ajoelhar ali, muitos eventos da minha vida me passaram em revista pelo pensamento. Eu podia visualizá-los como imagens. A minha memória parecia guardada com registos, não só da vida que acabara de deixar, mas de outras num passado distante; e à medida que as diversas cenas se apresentavam, pareci perceber as diferentes lições que aprendi nessas experiências e saber que todos os eventos da minha vida tinham conduzido a isto.

5
SOBRE A REENCARNAÇÃO

Queres saber por que é que agora acredito em reencarnação e digo que outros espíritos que conheces não? Bem, querida, ainda estamos muito longe da verdade suprema, e as pessoas aqui variam nas opiniões e ideias que defendem, assim como na Terra. Ainda estamos a aprender, mãe; só avançamos um pouco mais ao longo do caminho da experiência e de modo algum alcançamos o fim da jornada. Sim, existe um Céu, mas está muito distante e ainda precisa ser conquistado; até mesmo os nossos próprios corpos, que ainda são bastante materiais, precisarão tornar-se mais refinados antes de nos ajustarmos a eles.

Sou informado pelos amigos daqui que as almas às vezes renascem, reencarnam, a fim de obter mais experiência, aprender mais lições de vida ou resolver pecados e fracassos passados. Cada vida terrena deixa a sua marca no carácter, e as suas lições ficam para sempre impressas na mente subconsciente, que regista tudo o que já aconteceu à alma desde o início. Isso, dizem eles, explica muita da dor e dos problemas que se vê na Terra. Os sofredores estão a aprender lições que são necessárias ao crescimento da sua alma, pois o homem foi posto no mundo para desenvolver o espírito. Podem ter vivido antes e negligenciado a aprendizagem, assim como podem ser almas novas que passam por essas experiências num ou noutro dos estágios da sua existência; tem tudo lugar no caminho da sua evolução.

Famílias, amigos, secções inteiras de nações reencarnam com muita frequência no ciclo rotativo do tempo, por carecerem das mesmas experiências. Quando se começa a pensar seriamente na questão, e olhamos e estudamos as pessoas que nos rodeiam, pode-se ver que algumas são almas antigas e outras novas. Experiências passadas, embora não recordadas conscientemente, atenuam as asperezas, os excessos de carácter. Almas antigas possuem compaixão, força, aprendidas pela dor e pela disciplina e, em resultado do que são atenciosas para com as demais. Quando se conhece muitos dos jovens excecionalmente talentosos que passaram por esta guerra, percebe-se que podem ter sido almas antigas que adquiriram a sua experiência no passado e retornaram à Terra para um culminar glorioso neste sacrifício supremo.

Tenho escutado muita vez as pessoas interrogaram-se do porquê de Deus permitir a maldade. Se fosse impossível ao homem pecar, ele deixaria de ser um agente livre, e tornar-se-ia num autómato. Como o homem se encontra na Terra a fim de aprender a sua lição e desenvolver a sua alma, ele precisa dar prova do seu fervor. Não existiria bem sem mal. Os contrastes existem e são necessários; tal como o dia e a noite, a humidade e a secura, o calor e o frio, o prazer e a dor só são percebidos e avaliados através dos seus opostos.

Além disso as almas antigas aprenderam a manter contacto e a inspirar-se na "força Divina" a verdadeira fonte da vida. Pessoas psiquicamente desenvolvidas encontram-se especialmente em contacto com ela. A alma possui uma consciência distinta. Habitualmente as almas de muitas pessoas deixam os seus corpos durante o sono, ou sob anestesia, e viajam para

diversos lugares; algumas, ao despertar, são capazes de lembrar as cenas que visitaram -- e essa memória pode ser cultivada. Daí que possas perceber que a diferença que existe entre o sono e a morte para algumas pessoas não seja muito grande afinal, nem a passagem dolorosa nem difícil. Significa apenas que, numa ocasião, elas deixam os seus corpos para não mais retornarem.

Com respeito à discussão do jornal sobre a "reencarnação," dizes que algumas mulheres acham ser quase uma profanação crer que os seus bebés tenham vivido antes, e sido talvez até mesmo "meretrizes," "ladrões" ou outras pessoas indesejáveis. Isso soa como se supusessem ser, elas próprias, almas novas.

Disseram-me que, o que quer que esses bebés possam ter sido em vidas anteriores (*se* eles já tiverem vivido na Terra antes), que as suas mães mereceram esses bebés em particular. Quero dizer, as almas não voltam de forma promíscua a um corpo qualquer, a uma família qualquer. Há uma sequência nas suas vidas que requer a sua volta a um ambiente específico. Isto faz parte da lei natural e opera automaticamente. As suas mães talvez lhes devessem alguma coisa -- uma dívida de amor que não pagaram numa existência anterior, ou uma confiança que tenham traído.

Se o bebé tiver sido uma "prostituta" no passado, talvez a mãe nesses dias fosse o amante que primeiro a traiu, ou mesmo uma mãe vaidosa, cruel, descuidada ou negligente antes, que falhou no dever que tinha para com a filha, e tenha sido a causa da sua ruína. Talvez essa criança ou outra pessoa lhe tenha sido enviada para que ela pudesse "praticar o bem"; pode ser a sua oportunidade. As pessoas deviam sempre praticar a bondade sempre que pudessem, ainda que isso não seja apreciado ou reconhecido, pois pode ser uma hipótese de pagar uma dívida.

As almas não vêm sempre no mesmo relacionamento umas com as outras e, por vezes, nem mesmo no mesmo sexo. Uma alma plenamente desenvolvida é aquela que funcionou em ambos os sexos e, portanto, adquiriu experiência. Vendo-o de outro modo, é igualmente possível a toda mulher acreditar (ou esperar), caso prefira, que ela e o seu bebé tenham feito um trabalho tão bom quando tenham feito no mundo antes, para voltarem a dar-lhe continuidade, porque por vezes isso também acontece.

Aqui, é-nos continuamente ensinado que o *maior* serviço consiste em ajudar uns aos outros, e este é o melhor modo de algumas pessoas fazerem isso. Prometi que te contaria tudo o que aprendi sobre as nossas vidas anteriores, as tuas e as minhas. Não é muito. Os meus guias mostraram-me diversas imagens numa série de visões que ilustravam essas vidas. Deve ter havido muito mais de que nada sei a respeito, pois, na primeira, fomos versados em muitos dos mistérios e ritos ocultos do antigo Egipto. Vi esse país há milhares de anos atrás. Havia edifícios maravilhosos dotados de pilares enormes, o brilho do sol e o calor do Oriente. Éramos irmão e irmã, conforme me disseram, e estivemos ligados à corte do Faraó, uma espécie de "dama e cavalheiro de companhia." Também tínhamos muito que ver com o templo, os sacerdotes e os serviços religiosos. Foi provavelmente por essa associação que fizemos parte da corte.

Sei que passamos muito tempo em procissões do templo, e eu vi-te como uma mulher alta, com uma bela imagem, numa carruagem alta, com um manto púrpura e, sobre as vestes, bordadas a ouro, uma espécie de capa de alguma pele que te caía pelas costas, a tua testa limitada em baixo por um filete de ouro com hieróglifos inscritos. Usavas pulseiras de ouro e outros ornamentos na forma de brincos e colares. (Tinhas um aspeto formidável, mãe!)

Nessas ocasiões, eu costumava usar uma espécie de túnica adornada a ouro e sandálias amarradas pelo joelho com o mesmo metal precioso. Fiquei muito satisfeito com o meu aspeto, até que descobri que também usava uma enorme peruca na cabeça que se estendia uns trinta centímetros em todas as direções. Isso divertiu-me bastante. Devo ter parecido uma visão e tanto! Mas se essa era a moda na época, não tenho dúvidas de que na ocasião me sentia muito satisfeito com o efeito. Não sei o que aconteceu ou a nossa história subsequente, nessa ocasião.

Na cena seguinte, caminhávamos por uma estrada Oriental empoeirada da Palestina. O país de cada lado parecia ressequido pelo sol, rude e sem vegetação, com alguns arbustos espinhosos a crescer por aqui e ali. Dessa vez, tu eras uma jovem matrona de 22 anos e carregavas o teu bebé. Envergavas uma túnica azul bordada na borda, e um tipo de véu sobre a cabeça (tinhas o rosto de uma Madona). Eras a esposa de um notário, um homem conhecido pela sua bondade e benevolência. Eu tinha por volta de 19

anos, uma moça também, tua amiga do peito e, na cena que descrevi, caminhava a teu lado com o braço em volta da cintura. Nós éramos Cristãs, e isso passou-se nos primeiros dias do Cristianismo. Naquela época mostraram-me o fim dessa história de vida. Eclodiu em Jerusalém uma praga qualquer terrível, ou epidemia, e tu e eu costumávamos ir até os pobres doentes levar comida e medicamentos. Mais tarde, vi-te em estado de coma a ponto de morrer, enquanto me ajoelhava ao teu lado, igualmente acometida, a rezar para que a morte não nos separasse. Não sei o que aconteceu ao teu marido nem ao bebé.

A cena seguinte foi, imagino, em algum lugar do Médio Oriente (possivelmente nos Balcãs). Dessa vez, éramos ambos jovens irmãos homens. Usávamos vestes pitorescas (como numa comédia musical) éramos líderes de um bando de lutadores, e parecíamos desfrutar por completo da nossa vida selvagem e rude. O que nos aconteceu depois não sei. Pois! Parece que não "avançamos" muito naquela época. Talvez tivéssemos que ser mais enérgicos, e assim, nos tenha sido dada a oportunidade de cultivar o que é comumente chamado de "garra!"

Existem igualmente almas novas, que estão sempre a vir ao mundo, e disseram-me que muito do pecado é devido à ignorância e à inexperiência; assim como à mentalidade tacanha. Quando alguém tem certeza de que sabe tudo, ou acha que entende as limitações da natureza, ou é intolerante em questões religiosas, podemos crer que tem pouquíssima experiência da alma, pois as almas antigas aprendem o tremendo poder de Deus e percebem quão ínfimo é o homem.

Nunca vi um espírito que já tivesse visto Deus e, ainda assim, sabemos que estamos vivos por sermos apenas uma partícula do Divino. . . Dizes que ouvir aquela pobre mulher que falou por meio de uma outra médium, outro dia te deixou sensibilizada; ela parecia tão terrivelmente infeliz e constrangida. Bem, pobre mulher, ela não estava preparada para deixar o mundo; foi morta de repente num acidente enquanto gozava de perfeita saúde.

Era uma mulher muito mundana, e ao vir a si e descobriu que havia deixado o seu corpo mortal não conseguiu acreditar. Em vida não tivera qualquer crença efetiva na "vida após a morte," e achou que estava num sonho, um sonho bastante infeliz pois, infelizmente para si própria, na sua vida na Terra

tinha igualmente feito chacota de toda a crença que o seu marido tinha nisso! E ela percebeu a dificuldade que teria em desfazer esse erro. Como nós próprios criamos as condições da nossa própria vida após a morte, por meio do estado de desenvolvimento espiritual, é de se imaginar que certas pessoas possuam faculdades espirituais que tenham diminuído até ficar atrofiadas -- uma quantidade quase insignificante na verdade -- não consigam ver a beleza aqui; na verdade, vivem em condições desagradáveis.

Algumas pessoas estão persas à Terra. Todos os seus interesses se centram nela, e elas retornam para esse contacto com os homens e as velhas condições pelas quais anseiam. Sei que é difícil entender por que almas desencarnadas ainda anseiam por prazeres materiais e por vezes até grosseiros. Mas isso deve-se a que, enquanto na Terra, os seus sentidos os tenham governado, selado e endurecido a alma em vez de refinar o espírito e purificar o corpo.

Conforme já te disse, durante algum tempo depois que as pessoas vêm para cá, continuam a sentir como se ainda estivessem num corpo mortal. Consegue-se perceber um pouco disso no que é, infelizmente, ocorrência comum hoje em dia. Um soldado que teve a infelicidade de perder um membro dir-te-á que ainda sente dor, desconforto ou irritação até dias depois de ele ter sido amputado. Desse modo, os espíritos continuam (por algum tempo após tê-los deixado) a "sentir" os seus corpos depois da morte, e sabemos por experiência própria agora que a primeira vez que um espírito retorna através de uma médium, a condição de que faleceu é geralmente reproduzida ou referida.

6
GUIAS, INSPIRAÇÃO E DEUS

Dizes que ouviste falar tanto nos "Guias Espirituais" das pessoas na Terra que queres saber quem os nomeia e porquê, não é? Suponho que eles costumavam ser chamados de "Anjos da Guarda." Bem, ninguém os nomeia; são espíritos amigos que são atraídos por algo do indivíduo que os atrai, e que buscam influenciar e ajudar aqueles por quem se interessam. Podem ser amigos ou parentes da Terra que, tendo feito a passagem, ainda guardem o vínculo de afeição que tinham aqui, embora com frequência sejam estranhos atraídos por interesses mútuos, que tentam literalmente inspirar os que

estão na Terra. Isso não se aplica apenas a questões religiosas, mas à arte, ciência, engenharia, medicina assim como a qualquer outra área.

Não conseguirás imaginar um músico aqui, a deleitar-se com belas harmonias, e a tentar incutir na mente de um músico terreno um pouco do som glorioso que lhe dá tanta alegria, e que ele sabe irá beneficiar e elevar aqueles que ainda se encontram nos "laços da carne"? Ou um artista cercado por esta beleza requintada que busque inspirar a mente de um amigo, de modo que ele consiga ver com uma visão mais verídica e clara as maravilhas ocultas que o rodeiam? Ou um homem de ciência ou engenheiro que procure impressionar a mente de um amigo na Terra com uma nova descoberta ou invenção?

Essas coisas são levadas a cabo todos os dias, e os "lampejos de génio" que ocasionalmente iluminam o mundo são fruto da influência das mentes espirituais sobre o espírito daqueles que ainda se encontram no mundo. Quando os homens percebem que é possível obter ajuda dessas fontes, farão grandes coisas, porquanto para aqueles que já fizeram a passagem, as fontes de informação, embora não sejam ilimitadas, são vastas em comparação com as da Terra. Os segredos da Atlântida e do antigo Egipto são passíveis de ser obtidos se eles se derem ao trabalho de os descobrir.

Eu disse-te igualmente que aqui, "os semelhantes se atraem." Se um ser humano se encontrar espiritual e intelectualmente subdesenvolvido, e viver apenas na esfera dos sentidos, os amigos espirituais que atrai serão de uma ordem bastante indesejável. Serão as almas daqueles que não tinham desejo de viver nada para além de uma vida de gratificação animal, e que pairam continuamente sobre o mundo e as suas antigas assombrações, a tentar obter um tipo de prazer indireto de segunda mão, dos atos das pessoas que agora lhes seguem os passos.

Tendo-te dito algo sobre os "Guias," falarei agora de alguns Elementais charmosos, e vou-te traçar um epigrama, Mãe. "Tudo na vida animal, no reino vegetal e das flores, no auge do seu desenvolvimento, possui uma certa semelhança com a humanidade, por a entidade humana ser a expressão máxima da demonstração da vida de modo físico no plano terreno."

Assim, quando um cão, por exemplo, ou cavalo, é amado e tratado por alguém, é dito que o animal se torna "quase humano" na inteligência que demonstra. Existem formas-pensamento da natureza, algumas delas feitas por emanações, o "excesso de vida," por assim dizer, das flores. São as chamadas "Fadas," que não são -- conforme pensávamos ao superarmos a infância -- tão só mera criação encantadora da imaginação, mas de facto existem, e foram vistas no começo por aqueles que viviam em contacto com a natureza e tinham olhos imaculados para ver as maravilhas e belezas do mundo de Deus.

Essas criaturas possuem inteligência sem serem intelectuais, e são quase humanas na forma. Queres saber por que elas assumem essa forma? Bem, toda a vida deve adotar alguma forma quando emana, e por que não essa? Afinal, não existirá semelhança entre a minúscula semente que se semeia no solo e a linda flor que eventualmente brota dela? As formas-pensamento das flores são o lado espiritual das suas vidas no plano físico e são mais intensas do que as formas-pensamento humanas, por a vida que lhes chega constituir um fluxo constante e contínuo, enquanto a fornecida pelo pensamento humano varia e flutua. As flores aqui não têm formas espirituais, pois elas próprias são espíritos.

Sei que por vezes achas muito difícil seguir as minhas explicações, e eu acho difícil explicar, pois as nossas experiências são limitadas, e a linguagem é limitada e inadequada para expressar as coisas espirituais. É como tentar explicar as glórias de um esplêndido pôr-do-sol a um homem que nasceu cego. Afinal, só podemos julgar as coisas através das impressões passadas, e quando estas faltam, só podemos acreditar se estivermos dispostos a aceitá-las, através da "fé, enquanto evidência das coisas não vistas, que representa."

Queres saber o que penso agora sobre a Religião, e se as minhas ideias sobre a reencarnação mudaram as ideias que tinha do Cristo? Bem, querida, vou responder à última pergunta primeiro. Acredito que Cristo é uma personalidade grandiosa e maravilhosa, um notável espírito na forma de homem, tão próximo quanto possível de Deus, porque a força de Deus toca muito forte dentro e através d'Ele, um instrumento adequado e recetor desse poder. Há uma razão específica pela qual Cristo foi enviado. Deus guiou-o em

especial; a consciência de Deus dentro dele era muito aguda. Ele sabia que era o instrumento e filho de Deus.

Ele foi enviado para ser o exemplo do homem de todos os tempos, para ensinar quão pura, santa, simples, digna, útil e bela a vida pode ser sem qualquer ajuda material de dinheiro ou posição social, e para provar a continuidade individual da vida após a morte. Mas Ele não veio para salvar os homens dos *resultados* dos seus pecados. Essa é uma teoria cómoda, porém, não é verídica.

Aqui, aprendemos que todo homem precisa merecer a sua própria salvação. O pecado é uma violação nas leis de Deus e acarreta as suas próprias consequências invioláveis, que devem ser entendidas pessoalmente por cada um. Bem que poderemos igualmente pôr a lei da gravidade em movimento e esperar que ela não opere. Os seguidores de Cristo pretenderam que a Sua morte foi um sacrifício pelo pecado, por naturalmente consideravam Deus somente como as pessoas do seu tempo O concebiam, como um tirânico Jeová em cujos altares corria o sangue de animais sacrificados.

Conforme o homem evolui, ele aproxima-se da verdade espiritual, e sabemos aqui que isso é infinitamente maior e mais maravilhoso do que qualquer coisa já contada. Percebe-se que a apresentação de Deus geralmente pregada na Terra está inteiramente incorreta. Ele não é um mortal glorificado sentado num trono dourado, não é um Deus vingativo nem ciumento -- de certo modo, nem mesmo é um Deus "pessoal" a ser conquistado a fim de conceder dons especiais a uns poucos favorecidos. Ele não é finito, mas infinito; mas, por ser tão difícil perceber um facto tão vasto, sentimos na Terra vontade de localizar e limitar a ideia que temos de Deus de modo a enquadrá-la no nosso entendimento.

Deus está encontra-se toda parte e em tudo: nas árvores, nas flores, no ar e no sol. Deus é tudo de bom, toda beleza, toda pureza. Deus não é limitado, nem existe apenas nas sete esferas; também existe no espaço além, pois Ele preenche todo o espaço. Todo o universo é de Deus; os planetas giram a partir do poder de Deus que encerram, impelidos e apoiados pelo poder exterior. Deus é criativo, d'Ele jorra toda a vida. O homem elementar é uma manifestação do poder de Deus através da forma, que na criação inferior se

manifesta de um jeito diferente, embora ele possa deteriorar-se e chegar a ser menos do que ele é.

Toda a vida projetada em corpos humanos é um "pedaço de Deus" e somos, em consequência, verdadeiramente Seus filhos e, por isso, imortais.

Deus trabalha automaticamente. Aqueles que vivem em harmonia com as Suas leis podem obter grande poder; e com o tempo, também descobrem aquela satisfação da alma que traz a paz que ultrapassa toda compreensão. Não apenas sei disso, mas sinto-me realmente consciente disso: se fores um raio do sol, não podes deixar-te enganar por uma vela de sebo. É por isso que é falso e incorreto ensinar aos homens que são "miseráveis pecadores" por nascimento. O *corpo* não é o homem; o seu espírito é de Deus. Por mais ignorante que um homem seja desse facto, a sua alma na sua débil consciência sabe disso e habitualmente, numa emergência, a "centelha divina" afirma-se, e o homem eleva-se à grandeza da ocasião. Isso foi provado muitas vezes nesta guerra.

As leis de Deus são tão firmes, tão regulares e tão eficientes que podem operar com grande vantagem no comércio ou na organização de qualquer tipo na Terra, desde que estas coisas alinhem com elas.

7
UM DIA DE TRABALHO

Queres que eu te dê detalhes de um dia típico da minha vida? Sabes que não existe tempo aqui; isso é apenas uma limitação do plano terreno; assim, vamos fazer disto um dia pelos teus cálculos e supor que começamos à meia-noite, pois é quando venho até ti. Sabes, pois já te disse muitas vezes que, ao dormir, a tua alma vem até aqui e passamos horas juntos, e que por vezes guardas vagas recordações de coisas que aconteceram tal qual num sonho.

Milhares de pessoas vêm desta maneira todas as noites, e ficam mais despertas e vivas enquanto estão aqui do que na Terra nos seus corpos mortais. Para isso, as pessoas precisam ser espiritualmente, até certo ponto, evoluídas. Pois bem, nós vamos juntos a vários lugares; por vezes, trabalhamos na terceira esfera, dentre aqueles que acabaram de despertar

no mundo espiritual e se acham confusos, perplexos e estranhos no seu novo ambiente. Explicamos-lhes onde estão e trazemos os seus amigos a vê-los.

Sei que te parece curioso que sejas capaz de fazer isso ainda melhor do que eu, por tu ainda estares num corpo mortal; mas essa é a razão exata. Vê bem, tu és a "casa a meio do caminho," por assim dizer, pois ao longo deste pequeno cordão que liga a tua alma e corpo viajam pensamentos e desejos do mundo em que vives. Estás, por conseguinte, mais em contacto com a Terra e trazes contigo a tua atmosfera, e assim te sentes mais familiarizada com alguém que tenha acabado de chegar. Ainda és controlada e limitada pelo teu corpo terreno enquanto estás ligada a ele.

Na noite de antes de ontem, estivemos a ajudar um menino que não conseguia perceber a nova condição em que se encontrava, quando a sua mãe chegou, a quem ele havia sido dedicado (ela encontrava-se no mundo dos espíritos há dois anos). Ele desatou a chorar e disse: "Agora sei que estou a sonhar, porque a minha mãe está morta e nunca mais a verei." A mãe pôs-lhe os braços ao redor e beijou-o, e deixámo-los juntos.

As reuniões e reconciliações aqui são maravilhosas e emocionantes; tu e eu habitualmente abraçámo-nos pela alegria e compreensão. Outras vezes, levo-te a ver uma das belas cenas nas esferas superiores que te descrevi. Estivemos juntos no país "Azul," onde há uma cadeia de montanhas maravilhosa que impressiona pela sua grandeza curiosamente suave: não há pedras escarpadas nem contornos irregulares; os picos são majestosos, mas suaves e arredondados, e cercam-nos por todos os lados. Até onde a vista consegue alcançar, a cor em todos os lugares é de um azul de matizes variados, quase cinza no topo da montanha a de púrpura nos vales, e cada sombra intermediária maravilhosamente misturada entre os dois.

A cor tem propriedades notáveis. Neste caso, cada cor está confinada a uma determinada localidade. A alguns quilómetros de distância, tudo varia de modo normal. Há também um país "Rosa" e um "Amarelo." Obtêm-se esses efeitos na Terra certas vezes por alguns minutos sob o brilho do pôr-do-sol. O Azul é uma cor espiritual; o Rosa, uma condição de amor e o Amarelo, uma cor intelectual. Esses efeitos de cor ajudam os espíritos, não por emitirem, mas por estimularem a perceção dessas qualidades particulares. Como sabes,

aqui no "Paraíso," os espíritos estão a aprender e a progredir, mas ainda estão bem longe da perfeição.

Vários vêm para aqui bem desenvolvidos mentalmente, mas carentes de espiritualidade; outros são muito espirituais, mas requerem aquela qualidade mental necessária para que sua a espiritualidade seja mais do que um êxtase divino; enquanto alguns negligenciaram o cultivo junto com estes belos dons, o suficiente de amor e caridade essencial àqueles dispostos a suportar os fardos dos outros e assim cumprir a lei de Cristo, que é o verdadeiro caminho do progresso. As pessoas na Terra estão agora a reconhecer as propriedades das cores e a começar a usá-las em pequena escala. Elas são úteis na cura de certas doenças, pois têm um efeito marcante sobre as condições mentais e, como sabes, diversas luzes coloridas provocam certas mudanças curiosas nas plantas e nas flores.

Quando é a hora de regressares, trago-te de volta e depois volto para casa descansar. Banho-me no lago e, revigorado, volto à Terra para ajudar no campo de batalha ou, se não for necessário, continuo a estudar as leis psíquicas. Depois disso (no que representaria a tarde para ti) distraio-me e divirto-me; mais tarde, procuro amigos na Terra. Em outras ocasiões, ouço música, que é bela aqui além da descrição; emocionante. Sabes que eu costumava não lhe dar muita importância na Terra antes de vir.

Diz ao pai que, quando ele toca piano à noite, eu sempre vejo a música que ele executa em "cores." Quase todas as teclas principais são como cores primárias. O "Dó" e o "Sol" parecem-se especialmente vermelho e amarelo, o "Mi" não tão decididamente. O "Ré," o "Fá" e o "Lá" são cores secundárias como malva e verde e certos tons de violeta. O "Si" é branco. Os sustenidos e os bemóis são variações dessas, e tingem de uma mistura de cores. As cores variam em relação às outras notas tocadas; assim, um "Dó" sustenido, embora na verdade seja a mesma nota no piano, é diferente quando usado como "Ré" bemol.

Ocasionalmente, falo com as pessoas mais interessantes, homens notáveis que na Terra foram grandes estadistas, estudiosos, poetas, músicos, professores etc. Aí, claro, eu jamais os teria conhecido; diferenças de idade, posses, posição etc., torná-lo-iam impossível, mas aqui não há barreiras artificiais, e uma comunhão de interesses é um laço suficiente de amizade.

Dizes estar surpreendida por alguns dos homens que mencionei não terem progredido mais. Bem, poderiam tê-lo feito se assim quisessem, mas muitos anseiam por ajudar os que ainda estão na Terra para ver o trabalho e as ideias que eles próprios originaram; outros permaneceram para ajudar os amigos nesta crise mundial.

Quando se vai para além da terceira esfera, o contacto torna-se mais difícil, e é apenas quando nos começamos a sentir "impessoais" e não possuímos nenhum interesse direto deixado nas pessoas no plano terreno que desejamos prosseguir. Eventualmente, esses espíritos com toda a probabilidade acabarão por progredir mais rapidamente através desse trabalho, pois, à medida que ajudam os que estão abaixo, também recebem ajuda de espíritos superiores de acordo com as suas necessidades.

A lei da compensação funciona desse modo até mesmo no vosso mundo, pois, se o amor for dado de modo altruísta, generoso e sábio, será devolvido numa medida maior pelos espíritos na vida maior, através do pensamento e da influência que se materializarão de acordo com os requisitos do plano terreno. Enquanto isso, a vida é muito afortunada aqui e cheia de interesse; até mesmo o pesar e a dor daqueles que amamos e deixamos para trás não nos afetam como antes, pois é possível ver além do problema do dia e saber que é só por pouco tempo.

8
GENTE, CRIANÇAS E AFINIDADES DIVERSAS

O que torna este lugar tão interessante é a diversidade de pessoas nele existente; o mundo é interessante pela mesma razão. Deveria ser muito sem graça se os seres humanos fossem todos do mesmo padrão estereótipo físico e mental. Acho que foi isso que tornou a velha ideia do céu convencional tão pouco convidativa; seria preciso perder toda a individualidade e virar um "anjo padrão" para se adequar ao ambiente, ou perder o sentido de humor, pois consegues conceber a ideia dos nossos amigos, grandes e pequenos, velhos e jovens, gordos e magros, alguns conhecedores de música ao contrário de outros, sentados, vestidos de branco, a tocar harpa. . .

De facto, quando finalmente chegarmos àquele Céu que creio existir, talvez tenhamos ficado "estereotipados" em certa medida, pois deveremos ser tão

refinados de modo a tornar-nos "espíritos" perfeitos, e bem mais próximos de Deus. A nossa alegria poderá então centrar-se na música, por esse ser, creio bem, o sentido mais primoroso e, mesmo aqui, ela me deixar emocionado e fascinado; e tu sabes que eu não era um espírito musical, e dificilmente me elevava a algo além de uma melodia cativante e popular, ou o "Dó, ré, mi," a que tu te opunhas! Suponho que essas ideias tiveram origem nas visões de santos que não percebiam estar a ver estados "distantes," e pensavam serem condições subsequentes à morte.

Um homem engraçado que conheci aqui, a seu modo bastante "excêntrico," diz que acha que, após passarem pelas sete esferas de que ouvimos falar a respeito, os espíritos devem ir para ainda mais longe, caso contrário até esses lugares eventualmente acabariam superlotados um dia. Ele pensa que eles podem ir para a lua! Ele *não* tem base alguma para argumentar tal teoria; ela é, reconhece ele, apenas uma ideia sua! Se a reencarnação é um facto, como penso que seja, então é claro que não haveria sobrelotação, pois uma leva muito grande de espíritos sempre retorna para mais experiências terrenas. De qualquer modo, como isso está provavelmente a milhares de anos à frente, haverá muitas oportunidades para estudá-la mais adiante!

Também conheço alguns homens aqui que se interessam muito por engenharia e tentam inventar dispositivos de todo tipo. Eles acham que será possível inventar máquinas bem pequenas que permitam aos homens voar, não sentados num avião, mas impulsionando cada indivíduo em separado através do ar; não alto, apenas um pouco acima do solo. Isso haveria de requerer um enorme poder bastante comprimido num espaço pequeno, de modo que se poderia prender, digamos, uma grande mochila nas costas e navegar ao longo do solo sem fadiga*. Pode vir a acontecer um dia destes, mas não creio que seja no teu tempo, mãe.

**(NT: Tal engenho já existe, mas é preciso ter em mente que esta ideia foi avançada no começo do século vinte, quando a aviação estava no seu início.)*

Outro homem que conheço acredita que pavimentos móveis erguidos a uns 4 metros e meio da estrada, segundo o princípio das escadas nas estações de metro, serão usados nas cidades grandes e sobrelotadas. Os pavimentos iriam numa direção de um lado da estrada e noutra do outro lado, com escadas e plataformas estacionárias em intervalos. Não seriam necessários

assistentes, pois os ingressos não existiriam; as despesas viriam dos impostos, e seria gratuito para todos -- embora eu reconheça que os garotos achariam essa novidade irresistível até que se acostumassem a ela! Economizaria uma boa quantidade de tráfego de veículos. Ainda existiria o pavimento comum abaixo para aqueles que desejassem andar devagar ou olhar para as lojas. . .

Queres saber algo mais sobre as crianças que vêm para aqui? Lembra-te de como ficaste bastante surpreendida quando te descrevi o teu irmão John e tu não o reconheceste quando falei que ele era um homem adulto; sempre pensaste nele como uma criancinha. Ele apresenta aspeto de ter a minha idade: é claro que, na vida terrena, ele teria mais de quarenta anos. Aqui os pequenos crescem, mas jamais envelhecem, pois não têm os cuidados, as preocupações nem as dores de um corpo material a incomodá-los.

Muitas mulheres aqui cuidam desses pequeninos. Algumas deixaram as crianças que amavam na Terra; outras, sem filhos, mas que adoram as crianças, cuidam deles. Toda criança, mesmo que indesejada na Terra, pode encontrar uma mãe amável aqui. Muitas mães terrenas vêm à noite quando o seu corpo dorme, ver o seu bebé, e embora a sua mente consciente limitada possa concebe-lo como uma eterna criança, a mente do espírito sabe dos factos e, assim, ela o reconhecerá quando ela própria vier para cá permanentemente. Essas crianças crescem em alma, espírito e corpo; que é justamente tão forte e tanto mais substancial do que um corpo terreno, pois é indestrutível.

Elas são todas lindas em grau variado. Aprendem depressa, pois possuem abertura de espírito: não têm consciência de que o mal existe, pelo que mais prontamente absorvem mais tudo o que lhes é ensinado aqui, e muito em breve passam para os planos superiores. Enquanto na terceira esfera, elas retornam à Terra para brincar com as crianças de lá. Faz parte da sua educação e capacita-as na compreensão e, assim, mais tarde, ajudam as outras ainda no corpo mortal.

Como muitas crianças no mundo são clarividentes, elas frequentemente veem esses espíritos companheiros e, se pudessem reter essa consciência, ser-lhes-ia de grande ajuda mais tarde, na vida. Infelizmente, muitos adultos que não entendem esses factos desencorajam a ideia e, com o tempo, a

criança perde essa consciência. Todas as crianças aqui veem o Cristo: parecem instintivamente entendê-Lo e à Sua Mãe. Tendo ocupado um corpo mortal por tão pouco tempo, elas facilmente retornam às coisas do espírito...

Agora você quer saber o que acontece quando um dos membros de um casal morre jovem e o outro vive até envelhecer? Bem, até certo ponto, isto depende da vida daquele que tenha sido deixado na Terra, a extensão em que a morte os tenha separado. Os poucos anos de tempo não fariam muita diferença. Vou-te dar alguns exemplos de casos que conheço, e explicar através deles o que quero dizer.

A alma na verdade não "envelhece" permanentemente, embora carregue as impressões do corpo quando vem pela primeira vez, mas, aos poucos, e livre de preocupações materiais, os sinais da "idade" aqui desaparecem e o corpo espiritual assume o aspeto de um adulto no auge da vida e em perfeita saúde. A princípio, não se pode dizer, apenas por olhar uma pessoa do modo ordinário no plano terreno, como as suas almas pareceriam ao se libertar do corpo; pode-se julgar pelo carácter, porventura.

Conheço um homem aqui (chamemos-lhe "Charles") que veio há catorze anos, e deixou a esposa (nunca falamos de viúvas aqui), a quem ele foi dedicado. Eram verdadeiramente afins e espiritualmente desenvolvidos, e embora não professassem ser Espiritualistas, ela estava tão ciente da contínua existência do marido que buscou viver tanto quanto pôde, pois sabia que ele o desejaria. Ela não negligenciou nenhum dever, não fez nenhum drama do seu grande pesar e estudou de todos os modos a fim de ser um par dele mental e espiritual para quando se juntasse a ele. Ela veio recentemente, e parece tão jovem quanto ele.

Conheço um outro caso de tipo diferente (tratemos o marido por "Tom"), de um jovem casal que se casou no início da guerra. Ele foi morto na frente de combate um ano depois. A esposa fez um grande drama da sua dor, envergou roupas de luto caras e elaboradas, até pensou em suicídio, mas decidiu que era muito doloroso! Então, descobriu que poderia comunicar com o Tom. No fim, ele não pôde voltar para falar com ela, pois ela só queria que ele a ajudasse de várias maneiras materiais, e o deixava triste com críticas e reprovações constantes.

Encontrando-se fora do mundo físico, ele não estava mais em posição de a ajudar aí, e ela não tinha interesse por coisas espirituais nem intelectuais. Nestas circunstâncias, a sua alma não se desenvolverá de modo apropriado, e "envelhecerá" por falta de cuidados. Ela casou de novo, mas "Tom" não se aflige; entende perfeitamente que eles não combinavam, e tivessem vivido na Terra por mais tempo juntos, logo acabariam por descobrir isso.

9
AS DIFICULDADES DA COMUNICAÇÃO

Provavelmente não há questão que exija ser considerada com tanto cuidado quanto esta do "Espiritualismo." Sabes o quanto é essencial usar o teu próprio discernimento na matéria, e bom senso para sopesar tudo o que te é dito. Há tantas limitações a serem consideradas -- as do consulente, as do médium e as do espírito; e estas são muito sérias. Na comunicação, a mensagem espiritual vem primeiro do espírito, que precisa concentrar-se para a passar ao "controlador" (o espírito que de facto usa o corpo do médium), que tem que a impressionar no cérebro da médium até que os nervos e músculos da boca e língua desta reajam à ação do cérebro e enunciem a mensagem tal como é passada. Frequentemente, acho maravilhoso o quanto é passado assim, ao se perceber as múltiplas dificuldades.

Os preconceitos da médium, as impressões do eu subconsciente do consulente, a telepatia inconsciente de outras mentes, e por aí fora, precisam ser levadas em consideração. A telepatia não é tão fácil quanto algumas pessoas imaginam; se fosse, não haveria dificuldade alguma em satisfazer um consulente que se dirigisse a uma médium, pois esta faria apenas uma leitura mental, ao passo que muitos vão de mãos vazias.

Dizes que os espíritos constantemente dizem através das médiuns que os consulentes têm um grande trabalho a fazer, talentos maravilhosos etc., e tu não entendes isso, já que essa gente eventualmente não faz nada de especial. Bem, os amigos deles do espírito podem ver que elas têm a capacidade; se farão uso dela é outra questão. Assim como na escola, um professor pode perceber que muitos de seus alunos têm um talento excecional em vários sentidos e, de facto, pode ser que sim; mas daí não se segue que se venham a

sair bem na vida, pois isso depende inteiramente do uso das suas capacidades. Mas sendo informados das suas possibilidades, a sua ambição pode ser despertada para um esforço especial.

Tenta desenvolver os teus próprios poderes psíquicos, caso sejam suficientes de modo que faça valer o tempo gasto para teu próprio conforto. É certo que todos devem tentar cultivar "dons espirituais." Obviamente, não são termos sinónimos. É possível ser extremamente psíquico e me nenhum sentido espiritual. O talento psíquico é um "dom" como a música, a pintura, a escrita etc., e tal qual esses outros, pode ser usado para coisas bonitas e boas ou o contrário. Todos podem aprender a viver em dois planos, o material e o espiritual, ser um "místico prático," conhecer as verdades, as maravilhas e as belezas da vida espiritual, bem como realizar os deveres e tirar proveito dos prazeres da vida física.

Muitas pessoas seriam grandiosas, no mais elevado sentido da palavra, se apenas acreditassem que a fonte do bem e do conhecimento ilimitados se acha à disposição para ser utilizada. O seu suprimento é ilimitado, a única limitação está na sua própria capacidade. Temos consciência e lembramos no mundo espiritual tudo o que ocorreu na nossa vida terrena (isto é, se quisermos lembrar, poderemos fazê-lo), pois a mente subconsciente é muito ativa aqui. Se eu pudesse vir até ti e falar-te diretamente com a boca do meu espírito, tu obterias qualquer teste que quisesses; mas, como é, tenho de operar através de um cérebro e de uma personalidade estranhos.

Por vezes, as pessoas dizem: "Por que razão o meu ente querido não vem até mim diretamente?" O "ente querido" provavelmente faz isso com muita frequência, mas não pode fazer-se ver nem ouvir e, se pudesse, talvez assustasse os parentes, caso não estes entendessem. Os "controladores" escolhidos para as médiuns são geralmente crianças ou outras pessoas ditas "não instruídas," por os seus cérebros estarem mais ou menos "vazios" e manipuláveis; caso contrário, podes imaginar que isto poderia adicionar ainda mais dificuldades e limitações às comunicações.

10
AS ESFERAS E A FONTE DE TODO O PODER

Os nossos corpos aqui não são feitos de éter; nós chamamos-lhes assim por serem corpos pelos quais nos manifestamos na esfera "etérica." Os vossos corpos físicos andam no plano físico; são terrenos. Embora vocês os chamem de "físicos," não parecem realmente da Terra; parecem uma coisa à parte. A nossa esfera situa-se no éter, repousa sobre o éter, não na Terra nem perto do plano da Terra, nem interpenetra a Terra, como algumas pessoas pensam.

A nossa Esfera é criada e formada no éter; portanto, podes chamar-lhes de planos "espirituais" ou "etéreos," se o desejares. O meu corpo, conforme eu existo neste plano Espiritual ou Etéreo é um corpo espiritual ou etéreo, tal como o meu corpo físico era chamado "físico" quando eu operava no plano físico. Extraímos o nome do corpo do plano em que nos situamos; corpo "físico" para o plano físico, corpo "astral" para o astral e "etéreo" para o plano etéreo.

O meu corpo atual é feito de substâncias químicas, gases e átomos -- átomos certamente de um tipo mais subtil do que o que se encontra no plano da Terra, e que são mantidos juntos do mesmo modo que os átomos do corpo físico, mas este corpo não se desintegra como o físico, por a vida na terceira esfera certamente ser tão longa, e talvez muitas vezes mais, do que a do plano terrestre. Há algo de substancial com respeito ao meu corpo espiritual. Supõe que eu tenha de deixar o terceiro plano e ir para o quinto, sexto ou sétimo plano (de verdade e não por uma questão de visita).

Aí, sei que todo o meu corpo etéreo passaria por uma mudança: os átomos seriam de um tipo ainda mais leve, porque, quanto mais me aproximo da força divina, ou força da vida, mais força vital existiria no meu corpo a manter esses átomos juntos. Devido a essa força maior das esferas superiores, precisaríamos de menos matéria química.

No terceiro plano, o corpo na forma dos seus constituintes químicos é muito semelhante ao do plano terreno; não tanto em quantidade, mas o mesmo em espécie. Não é certo que o hidrogénio e os gases ou produtos químicos similares possam ser obtidos de modo mais rude (ou grosseiro) ou num

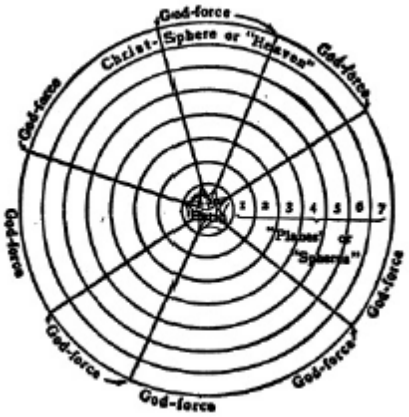
estado mais refinado, um estado mais leve, mais leve em termos de pressão? Os nossos corpos são feitos de uma variedade extremamente refinada. Toma, por exemplo, o carvão, mãe; pode-se acendê-lo em estado bruto e obter-se uma chama grosseira de gás, ou mesmo se não o acendermos, sabemos que contém gás de um tipo grosseiro.

Se esse gás for aproveitado e passar por certos processos, ficará por natureza mais puro e mais refinado, simplesmente por ter passado por esses processos. Passou e foi submetido a algo, e está mais longe da sua fundação no pedaço de carvão. O gás é retirado do carvão, soprado ao longo da corrente e, quando chega ao outro lado, é capturado num estado mais puro. Agora chegamos à questão. Os gases e as substâncias químicas que compõem os nossos corpos físicos, sabemos, não precisam ser extraídos apenas da superfície do plano terreno, ou logo acima dela.

Provamos que esses gases existem a alguma distância do plano terreno. Quanto mais longe se chegar, mais pura e refinada será a natureza desses gases e produtos químicos. Assim como o teu corpo físico é constituído pelos gases mais densos que pertencem ao plano terreno, os nossos corpos são feitos dos gases mais finos que existem no ar ou na atmosfera do nosso plano.

Vou-te traçar um pequeno gráfico. Desenha um círculo para a Terra; em volta deste, coloca sete círculos um fora do outro, em representação das sete esferas. Fora deles, a preencher todo o espaço, está uma força enorme, uma força real que parece conter ou consistir de muitos poderes ou forças poderes que achamos ter descoberto no plano terreno; a eletricidade, o rádio etc.; mas há muitas mais ainda não vislumbradas no plano terreno, mas que sabemos estarem contidas nela, a força divina ou força vital.

A electricidade sempre existiu, mas não sabíamos como usá-la. Cito o "rádio" e a "eletricidade" porque, de outro modo, poderias perguntar-me que força é essa, e por que a designamos como uma força. Sabemos que é uma força porque sabemos que tudo o que tem vida é animado por essa força, e quanto mais nos afastarmos do plano terreno e nos aproximarmos dela, mais poderemos sentir a força.



A eletricidade é apenas um dos muitos constituintes da força, mas sabemos que há outras manifestações de poder nela; ainda não sabemos o que chamar-lhes, pois não foram descobertas no plano físico, onde Deus queria que toda a Sua obra e toda a Sua bondade fossem encontradas pelo homem. O homem designa estas coisas e adquire consciência, compreensão e controlo delas. No mundo espiritual, não lhe damos um nome, entendemos que é um poder enorme e não a designamos; apenas a sentimos, e sabemos que existe; mas à medida que esse poder penetra através das esferas espirituais e atinge o plano da Terra, parece dividir-se em diferentes formas ou manifestações de poder; ou seja, existe no poder do homem para o usar para diferentes fins.

Embora pareça vir numa condição maciça, ao tocar o plano da Terra, ele divide-se em diferentes manifestações ou tipos de poder. O homem só recentemente aprendeu a usar alguns desses poderes e a extrair e conservar uma certa parte, como a eletricidade, por exemplo. Com a eletricidade, ele aprendeu a usá-la, "gerá-la," como ele diz; o que significa que aprendeu a extrair parte do poder coletivo e a convertê-lo numa espécie particular de forma de poder.

Eu disse-te, antes, que a força de Deus une todas as coisas no plano da Terra; anima-as. Toma uma coisa humilde; um repolho, por exemplo. Digo que é a força divina (ou força vital, caso prefiras chamá-la isso) nesse repolho que o mantém vivo. Quando essa força é retirada, ele morre, desintegra-se (alguns pretensos indivíduos espirituais dirão: "E que dizer da força divina quando é fervida?") O processo de ebulição eliminaria parte da força vital, e o que restasse seria transformado ou convertido numa forma diferente.

Algumas pessoas dirão: "Isso é tudo uma tolice; o repolho é feito de tantas onças disto e tantos dracmas daquilo." Muito bem, pode ser que seja; mas só se manifesta e é mantido por a força divina ou vital o ter projetado, e o estar a manter na existência. Assim que a força vital se esvai, um dos gases começa a diminuir e o repolho deteriora-se e fica bolorento, a seguir outro material é forçado a sair, pois apenas a força vital os mantém e retém juntos. Dar-te-ei uma ilustração grosseira.

Supõe que queiras fazer um pedaço de gesso. Pegas no pó seco e liga-lo junto com um pouco de água. A força divina ou vital é para toda matéria atómica o que a água é para a matéria seca; ela consolida-a. Todo o universo está cheio de átomos em rotação, mas a menos que sejam reunidos e solidificados numa massa, tu não os verás. Pega num punhado de terra. Os químicos, empregando certos gases, podem soprar a terra visível (e os gases empregados podem não o ser) e torná-los numa invisibilidade absoluta. A terra é apenas um grupo de átomos reunidos numa forma sólida; caso se possa espalhá-los o suficiente, voltarão para o universo de novo.

Voltariam para o espaço de onde vieram. Agora, em relação a um "tornado," tu poderias dizer: Poderia alguém distinguir, por qualquer meio, que esses sejam átomos de poeira ou de terra?" Eles são tão minúsculos que, embora fossem poeira, seria ridículo chamar-lhes tal coisa; soaria um termo exagerado, como alguém que chamasse um pequeno grão de terra de "pedaço de terra." Esses átomos não são notados no espaço.

Parece-me que os planetas são como partes de uma árvore, uma árvore frutífera e, em cujos terminais dos galhos, as coisas cresçam; frutas, folhas ou flores: a manifestação da vida para o observador está nas pontas ou nas extremidades dos ramos. A vida ou seiva vem do tronco, não é? Mas para o olho, isso acha-se oculto. Vê um cacho no final de um ramo como sendo o nosso plano terreno.

Do mesmo modo que a força vital escoa do tronco e ao longo do galho, e alimenta o cacho até que ele cresça, cresça e cresça, o mesmo ocorre com a força vital ao esticar um braço, digamos, para algum lugar no Universo, e reunir os átomos juntos pelo nutriente e poder que derrama nesse lugar particular, e mantém um cacho ou um mundo agregado. É um ramo de Deus, com as suas manifestações de vida na ponta do ramo. A árvore é o universo,

a força de Deus é a seiva que fornece a vida, os planetas são os conjuntos de frutos.

Tudo na existência é criado e mantido pela Força Vital; é a Força Vital manifestada de diversos modos. Sempre que há doença, significa que um pouco da Força Vital saiu de qualquer parte vossa que está doente. Quando a Força Vital é abruptamente retirada de um membro em particular, a manifestação da doença é mais percetível do que se a força vital fosse simplesmente retirada de todas as partes do corpo.

Os outros planetas têm as suas próprias esferas de espírito ao redor deles. Tudo de intermédio e ao redor de cada planeta é a força divina; se tu finalmente fosses além da sétima esfera, entrarias no espaço e tornar-te-ias parte do infinito. Não terias uma forma definida ou finita, pois não serias mais finita; serias apenas uma consciência. Como no estado físico, estamos mais cientes do físico do que de qualquer outro, do mesmo modo se progredíssemos e nos tornássemos parte do infinito, ficaríamos ciente de Deus e somente de Deus. Não gostarias de expressar nem de impor a tua insignificante personalidade aos outros; contentar-te-ias em ser de Deus e do grande infinito; isto seria ser divino.

Seja qual for o estado em que estejas, serás consciente nesse estado. Como na Terra somos conscientes do estado físico, imaginamos por que não nos tornamos mais conscientes do astral; no espiritual, tornamo-nos conscientes do estado espiritual; no infinito tornamo-nos conscientes somente de Deus.

Posso-te dizer que ninguém que tenhamos alguma vez conhecido nem ouvido falar de ninguém alguma vez terá entrado no infinito. Provavelmente serão precisos alguns milhões de anos antes que desejemos entrar no infinito; isso significa submergir a personalidade. Todo desejo pessoal precisa fenecer; temos de aprender a desejar pertencer e ser como Deus. É aí que a velha ideia de sacrifício entra; equivale a abrir mão de algum desejo pessoal...

Sempre começo pretendendo mostrar-me factual e científico, e me vejo de volta às grandes verdades espirituais para as quais a ciência representa apenas um ponto de partida. Entendo porque os espíritos não retornam e revelam mais sobre a "constituição" do mundo espiritual de modo científico. Há tanta coisa tão difícil expressar por palavras, em especial quando temos

que imprimir em outra pessoa (ainda limitada pelo corpo físico -- a médium) aquilo que para nós é uma grande luz reluzente -- a verdade. Nós sentimo-la, movemo-nos nela, exalámo-la; mas ela é uma coisa grande e vasta demais para explicar numa hora ou assim, pois assim que começo a explicar uma coisa, vejo que isto me leva á necessidade de explicar outra, e mais outra e assim sucessivamente. Estamos mais próximos do infinito do que vocês e, por isso, estamos naturalmente mais cientes do poder do infinito, e não exigimos tê-lo manifestado em detalhe nem de uma forma finita na mesma medida que vocês. As pessoas no plano terreno clamam pela materialização; não percebem aqueles que passaram a menos que possam vê-los de alguma forma.

Aqui não "vemos" o Cristo habitualmente, mas sentimo-lo e estamos cientes d'Ele o tempo todo; mas caso me perguntes como sei disso, não to poderei dizer. O éter é uma das manifestações da Força Vital. É-me difícil explicar; ela se espalha através dele como a humidade no ar. O éter não é um "poder" como a eletricidade, que produzimos a partir do embrião. O éter não é uma força nesse sentido. Ele é um estado ou condição que impregna o universo, mudando em grau ou carácter à medida que se afasta da Terra. Interpenetrando tudo na Terra, todas as esferas, todo o universo, todo o espaço, existe um tremendo poder que é Deus, ou o que (para simplificar) nós chamamos de força Divina. Graças a essa força divina todas as coisas vivem. A sua retirada significa a morte.

11
LIMITAÇÕES FÍSICAS

Nós, na Terra, com mentes finitas, frequentemente visualizamos ou pensamos em Deus numa forma ou formato finito, tal qual um homem, porque, para nós, esta é a máxima experiência da vida manifesta. Pode-se imaginar que isso limite Deus. Temos a tendência a fazer isso com todas as coisas além da nossa esfera física.

Disse-te que temos atmosfera aqui. Assim como visualizamos Deus, mas sabemos que Ele é mais do que podemos visualizar, muito mais refinado e maior, assim é a atmosfera da esfera do espírito com relação à atmosfera do plano terreno; não se pode visualizá-la com uma mente finita. Deus não é do

conhecimento da ciência, por a ciência não poder aferi-Lo nem classificá-Lo. Mas isso não prova que não exista um Deus. Dá-se o mesmo com muitas coisas do mundo espiritual.

Em qualquer altura dentro dos próximos mil anos, o tipo de hidrogénio mais leve e mais refinado de que falei poderá ser descoberto pela ciência, mas não será conhecido por nenhuma das designações que referimos aqui; será designado e classificado pelo homem quando ele o descobrir. Chamei-lhe um "tipo de hidrogénio" porque essa ser, segundo me parece, a abordagem mais próxima dele no plano terreno, e devo chamar-lhe algo que te proporcione uma ideia à mente que possas "compreender." É uma coisa definida.

Não nomeamos as partículas nem itens da grande força universal ou poder que permeia e é o ser de tudo o que existe. É apenas quando o poder é filtrado para o plano da Terra que vocês o dividem e descobrem diferentes partes, e as designam. Sei destas coisas definitivamente; não são ideias minhas nem "impressões," pois travei conhecimento delas com instrutores e guias de esferas superiores. Muitos outros aqui aprenderam essas coisas igualmente, mas não têm a oportunidade de as levar aos amigos na Terra.

Claro que nem todos que vêm para aqui aprendem essas coisas, pois alguns estão mais interessados em passar o seu tempo de outros modos. Supõe que um espírito aqui, algumas centenas de anos atrás, tentasse explicar a "eletricidade" ou o "rádio" a uma médium na Terra; como haveria de o fazer? Imagino que a médium acabaria na fogueira como uma bruxa ou feiticeira, e isso resolveria a questão! É de se imaginar que ela tivesse sido incapaz de expressar as suas ideias com clareza. Mas ainda nos encontramos na mesma situação.

Há etapas no desenvolvimento do homem: o físico, no qual ele vivencia e sente no plano físico; o mental, que é o científico; e o espiritual, que está acima de ambos, porque está mais perto de Deus. Não existem etapas fáceis do mundo físico para o espiritual; temos de sair de um, para fazermos parte e entrarmos no outro.

O homem é um estudante na escola de Deus, designadamente, o plano terreno, e precisa descobrir essas coisas com muito trabalho e estudo. Não é preciso saber quantos "dracmas" ou "onças" de uma substância qualquer

fariam comporiam outra substância; isto não nos ajudaria em absoluto. Poderás dizer: "Pois, mas isso ajudar-nos-ia; queremos saber." O vosso plano terreno é a escola e, quando o diretor apresenta um problema de Euclides ao aluno, ele não fornece a resposta antes que o aluno o tenha resolvido.

Não aprendemos coisas aqui em termos que vocês entendam; aprendemos coisas espirituais, que nos são necessárias, por nos encontrarmos no mundo espiritual e, para descobrirmos as coisas no vosso mundo, temos de trabalhar dentro das suas condições. A comunicação comigo é tão fácil que não acho que percebas o "grande abismo" que nos divide.

12
A RELAÇÃO QUE O HOMEM TEM COM DEUS

A paz do teu coração, apesar da grande ansiedade, vem do conhecimento inato de que, por mais que as coisas possam por vezes parecer ruins, "Deus está no seu Céu: tudo está bem com o mundo." A mente de Deus opera através das diversas esferas sobre o plano terrestre. É quase como se uma imagem fosse lançada de uma lanterna primeiro na sétima esfera; Deus projeta os seus pensamentos nela, e todos lá obtêm todo pensamento, desejo e vontade de Deus. Isso é tão claro para eles como se fosse fotografado na atmosfera ao seu redor, pelo que, para onde quer que se voltem, sabem o que Deus quer que eles façam.

Estas "imagens" ou pensamentos de Deus parecem ser compostos de milhões de "raios" (mesmo na vossa atmosfera existem "raios" dos quais vocês não têm conhecimento na Terra). Na sexta esfera, a imagem é como uma cópia da sétima, não tão nítida em linhas gerais nem detalhes, e por aí vai, diminuindo ligeiramente em clareza e nitidez de esfera para esfera, até chegar à primeira esfera, onde é muito mais enfraquecida, por se achar tão perto do plano terreno.

No plano terreno, ela torna-se realmente fraca; mas aí, o homem, que possui um enorme poder se optar por o usar, poderia reproduzir essa imagem caso se pusesse na condição mental e espiritual correta para tal fim, o que precisa ser reconstruído pela atitude do homem para tal fi. É o que quero dizer quando falo que podemos interpretar Deus se por isso optarmos. É dado ao

homem o poder de ver os caminhos e desejos de Deus, se ele deixar de lado o seu eu inferior por um tempo.

O guia que está a instruir-me disse que é importante que as pessoas se desenvolvam psiquicamente como um passo para o lado espiritual ou superior. Antes que as pessoas possam virar "psíquicas" de modo adequado, elas precisam desenvolver-se fisicamente assim como mentalmente. Tu dizes: "As médiuns geralmente não são instruídas." Sim; elas não convencem consequentemente, mas pela sua mediunidade, são um pouco melhores do que seriam sem ela. Ainda assim, não estou a referir o que seja *possível*, mas o que é *melhor*.

As pessoas precisam aprender a controlar o físico, o inferior, ou o que é chamado de parte "animal," e não dar lugar ao temperamento, à cobiça, à sensualidade, ao ciúme etc.; precisam cultivar o espírito, a parte superior ou divina, o "eu superior." Por vezes, o espírito tenta operar através do corpo (ou seja, desenvolver-se psíquica ou espiritualmente), e é impedido por gente que dá lugar a qualquer uma das paixões mencionadas. Isso comprova que elas precisam trabalhar mais para conseguir o controlo físico.

Já to disse antes, o teu espírito mesmo agora sabe e pode ver tudo; ele vê-me presentemente. A mente do espírito é a mente subconsciente; o teu espírito não pode pôr-se em contacto com a mente física, não pode ligar-se ao teu cérebro. Ela é incapaz disso porque tu não consegues concentrar-te em mim; o teu cérebro está a concentrar-se no que estás a fazer, não em ver-me. A tua mente consciente opera através do teu cérebro.

Ser "desenvolvido" significa que obtiveste tanto domínio sobre o teu corpo e cérebro que és capaz de te desprender de coisas e pensamentos indesejáveis. É esse poder que uma pessoa tenta desenvolver por meio da tranquilidade, da concentração e da oração. Vê o quão necessário é obter controlo total, de modo a comandar a natureza dos pensamentos, ser capaz de elevar o "eu inferior" para alcançar o superior.

Não se pode fazer isso sempre, claro, pois é preciso usar o cérebro físico para coisas materiais e para proteger o corpo físico dos oponentes. Por exemplo, se visses um homem a aproximar-se para te bater com um tijolo, não

adiantaria parar para ter belos pensamentos; precisarias *fazer* alguma coisa e muito rapidamente!

Por alguns momentos de prática consciente todos os dias, as pessoas podem se elevar de modo a aprender a "ligar" ou conectar a sua mente e espírito, o eu inferior e superior. Quanto mais e com mais frequência o fizerem, mais fácil se tornará, de modo que, em pouco tempo resulte uma espécie de semiconsciência desse belo estado que as ajude sempre.

O poder que se obtém através dessa "conexão" com o eu superior tem um grande efeito, não apenas no seu próprio eu físico ou inferior, mas também no das outras pessoas; isto mostra que, se a maioria pudesse acreditar e praticar isso, não haveria guerra nem inimizade no plano terreno. Isso cria praticamente um estado ou sentimento tangível. Esse é o poder dado pelo contínuo trazer ao organismo físico da parte do infinito que existe em nós próprios, e como é Infinito possui um poder infinito, bem maior do que o poder físico; é a personalidade ou temperamento.

Deus é uma personalidade impessoal. Ele é uma personalidade do bem, a sua personificação, mas um bem impessoal. "Por que chamar-Lhe pessoal?" Eu chamo Deus isso porque Ele emite certas forças ou poder, mas Ele espera que retornem (como, por exemplo, tudo o que Ele envia a habitar os corpos físicos). Supõe que imaginemos as pessoas como pequenas embarcações lançadas ao mar da vida por Deus do seu porto. O Seu pensamento vai para cada um deles: "Que tu voltes para Mim," e a embarcação lá vai.

Quando ela estiver fora por alguns anos, poderá ir a outros portos, portos malignos, e permanecer longe até ser danificada e ficar com as suas velas brancas encardidas; e então, ela talvez diga: "Não irei mais a nenhum oportuno ao acaso, mas tentarei voltar ao meu porto de origem." Deus espera que toda embarcação saída de seu porto retorne. Existe um tipo de vaga interpretação do pensamento de Deus no ditado: "Iremos, pois, quando Deus quiser."

Se as embarcações permanecessem à Sua vista, poderiam voltar facilmente, mas ficam independentes e acham que se sairiam melhor sozinhas; e quanto mais se afastam, mais se esquecem do porto de onde partiram. Mais uma vez falarei da força divina e tentarei explicar mais a seu respeito. É uma mente

que impregna ou permeia tudo. Para além de ser uma mente, é um organismo de forças -- todas as forças, energia ou poder descobertos ou por descobrir. A mente de Deus controla tudo; todas as forças do universo.

13
O COMEÇO DO HOMEM

Tão claramente quanto possível, tentarei explicar o homem desde o seu "começo," e dizer a verdade até onde sei e puder expressá-la, mas deixo a ti publicar no livro apenas o que achares adequado, por te dizer tudo sabendo que não há nada que Deus tenha feito nem ação nenhuma das Suas leis de que precisamos nos envergonhar; e tu entendes e percebes igualmente isso, mas há pessoas que não veem as coisas como nós, e podem sentir-se "chocadas"!

O sentimento que nutro é de espanto e reverência, agora que sei quão realmente "assustadora e maravilhosamente" somos feitos, e fico ainda mais espantado com a grandeza de Deus. O nosso físico é criado no plano terreno. O mental brota da união do espírito e do corpo de cada um de nós, pois, até o espírito entrar e controlar o corpo, não há vida nele. O espírito do bebé *não* está encerrado dentro de seu corpo na sua condição pré-natal, e sim ligado a ele pelo cordão de prata (exatamente como o corpo e a alma de qualquer outra pessoa operam independentemente, como ocorre frequentemente quando o corpo dorme ou está anestesiado) e permanece do lado de fora, na aura da sua mãe.

Quando uma mulher está para ser mãe, o raio laranja doador da vida é atraído por ela. Ele situa-se na atmosfera terrestre, sempre pronto a ser desviado. Esse raio é ligado diretamente ao organismo da mãe, surgindo de Deus um pequeno átomo, ou gota brilhante, que escorre pelo "raio" (por favor, entende que falo de uma alma *nova*, não uma alma reencarnada). É como uma gota de mercúrio. Quando começa, divide-se em duas, como acontece com o mercúrio; então, sempre que uma alma nova nasce, existe sempre a sua contraparte.

A gota não começa a partir de um ponto, lugar ou parte específica de Deus, e deixa algo lá (um rastro, por assim dizer) que permanece ligado ainda ao

elemento Deus e ainda ligado à pequena gota, como um ramo muito comprido e fino liga uma folha a um galho -- sempre ligado, por mais fundo que um homem caia, pois que o seu corte significaria a aniquilação. Este é um aspeto subtil. O lugar de onde começamos, e ao qual permanecemos ligados, é o nosso "pedaço de Deus" em particular; assim, não é necessário pensar em nós próprios como perdido em Deus, mas como tendo a nossa pequena parte Nele que pertence a um apenas.

Conforme te disse, a gota assim que tem início divide-se em duas. *(NT: Consultar os ensinamentos de Ambres.)* Uma parte vai para a mãe e uma para uma outra mãe (lembra-te, estamos a falar apenas de almas novas aqui). Uma é sempre masculina e outra feminina. À medida que a gota viaja lentamente para a Terra, ela fica maior e maior, e começa a moldar-se e a ocupar mais espaço. No momento em que alcança a aura da mãe, está quase do tamanho e da forma de um bebé minúsculo, e assim permanece com a mãe até a hora do nascimento.

Se for prematuro, o espírito é empurrado ou puxado abruptamente para dentro, e assim não obterá o controlo do pequeno corpo, caso tivesse tido o tempo adequado para fazê-lo. Em parte, isto explica a alta taxa de mortalidade nessas circunstâncias. Não se deve apenas a razões físicas, mas ao facto de a força vital não ter uma forte adesão ao corpo. Quando a criança nasce, o espírito entra nela.

Por ser de Deus, o espírito possui a sua própria consciência, mas não uma personalidade consciente, que precisa desenvolver. Ela desenvolver-se-á quando o espírito operar através do corpo. Por conseguinte, pela união da alma e do corpo, obtemos o crescimento mental e o crescimento da personalidade.

Deus não age em separado para cada indivíduo. Ele não diz, por exemplo: "Aquela beleza de mulher, a Sra. Smith, adora crianças e anseia por ter uma; vou direcionar um raio de vida para ela." Não, o mundo está cheio dessa "força vital," ou desses raios, e eles atuam automaticamente em ambientes adequados. Deus trabalha sempre de forma automática através do funcionamento regular das Suas leis. Traçarei uma ilustração quotidiana muito simples; o "Diretor dos Correios," digamos. Ele é responsável pela direção-geral dos Correios, mas não faz o trabalho minucioso de classificar as

cartas nem de as entregar, mas adota certas regras para esse fim. Bem, Deus é o "Diretor- dos Correios" do Universo.

11
A MADONA E UMA PEQUENA MÃE DA TERRA

Sim, vi toda a linda massa de azul e branco das flores no jardim, mãe, mas não tentei impressionar-te com pensamentos sobre a Madona; em vez disso pareceu que eu que captava os teus pensamentos sobre ela. As cores sugeriram essa sucessão de ideias por estarem associadas especialmente a ela. Paul diz que a considera o espírito mais belo do mundo espiritual, e não acho que esteja muito errado.

Ela é tão gentil e carinhosa com todos os jovens que vieram para a guerra, sempre pronta a conversar e a interessar-se por eles, e quando ela nos olha, sentimos que não está a pensar apenas em nós, mas nas nossas mães. Ela é muito bela, mas não é a beleza de uma mulher da Terra. Tu não haverias de observar nada de especial em detalhe sobre ela, nem dizer: "Ah, que cabelo adorável!" ou "Que compleição mais delicada!" Ela é a Mãe ideal, e possui a bela expressão de todas as mães mais carinhosas do mundo; misericórdia, amor e santidade. Ela é de facto "a Mãe da Compaixão."

Não há sensação de medo nem mesmo de respeito junto a ela, mas sente-se que se pode ir falar com ela e ser consolado caso se sinta solidão. Por falar em mães, vou-te falar sobre uma mãezinha terrena que tenho procurado ajudar ultimamente. Ela veio de modo inesperado após o nascimento de seu bebé, e o seu pesar e deceção foram muito grandes ao acordar para a vida aqui e descobrir que havia deixado o plano terreno, o seu jovem marido e o seu bebé.

Os parentes dela aqui são todos idosos, e ela recusou-se a ser consolada por eles. Disse que eram velhos, e era natural que estivessem contentes, mas ela era jovem, e ressentia-se de ter a sua vida terrena cortada abruptamente, já que se sentia tão cheia de novos e maravilhosos interesses. Eles conheceram-me e pediram-me para a ver e tentar consolar, pois tenho mais ou menos a sua idade, adorei igualmente a minha vida da Terra e, ainda assim, achei a vida aqui bem cheia de felicidade.

Fui até ela, sentei-me ao seu lado e peguei-lhe na mão, e senti-me cheio de compaixão e compreensão (não pude deixar de pensar em como eu na terra teria gostado de usar de uma sedução inocente com uma garota bonita destas, e deveria tê-la olhado com um mundo de "laxismo" nos olhos, mas aqui tenho um sentimento bem diferente. Eu poderia ter sido o avô dela; senti-me bem impessoal).

Ela falou-me sobre as suas esperanças e receios, e deu-me detalhes do corpo alquebrado pela dor que deixou na Terra, o que teria sido bastante embaraçoso lá, mas aqui não se tem vergonha das coisas naturais. Tanto quanto pude, expliquei-lhe o lado psíquico das coisas físicas, e tentei mostrar-lhe que, embora ela não pudesse mais cuidar do corpinho mortal do seu bebé (outras mulheres teriam de o fazer), ela poderia cuidar do seu espírito e tentar impressioná-lo com as coisas corretas e belas, e ser de facto o seu anjo da guarda.

Ela está a começar a entender e a reconciliar-se, e ajudei várias outras desde então em circunstâncias similares. Algumas delas provavelmente ajudarão a cuidar dos bebés daqui. Costumo ir à colónia onde vivem os "Índios Pele-Vermelha," pois tenho vários amigos entre eles e adoro os bebezinhos marrons assim como os seus cavalos!

Sim, as pessoas aqui vivem em "grupos" ou "colónias," porque aqueles de interesses e nacionalidades afins gravitam naturalmente uns para os outros, e para o seu próprio povo. Caso contrário, pode-se imaginar que não se seria muito afortunado se veres-te misturada com pessoas de todas as nacionalidades, com gostos e experiências diferentes, sem nada de comum contigo, pois o facto de morrer não te muda de modo nenhum.

14
A AURA

A aura assemelha-se a uma espécie de "auréola" (não duvido que os pintores da antiguidade, inspirados pela sua tarefa, possam ter visto ou "sentido" a auréola em torno da cabeça do Cristo, pois, naturalmente, ela seria bastante definida) que cerca e delineia não apenas a cabeça, mas todo o corpo de toda pessoa viva.

Falando propriamente, a aura é uma emanação de um corpo ao qual o espírito ainda está ligado; interpenetra a superfície do corpo, é uma disseminação do espírito sobre o corpo. Falamos do espírito como *situando-se* num corpo, mas, para quando o queremos definir, torna-se-nos difícil localizá-lo.

A aura possui vários tamanhos e cores e particularidades, e está sempre em movimento e muda na mesma pessoa em momentos diferentes, ao ser afetada pela emoção, pelo carácter e pela saúde. O intelecto e a inteligência determinam a forma, pois há uma fina auréola em torno da cabeça de qualquer um que esteja bem desenvolvido mentalmente. Os espíritos podem dizer, examinando a aura, se uma pessoa é psíquica ou não; é assim que reconhecem um médium, para virem a ele quando querem se comunicar com as pessoas na Terra.

Acho que a aura compõe o corpo espiritual, pois quando o corpo físico morre, não s possui aura nenhuma. Ao morrer, a aura diminui gradualmente e é atraída para dentro e para cima. Tenho notado frequentemente (pois vi muitos homens morrerem no campo de batalha) que, com a mesma rapidez com que a aura é absorvida dentro do corpo, o espírito sai pela cabeça.

Também acho que o facto de ser possível colocar toda a aura num lado do corpo, sob certas circunstâncias, mostra que ela é da alma. Se ela estivesse apenas ligada ao físico, só desapareceria quando o corpo esfriasse com a morte. Além disso a alma, quando fora do corpo, assemelha-se à aura, que não desaparece inteiramente até que o espírito e o corpo estejam separados. Numa sessão de materialização, vê-se a mesma substância (que a aura) procedente do corpo da médium, enquanto a aura se reduz consideravelmente.

A "porta" física do espírito, que ele usa para entrar e sair do corpo enquanto dorme, situa-se abaixo das costelas à frente, quase no centro do corpo; por altura da morte, quando sai para sempre, sai pela cabeça. Quando o espírito vai viajar, a aura aparentemente afunda no corpo *de forma maciça*, e uma forte coluna de "matéria espiritual" emana da porta que acabei de descrever. Ela "se acumula" ou se molda no corpo espiritual e está ligada ao físico por um cordão. Para uma pessoa espiritual e mentalmente desenvolvida, o

espírito pode percorrer um longo caminho, pois o cordão seria mais maleável e elástico do que no caso de qualquer um que não estivesse desenvolvido nesses aspetos.

Embora vocês não saibam, é pela aura de uma pessoa que a "sentimos." Ela é uma clara indicação do carácter, e as cores que revelam as suas características são as mesmas que mencionei antes no outro assunto: (certos tons) de azul e violeta para espiritualidade, amarelo e laranja intelectualidade, rosa indica uma natureza afetuosa, e o verde-maçã uma mentalidade bem equilibrada. As cores indesejáveis são certos tons de cinza e marrom, vermelho-escuro e verde, que indicam sensualidade, ciúme e outros traços desagradáveis.

É claro que existe uma variedade enorme de "auras" (são naturalmente tão diferentes quanto as pessoas que existem no mundo), em tons e em combinações de cores, formas e tamanhos; além disso, em algumas pessoas, são claras e bem definidas, enquanto que noutras são irregulares, quase "flácidas," "de aparência irregular," ou enevoadas. Quando um órgão qualquer do corpo físico está em desordem ou enfermo, a aura naquele ponto diminui momentaneamente; por esta razão, um clarividente pode, por vezes, localizar uma doença.

15
FORMAS ASTRAIS E FORMAS-PENSAMENTO

Queres saber a diferença entre "Formais Astrais" e "Formas-Pensamento"? São bem diferentes e de modo algum são termos intercambiáveis, embora as pessoas frequentemente falem como se fossem, mas estas últimas são apenas uma "imagem" e não um "espírito" em absoluto. Existem dois tipos de "Formas Astrais" (chamadas assim por operarem no plano "Astral"). Primeiro, existem espíritos lá nos seus corpos Astrais compostos por átomos reais. O corpo Astral, embora fino comparado com o corpo físico, ainda é grosseiro (pois só as pessoas subdesenvolvidas, não espiritualmente evoluídas, vivem nessa esfera). Existe uma enorme diferença entre ele e os corpos das que se encontram na terceira esfera.

Não existe "morte" depois que se sai da Terra, mas essa diferença adicional de grau faz com que as pessoas pensem que por vezes seja preciso passar por essa provação de novo, ao se avançar pelos diferentes planos. Não é assim, embora certamente ocorra uma grande mudança no "corpo Astral"; a condição química se altera, torna-se refinada, mas não é maior do que a que ocorre continuamente no corpo terreno, com todas as células em mudança e renovação diversas vezes durante a sua vida, embora vocês não se tornem cientes disso em nenhum dos casos.

Quando um homem no astral sofre uma mudança mental, o seu corpo também se altera, em simpatia com o seu desenvolvimento, e numa medida correspondente, mas mais rapidamente do que no vosso caso. Se um homem anseia progredir bem depressa, e se decida e se concentre nisso, pode mudar em pouco tempo; mas se não fizer um esforço especial e em vez disso progredir mentalmente de forma lenta, o seu corpo também se alterará lentamente. Esse refinamento gradual prossegue através das esferas; a mudança vem de dentro.

O segundo tipo de forma Astral é um espírito ligado a um corpo físico que funciona temporariamente apenas no plano Astral, enquanto o seu corpo terrestre dorme ou está inconsciente. Assemelha-se ao mesmo que o outro, mas o seu corpo é de facto diferente, pois tem apenas uma "casca" astral, muito no mesmo princípio que o corpo temporário feito para um espírito que se materializa numa sessão espírita, e tal como aquele é composto de átomos astrais consolidados. Esses átomos astrais acumulam-se ao redor da aura de um homem desenvolvido e a sua alma emerge (como já descrevi) do centro do seu corpo; os átomos fecham-se em volta do seu espírito e formam uma "casca" ou invólucro que o protege nas suas viagens.

Ele não poderia operar em seu verdadeiro corpo "astral," pois que ele não está completo; e isso por um motivo curioso. É que uma certa quantidade do material que compõe o seu corpo astral não está disponível enquanto ele estiver ligado ao seu corpo físico, pois ela constituirá o cordão vital ou conexão existente entre o seu espírito viajante e o seu corpo estacionário, que é apenas cortado por altura da morte (porquanto o seu rompimento implica na morte). Depois dela ter ocorrido, claro, nenhum cordão é mais preciso; esse material está disponível para o seu corpo astral e, assim, ele não

precisa mais pedir emprestado átomos astrais para se proteger; o seu espírito acha-se suficientemente investido, completo.

Como não estou no astral, acho difícil dizer se uma pessoa está no seu corpo astral permanentemente ou não. Isso explica igualmente a dificuldade que um clarividente por vezes tem em poder dizer se uma pessoa está dentro ou fora do seu corpo físico permanentemente. É preciso lembrar, eles também estão a ver em outras condições além do normal. A visão varia bastante mesmo no plano terreno; não há dois homens que enxergam da mesma forma.

Caso se levasse várias pessoas ao topo de uma colina e se pedisse que descrevessem a vista sem ajuda artificial, todas veriam em medida diferente: algumas apenas as coisas próximas, outras apenas as coisas distantes, outras como que enevoado e outras com clareza. É por isso que a clarividência normal é muitas vezes incorreta -- as coisas são difíceis de enxergar na perspetiva correta; e variam igualmente de acordo com o preconceito do cérebro do médium no qual a cena é registada pela visão.

Uma "Forma-Pensamento" é uma imagem, uma fotografia do pensamento, projetada através da atmosfera por alguém, mas o recetor precisa "desenvolvê-la" mentalmente, por assim dizer, para a ver; com isto quero dizer que ele teria de estar a pensar no emissor no momento certo e do jeito certo. O espaço não é nada, já que não é preciso pensar por mais tempo para se estar a quatrocentas ou quinhentas milhas do que na sala do lado. Logo, com a condição mental correta, pode-se ver uma forma-pensamento; ela é apenas uma imagem na atmosfera.

Isso explica certas coisas; por exemplo, as visões que Cristo tinha dos moribundos. Milhares de pessoas nos campos de batalha podem vê-Lo individual e espontaneamente. Se Ele estiver a projetar o Seu pensamento para todos os que lá se acham presentes, aqueles que tiverem a mente em sintonia podem e talvez sejam capazes de O ver. Assim como quando um navio no mar envia uma mensagem ou um pedido de ajuda, ele não é restringido a um recetor, mas aberto a todos os navios e estações de receção que estejam adequadamente sintonizadas.

Assim, todos os que estiverem em sintonia e harmonia adequadas poderão receber imagens, impressões e inspiração. Isto explica igualmente como várias pessoas em lugares amplamente separados seriam simultaneamente "inspiradas" por um indivíduo. Lembra-te mãe, eu disse "inspirado" e não "controlado"; essa é uma questão muito diferente (as pessoas sempre devem usar o bom-senso ao julgar o que lhes é dito). Pessoalmente, não acredito que os espíritos das esferas mais elevadas "controlem" as pessoas na Terra. Já nos é difícil a nós, que estamos apenas na terceira esfera, voltar às velhas condições, para que eles isso seria extremamente difícil e um total desperdício; seria como contratar um tutor das mais altas realizações escolares para ensinar a uma criança o A B C!

Já com respeito a um dos chamados "fantasmas" que assombre um determinado local, caso se trate de uma assombração persistente, que prossiga durante muitos anos, até mesmo séculos, será quase certo que se trate de uma forma-pensamento e não de um espírito; pois é deveras improvável que um espírito seja tão sem amigos a ponto de poder continuar dessa maneira infindável e infeliz indefinidamente, pois assim que alguém pede ajuda aqui, ela chega-lhe.

O que acontece é o seguinte: Certos eventos (provavelmente trágicos), sentidos de forma muito intensa pelos participantes no momento, deixam uma imagem muito clara e bem definida na atmosfera, e a princípio, por um curto período de tempo, os atores da cena podem retornar em espírito ao local, e ao pensar sobre o que ocorreu, revivificar e intensificar essa imagem do pensamento.

Então, as pessoas comuns chegam a esse lugar cientes da sua história, e algumas podem ver o "fantasma," e vêem-no por serem psíquicas e inconscientemente psicometrizarem a atmosfera, e mentalmente desenvolverem a imagem que lá se encontra, e assim constantemente renovarem a imagem, que desse modo se torna quase permanente. Sim, sei que parece difícil de entender, mas isto também se aplica à faculdade de "sentir" bem como à de "ver" as condições passadas; dessa forma, uma médium *sente* dor e desconforto ao descrever a doença de qualquer pessoa. A médium está a psicometrizar a condição ligada ao espírito enquanto ele se encontrava no corpo, e não o próprio espírito.

Digo isto por me terem dito e eu ter percebido que alguns espíritos ficam surpreendidos ao voltar à Terra e se ouvirem descritos com sintomas de doenças que quase esqueceram que já sofreram. Por exemplo, o teu pai, que "morreu" há mais de 35 anos, goza de perfeita saúde; mas, quando volta à Terra, os médiuns o descrevem com tosse e desconforto no peito; isto era verdade quando ele faleceu (de pneumonia), mas é claro que difere inteiramente da condição atual em que existe. Outro homem que conheço teve uma doença muito dolorosa que lhe afetou uma das pernas. Ele disse-me que fica bastante irritado quando ouve a doença descrita agora, já que não a sente mais, mesmo quando retorna às condições da Terra, e, ainda assim, os médiuns descrevem-na com precisão. Alguém poderia imaginar que ele ainda sofre em vez de estar em perfeita saúde!

16
RELIGIÃO E CIÊNCIA, PENSAMENTO E IDEIAS

É curioso que as investigações modernas tenham reconciliado Religião e Ciência, pois houve uma altura em que os instrutores religiosos receavam as revelações dos cientistas; mas, na verdade, estes ensinaram melhor do que eles imaginavam, pois o conhecimento adicional fortaleceu em vez de enfraquecer a fé. A verdade sempre levará à luz. No passado, muitos que não acreditavam nas declarações Bíblicas agora percebem que era possível que esses aparentes "milagres" tivessem realmente tido lugar.

Sabem que a aparição de Cristo após a Sua ressurreição, num aposento superior fechado e trancado, era um facto possível, pois Ele estava no Seu "corpo Espiritual," e milhares de indivíduos revisitam a Terra diariamente dessa maneira, embora somente aqueles que são psiquicamente desenvolvidos possam vê-los.

É possível que os "corpos espirituais" passem por substâncias aparentemente sólidas, assim como a luz do sol atravessa o vidro ou o calor atravessa o metal, pois, na verdade, nenhum átomo de matéria é de facto tocado, por mais sólidos que pareçam ser. O homem é um ser triúno, que consiste de corpo, alma e espírito, embora no mundo vivamos como se fôssemos apenas um corpo material (com um pequeno espirito escondido em algum lugar, como uma espécie de reflexão tardia). Devido ao seu

desenvolvimento mal equilibrado, o homem não percebe nem a metade das suas próprias possibilidades.

Quero imprimir em ti, a propósito, a enorme importância do pensamento; se os homens apenas percebessem e cultivassem os poderes que possuem nesse sentido, poderiam fazer coisas maravilhosas. Os pensamentos deviam ser vigiados com tanto cuidado quanto os atos, pois o pensamento é realmente criativo e impressiona uma imagem da atmosfera circundante na qual fica um registo permanente. Alguns homens ficam assombrados quando chegam aqui por aquilo que eles próprios criaram involuntariamente.

Claro que, na Terra, o pensamento também é criativo, pois tudo aí precisa ser planejado ou organizado na mente de alguém antes de ser feito por mãos ou maquinaria. No mundo espiritual, também podemos falar pelo pensamento, por telepatia; é assim que superamos a dificuldade dos diferentes idiomas. Isso não significa que eu não tenha privacidade de pensamento e que a minha mente esteja exposta a todos. Eu tenho que projetar um pensamento quando quero comunicá-lo, assim como todos os pensamentos de um hipnotizador não são transmitidos ao paciente, mas apenas aqueles que ele imprime diretamente. Caso se pudesse fazer com que as pessoas se sintonizassem corretamente, elas até poderiam transmitir música umas às outras!

Todo pensamento errado construirá e fortalecerá o poder do mal (designado pelos homens de diabo). No começo, disseram-me, ele era praticamente negativo; o próprio homem aumentou-o infligindo dor, crueldade, luxúria e inveja.

Há uma grande "inquietação" espiritual e mental entre os homens agora e há algum tempo que isso tem vindo a ser assim, embora indefinida, obscura e incompreendida, porque o homem está a evoluir e gera-se uma luta inconsciente entre o espiritual e o animal nele. O que resulta em caos e perturbação. Quanto às pessoas cuja "fé" tu dizes ser "abalada" pela guerra, tudo o que posso dizer é que não é muita fé! Elas procuram mais uma vez restringir Deus; Ele não trabalha por *um* país, mas pelo bem de toda a humanidade, e cada nação aprenderá o que é necessário ao seu desenvolvimento futuro. Isto seria quase tão sensato para um médico tratar apenas um sintoma da doença no corpo, em vez de fortalecê-lo e limpá-lo por

inteiro. Os sistemas do mundo estão a ser purificados. No passado, pusemos de lado ou brincamos com coisas que agora precisam ser enfrentadas a sério.

O plano terreno é o jardim de Deus, e foi um belo jardim; o que resta de Deus nele ainda é belo, mas agora está cheio de ervas daninhas, doença, pobreza e egoísmo. Os jardineiros estão a começar a perceber que continuar a podá-las não mais é útil, e essas coisas devem ser desenraizadas por completo. No passado, muitos desfrutaram do sol, dos frutos e das flores, e negligenciaram as ervas daninhas, que eram deixadas de lado e escondidas como coisas desagradáveis e problemáticas; elas agora correm desenfreadas, e só se pode recorrer a medidas drásticas.

Sei que por vezes as coisas parecem deprimentes, mas prometo-te solenemente que há uma fresta de esperança nessa nuvem escura. Os homens nos velhos tempos trabalhavam pelo progresso individual; no futuro, o ideal será trabalhar para os outros, para o bem do todo e para a melhoria da comunidade.

Disseram-me que os sacrifícios desta guerra não foram em vão; que resultarão numa Inglaterra purificada. Haverá uma revolução espiritual; as pessoas procurarão encarar a verdade, e abandonarão algumas imposturas que agora são usadas para a ocultar. Talvez os eventos atuais te pareçam como um "túnel escuro," mas vejo o sol a brilhar ao fim dele, e sei que nunca houve uma crise na história do mundo que tenha tido tanta certeza do bem final que dela surgirá.

Nações e povos, como indivíduos, mais cedo ou mais tarde colhem o que eles próprios semearam de bem e mal; e cientes disso, percebe-se que nenhuma vida, nem a vida de nenhuma nação, é uma sucessão de eventos isolados. Há uma sequência que os percorre a todos. Eles enquadram-se uns nos outros como peças de um quebra-cabeças, embora só se veja claramente como um todo quando a vida na Terra terminar e a última peça encaixar no seu lugar.

II - AS CARTAS DE CLAUDE

[Uma carta escrita quando Claude estava nas fileiras.]
Agosto de 1914
Minha querida Mãe, — Espero que tenhas chegado bem a casa ontem à noite. No caminho de regresso, depois de te deixar, encontrei um cabo dos Engenheiros a vir na minha direção, e assim seguimos juntos. Tornámo-nos logo "camaradas". Levou-me à sua tenda, uma daquelas situadas abaixo do ginásio, e mostrou-me várias manhas no uso da espingarda. Depois disso sentámo-nos a conversar até pouco antes das dez, altura em que fui deitar-me.

Os atrevidos "sargentos-pires" não estavam em grande forma ontem à noite; a ameaça de levar os infratores ao Major parece ter tido o efeito desejado. O cabo com quem estive a conversar tinha três irmãos que combateram nas Guerras Zulu e dos Bóeres, por isso as suas histórias eram extremamente interessantes.

A formatura desta manhã começou às 6h15 e o pequeno-almoço às 7h30. Na formatura das 9h, cerca de uma dúzia de nós foi escolhida, incluindo eu e o L , para formar o que se poderia chamar de esquadrão "super-recruta", já que estamos mais avançados do que os outros. É para avançarmos depressa e sermos incorporados nas nossas companhias esta semana, se possível. Os escolhidos foram instruídos por um Sargento K , a personagem humorística de réplica viva.

Durante o intervalo das 10 às 11, o L e eu sentámo-nos à sombra da cantina com os Sargentos K e B e outro sargento, cuja falta de conhecimentos militares só era superada pela abundância de carne em torno da sua "linha Plimsoll"!

À custa de meia caneca de cerveja para todos e de um sorriso cativante, depressa fiquei em ótimos termos com o grupo, e fui recompensado com umas anedotas escandalosamente divertidas do Sargento K . Na campanha Zulu, as suas experiências eram verdadeiramente de partir o lado, sobretudo porque vê o lado engraçado de tudo.

A história de um amigo seu, que foi alvejado nas costas nuas por um Zulu cujo bacamarte estava carregado com fios de telefone cortados, e que saltou para as trincheiras aos gritos, com as costas eriçadas de espigões de cobre, é difícil de superar. O melhor da piada foi que a infeliz vítima teve de passar o resto

da carreira militar a explicar a inquiridores teimosamente incrédulos, mas secretamente divertidos, como é que fora alvejado pelas costas se não estava a fugir. Escusado será dizer que, quanto mais indignado ele negava a insinuação, mais céticos se tornavam os seus atormentadores!

Quase tão engraçadas foram as suas experiências ao servir na Expedição Britânica para reprimir os motins em Creta.

Quase me meti em sarilhos hoje. Depois das 12h fui ler o jornal na colina com vista para o mar, perto da entrada do Forte, e adormeci. O L deixou-me para ir almoçar; eu dormia tranquilamente. A nossa próxima formatura era às 14h, mas, às 14h05, eu ainda sonhava, até que o L , sem fôlego, correu para dizer que o treino começara dez minutos antes! Contudo, o Sargento K , ao ver-nos a chegar ao longe, entrou num espasmo de profunda reflexão, de costas para o grupo, e consequentemente fingiu não notar a nossa chegada. Mas eu quase tive um "espasmo" com aquilo.

Vou descer ao "Ship" esta noite e ficarei muito contente de arranjar qualquer "comes e bebes", pois não tive nada ao almoço além de sono, o que não é muito nutritivo. Caíram-me tempos difíceis: tenho uma constipação no olho direito, uma dor no braço esquerdo, devida, claro, à vacinação, e um pouco de dor de cabeça, que espero ser pelo mesmo motivo.

Contudo, já me estou a habituar ao chão do "Jimmy-Nasum", como ouvi chamarem-lhe esta manhã. Escrevo de novo em breve. — Teu filho carinhoso, Claude

[As cartas seguintes foram escritas da frente depois de Claude ter ingressado no Royal Flying Corps.]

França
Minha querida Mãe, — Muito obrigado pelas tuas cartas e pelos bolos. Creio, de facto, que um transporte postal se perdeu, foi roubado ou extraviado recentemente, já que ninguém recebeu cartas durante um ou dois dias.

Ontem fiz uma viagem de duas horas em serviço de rádio, sobre Ypres, como de costume. Mas, devido ao céu limpo e ao curso errático, o "Archie" não se arriscou a esticar o pescoço connosco!

Depois do chá tive uma das mais milagrosas fugas de que há registo no Corpo de Aviação. Foi assim:

Eu ia levantar voo num F.E., o nosso maior biplano de combate "pusher" ao serviço, pela primeira vez. O H , muito ansioso por me acompanhar "para poupar lastro", como disse, veio também. Tudo correu bem na descolagem, e eu começava a felicitar-me quando o motor parou sem um segundo de aviso.

A situação não parecia promissora: estávamos a 18 metros de altura, sobre uma mancha impermeável de árvores com quinze metros de altura, demasiado baixos para virar, e ainda por cima numa máquina estranha! Bastante complicado, não? Contudo, mantive-me em frente às árvores, planando o mais raso que ousava, na esperança de passar por cima e chegar a um campo lavrado além. Nada feito!

Note-se, a Providência ordenara que duas árvores fossem cortadas, deixando uma abertura exatamente da largura do meu avião, embora parecesse menor. Ao tentar passar por cima delas, fiquei demasiado raso e, perdendo velocidade de voo, deixei a máquina entrar em perda. Como me disse depois um mecânico, ela passou nesse vão com apenas cinco centímetros de folga de cada lado.

Mal passou, a frente mergulhou quase verticalmente para a terra, e a cerca de doze metros de altura!!! Nada havia a fazer senão puxar o manche todo para trás e esperar que ganhasse velocidade suficiente para responder ao profundor. Que espera desagradável! A pouco mais de quatro metros do solo começou a recuperar, e em vez de embater verticalmente no chão, fê-lo a 45°.

Pelas leis da natureza devia ter virado e enterrado o motor em cima de mim e do H , abrindo um buraco no solo. Mas não; não era a nossa hora. Embateu de lado, a oitenta quilómetros por hora e a 45° de inclinação, rodou, despedaçou-se por completo, de alto a baixo. O H e eu saímos sem um arranhão. Como? Não sei!

O sair consistiu em pousar o pé diretamente no chão, o que, tendo em conta que normalmente o "cockpit" fica a mais de três metros de altura e exige escada, não deixa de ser um indício claro do estado da máquina. Ambos saímos, apertámos as mãos espontaneamente e rimos. Foi, na verdade, bastante cómico.

Mas as nossas aventuras não terminaram aí. Três minutos após o embate, um assobio crescente transformou-se em gemido e acabou num estrondo! Pensei primeiro que estivessem a bombardear-nos, pois o explosivo caiu a uns 300 metros, embora, pela nossa distância da frente, fosse pouco provável.

Contudo, um zumbido mais distinto e regular denunciou um avião inimigo, a uns 2100 metros de altura, aparentemente mesmo por cima. O aparecimento de outro assobio, igual ao primeiro, fez a multidão que se juntara dispersar com bem mais rapidez do que é habitual nos camponeses belgas.

O segundo foi um tiro danado de certeiro, tendo em conta a sua altura, pois caiu a menos de 200 metros de nós, abrindo um buraco no solo. Depois seguiu caminho satisfeito, largando outra sobre Abeele, embora com que resultado ainda não averiguei.

Guardei meia dúzia de fragmentos da segunda granada contra nós, como lembranças da ocasião. Os danos locais foram consideráveis: sete batatas ficaram irremediavelmente destruídas! Uma em particular estava cravejada de estilhaços e tornou-se completamente incomestível.

Assim, o meu primeiro acidente a sério foi em grande. Tirei algumas "chapas"; espero que fiquem boas. Também arranjei a lona da cauda do meu Q.C., com vários remendos, a maioria adquiridos na nossa escaramuça sobre Lille. Acho que teremos de abrir um museu depois da guerra.

A propósito, foi sorte não ter sobrevoado o mar, já que o Capitão C voou na sexta-feira passada, no dia anterior à minha partida, e passou meia hora no Canal com o motor avariado, tendo sido salvo por um contratorpedeiro. Teria sido bem pior se houvesse dois a bordo.

Bem, está na hora de trabalhar — 11h. Tenho de ir testar o meu Q.C., se já o acabaram. Até breve. Mil beijos para todos. — Teu filho carinhoso,
Claude

França
Minha querida Mãe, — Outro dia "inútil", mas de modo algum perdido.

Depois do pequeno-almoço, quatro de nós partimos a pé rumo às trincheiras, embora tenhamos conseguido boleia até Ypres. A cidade está num estado extraordinário, como se um terramoto colossal a tivesse visitado; e está tão deserta que é verdadeiramente uma cidade dos mortos.

Os restos da célebre Cloth Hall e da Catedral ainda conservam vestígios da sua antiga beleza, com aqui e ali restos de frescos e entalhes. O cemitério foi bombardeado para além de reconhecimento, e o gasómetro está longe de ser estanque.

Seguimos para sul pela porta de Lille e visitámos um abrigo de bateria perto de X , onde retemperámos o estômago. Daí entrámos na primeira trincheira de comunicação, com cerca de oitocentos metros, e avançámos até às trincheiras de reserva em direção a "Sanctuary Wood" e "Maple Copse".

É extraordinário o modo como as trincheiras se estendem, cada uma com o seu nome num poste nas extremidades. "Lover's Walk", "Bond Street", "Suicide Corner" foram alguns que reparei ao passar.

O solo em redor era uma massa de crateras de obus, sepulturas e árvores caídas. O ar também não era muito puro, já que os recentes ataques tinham mantido os homens demasiado ocupados para se desfazerem de todos os pobres diabos que foram abatidos.

No bosque em si, pode andar-se com relativa segurança, embora 70 a 80 por cento das árvores tenham sido cortadas pela base pelas granadas de passagem. Os morteiros alemães estavam bastante ativos e faziam muito barulho, enquanto de tempos a tempos, umas sete ou oito vezes por minuto, ouvia-se o estalar de uma espingarda, quando um dos nossos atiradores furtivos avistava um alvo, e com a mesma frequência um "ziph, ziph", quando os alemães faziam o mesmo, e as balas passavam por cima da trincheira em que estávamos.

Fazem um barulho quase como um suspiro, mas não são, a meu ver, nem de perto tão desagradáveis como as granadas que se ouvem vir durante dez ou quinze segundos, com um som semelhante a um comboio de mercadorias pesado, terminando com um estrondo que faz saltar como um coelho alvejado.

Eventualmente encontrámo-nos nas trincheiras da linha da frente e a menos de vinte metros dos alemães. Olhando através de um periscópio, pareciam estar apenas a cinco, com pilhas de arame farpado e homens que tinham tombado no último ataque pelo meio.

De facto, em alguns locais, onde uma trincheira tinha sido apenas parcialmente tomada ou perdida por um lado ou pelo outro, estavam literalmente na mesma trincheira, com uma dúzia de rolos de arame farpado como divisória — cinco metros de distância entre a sua barricada e a nossa.

Ao sair, dispararam sobre nós, mas sem sucesso, e chegámos a menos de vinte metros de um dos nossos aparelhos abatido no mês passado, e a trinta dos restos daquele que o H destroçou num dos seus muitos duelos.

Às três horas estávamos a caminho de regresso e, dentro de uma hora, tomávamos chá num abrigo da Artilharia. Daí contornámos Ypres e, caminhando ao longo dos restos da linha ferroviária, alcançámos a estrada principal de regresso.

Enquanto caminhávamos pela linha, ficámos surpreendidos ao ouvir uma voz escondida a gritar-nos para "sairmos", e não demorámos a obedecer, pois reparei no cano de uma peça de 6 polegadas a menos de seis metros de nós, carregada e apontada na nossa direção, mas tão bem disfarçada que não a tínhamos notado até o artilheiro nos avisar. De qualquer forma, disparou dentro de trinta segundos com um estrondo retumbante.

Eis uma das maravilhas da vida aqui: nunca se sabe o que vai acontecer a seguir.

Ao passar pelo que resta da Estação de Ypres, espreitámos nas oficinas. Uma das duas únicas locomotivas no interior era uma velha e carcomida peça pré-histórica, e a outra tinha perdido a chaminé limpa como um apito com a granada que abrira um buraco impecável na parede, e estava demasiado destruída para voltar a ser útil.

Cinquenta metros mais abaixo na linha havia outra locomotiva, com um buraco de obus cravado na caldeira, tubos a sair por todos os lados como um ouriço-cacheiro. Mais cem metros e lá estavam as duas maiores crateras de granada que já vi, e em Ypres há algumas de tamanho considerável! Dois poços com cerca de 7,5 metros de profundidade e o fundo cheio de água, com uma circunferência de pelo menos 9 metros.

Quando se vê que as margens das crateras estão a cerca de 3 metros uma da outra e que os "Jack Johnsons" não podem ter sido disparados a menos de 24 km, não se pode deixar de respeitar a Artilharia alemã. Além disso, estavam ambos colocados com mestria no meio das vias da estação, com carris espalhados, retorcidos como se fossem simples fios de algodão.

As muralhas da cidade mostram cicatrizes incontáveis em todas as direções, e o conjunto apresenta um quadro que nunca se esquece.

As trincheiras que tínhamos visitado estavam mesmo no ápice do saliente de Ypres, rodeadas por Teutões em três lados, embora os Highlanders que lá estavam se mostrassem alegres como cotovias.

Alguns fragmentos de obus acompanharam-me de volta como recordações. Tempo de parar agora; o correio vai sair. Beijos a todos. — Teu filho carinhoso,
Claude

Minha querida Mãe, — Apenas uma linha para te dizer que estou em excelente forma, embora muito sobrecarregado de trabalho, tendo feito onze horas e um quarto em quatro dias, o que é bastante puxado, considerando que as altitudes variam dos 1800 metros para cima, e que o "Archie" tem estado cada vez mais ativo e certeiro. Contudo, penso que as coisas arrefecerão de novo até ao fim da próxima semana, o que é reconfortante. Além disso, a perspetiva de uma semana de licença é claramente animadora, e poderá chegar em três, ou quatro, ou dez, ou onze dias, ou mais tarde, conforme as circunstâncias.

Estamos um grupo algo triste neste momento, pois o Comandante do Esquadrão "B" e um observador, ambos excelentes camaradas, caíram vítimas do "Archie" anteontem. No entanto, o H subiu de imediato e "tratou" de um dos seus batedores em retaliação, pelo que as coisas ficaram quase saldadas.

O tempo abriu lindamente, e dá sinais de iniciar outro verão. Vi ontem a Inglaterra pela primeira vez daqui. As falésias brancas resplandecentes recortando um mar de azul profundo, enquanto todo o mundo jazia sob um oceano de neblina, tingida de rosa pelo sol nascente, foi uma visão que não se esquece facilmente.

De facto, vêem-se cenas de maravilhosa beleza ao voar alto ao amanhecer. A sombra do aparelho acompanha-nos sobre as nuvens abaixo, rodeada por um halo branco, que por sua vez é circundado por um pequeno arco-íris completo.

E, justamente quando se começa a ficar sentimental — "bang!" vai um "Archie" com uma chama amarela e uma baforada de fumo, fazendo-nos saltar como um diabrete e esquivar como um foguete, trazendo a mente de volta ao trabalho em mãos com um solavanco.

Ontem, ao tentar tirar fotografias, mergulhei por um vale nas nuvens até aos 1800 metros, mas antes de alcançar o alvo partiram quatro granadas de alto-explosivo de 4 polegadas bem lançadas, e já eu estava de volta às nuvens

antes que se pudesse dizer estalido. Contudo, os alemães são metódicos acima de tudo, e tentaram alvejar toda a nuvem! Bastante divertido.

Temos aqui um novato vaidoso (que não deve ter sido bem-educado) a treinar como observador, muito dado a criticar os pilotos e o seu voo. Teve a imprudência de me dizer que não achava que eu tivesse horas suficientes de voo para ser seguro, e outras observações ofensivas do mesmo género. Pois bem, terminado um "trabalho", como se chama ao serviço de rádio, levei-o de volta ao aeródromo com a firme determinação de lhe dar uma lição; então fiz-lhe um tail-slide, um side-slip, mergulho, perda, cabragem e rolamento.

Ao fim de cinco minutos olhou-me, envergonhado, e disse que ia ficar doente a qualquer momento; naturalmente, compadeci-me profundamente e fiz duas sacudidelas colossais! Estava enganado, não aguentou nem por um minuto, e devo confessar que fui cruel o suficiente para abrandar a máquina de modo a que pudesse ouvir-me a rir. Desde então não o ouvi criticar o meu voo.

Infelizmente para ele, voltou a ter-me como piloto hoje, e levei-o sobre o aeródromo a mais ou menos a mesma altitude. Contudo, como fizera tanto alarido da vez anterior, trouxe-o para baixo "sarcasticamente" — isto é, tão devagar que poderia ser um rico e idoso parente. Mas em vão; já estava enjoado só com a perspetiva do que pensava que teria de enfrentar. Caro, caro, é um mundo duro, mas é um ar enjoativo!

Adeus por agora; um grande beijo para todos. — Teu filho carinhoso,
Claude

França
Minha querida Mãe, — Deve parecer uma eternidade desde a última vez que te escrevi. Tivemos dias bastante animados nos últimos três dias, embora muito pouco no que toca ao voo.

Na segunda-feira, com o tempo agradavelmente desagradável, fomos a "Dunquerque" à tarde, almoçámos lá e fizemos algumas compras, mas voltámos quase de imediato, pois as estradas estavam tão más que não quisemos enfrentá-las à noite.

A terça-feira revelou-se uma manhã muito agreste, mas depois do chá, quatro de nós fomos à pequena cidade de X , a seis quilómetros daqui, a um cinema. O espetáculo é gerido pelo Sexto Corpo, e entretém duzentos a trezentos homens todas as noites. Imagine-se um exército a transportar um

cinematógrafo consigo! Infelizmente regressámos demasiado tarde para o correio.

Na manhã seguinte, chegou a notícia de que o Rei viria inspecionar-nos. Cerca de seis mil infantes desfilaram no aeródromo, e um mastro foi erguido no centro. O Corpo Aéreo estava bem representado; eu tinha ordens para levantar voo e sobrevoar, para dar ao espetáculo o "toque final", mas uma desgraçada trovoada surgiu e tratou disso em meu lugar!

O Rei chegou às 10h30, e os homens desfilaram com grande estilo.

Infelizmente, a chuva impediu o séquito real, incluindo o Príncipe de Gales e acompanhado por Sir John French, de dar a volta pelos hangares depois, embora vários membros do Estado-Maior, vulgarmente chamados "capacetes de lata", tivessem de ser guiados. Dois agarraram-me pelo braço e, não havendo meios de retirada honrosa, fiz de "cicerone" durante meia hora.

À noite, todo o esquadrão, com duas exceções, seguiu de automóvel para X para ver um "pierrot show" lá, dirigido por cinco oficiais e duas raparigas belgas, que são dispensadas para o fim de entreter os homens. Espetáculo danado de bom, também! Qualquer coisa que faça esquecer a guerra durante duas horas é muito bem-vinda.

Cruzei-me com um tipo que eu conhecia em Eastbourne nos "The Fancies", como eles se chamam. Creio que ele e eu costumávamos travar competições renhidas pelo último lugar da turma. As honras ficaram mais ou menos empatadas, se a memória não me falha. Disse-lhe para aparecer por estes lados caso houvesse hipótese de uma boleia de prazer. Na verdade, a parte "prazer" da coisa costuma ser de um só lado — do lado do piloto.

Mais chuva esta manhã; de facto, "uma aurora ideal e muito promissora", como comentámos ao pequeno-almoço.

Correm rumores, embora ainda não oficialmente confirmados, de que a força do R.F.C. será reduzida no inverno para dez pilotos por esquadrão, em vez da força atual de doze. O único efeito para os restantes seria que a licença chegaria uma semana mais cedo de cada vez, o que é muito aprazível.

Ao ritmo atual, mais quatro semanas deverão bastar para me verem em casa outra vez.

Recebi ontem uma carta muito simpática da Sra. D e do G , e, claro, outra tua.

A propósito, esqueci-me de mencionar que ontem à tarde tive de fazer uma patrulha aérea sobre B , pois o Rei estava a inspecionar algumas tropas lá. Um temporal medonho lá em cima, já que nós, o H e eu, passámos a maior parte do tempo a fugir a trovoadas, mas, na ausência do "Archie", a viagem foi claramente agradável.

Está neste momento um vendaval perfeito. As árvores estão a largar as folhas, enquanto a chuva bate um infernal batuque no telhado, que, sendo de lona esticada num esqueleto de madeira, ressoa como um tambor.

Tenho um vasto molho de cartas para despachar no correio desta noite, por isso vou fechar por hoje. Beijos a todos.

[Esta é a última carta de Claude. Escreveu algumas linhas no dia 8 a dizer que "estaria em casa dentro de poucos dias de licença", mas nunca chegou a vir, pois saiu na manhã de 11 de novembro e não regressou. Foi dado como "desaparecido", e só quase um mês depois se soube que fora morto no ar nessa manhã, combatendo dois aeroplanos alemães.]

França,
5 de novembro de 1915

Minha querida Mãe, — Sucesso, finalmente! Tive uma verdadeira aventura, envolvendo várias menores atrás de si, e foi assim:

Ontem, sendo o primeiro dia bom, recebi ordens para subir num F.E., com o P como observador, para tirar algumas fotografias sobre X : das tarefas mais desagradáveis que há, pois os inúmeros bosques por ali estão absolutamente eriçados de "Archies" de nada desprezível perícia, como posso atestar, tendo sido, à força, obrigado a provar algumas das suas mercadorias em muitas das reconhecimentos destes últimos tempos. Demorámos, grosso modo, uma hora a chegar aos 9.000 pés, tempo que passámos entre Y e X , a subir, subir e ainda subir. O céu estava bem cheio de máquinas, por ser o primeiro dia bom há bastante tempo. Não vimos hunos, embora depois tivéssemos sabido que havia três a pairar atrás das suas linhas e a apoquentar vários dos nossos que faziam fotografia. Às doze menos vinte estávamos a leste de X , não muito abaixo dos 10.000 pés, e nitidamente enregelados.

Apareceram a leste de nós um biplano e um monoplano, o biplano à frente, com amplas evidências de pressa, e o monoplano — que parecia ser um dos nossos do tipo "Morane" — a alcançá-lo a toda a velocidade. Estávamos uns 2.500 pés acima dos "autocarros" e, quando a cerca de uma milha, apanhei

um vislumbre da asa superior do monoplano. Cruzes pretas sobre fundo branco! Bom suficiente!

Baixei o nariz do meu F.E. quase verticalmente, o meu observador de pé sobre o aparelho de T.S.F., que, na posição normal de voo, fica mesmo à frente do assento do passageiro, mas no caso presente estava, claro, consideravelmente mais horizontal do que o "chão". Descemos 2.000 pés, enquanto o indicador de velocidade ia até às 160 milhas por hora e depois encravou — não fora desenhado para ultrapassar limites reconhecidos. Esperei a qualquer momento que o F.E. se fechasse todo sob a tensão, mas aguentou-se como uma rocha.

A esta altura, as outras duas máquinas estavam quase verticalmente por baixo de nós. O huno apanhara o Be. Qc e despejava-lhe a metralhadora a 50 jardas de distância. Veio a verificar-se depois que, precisamente nesse momento, enfiara três balas no braço do observador e uma através do depósito principal de gasolina, com o resultado de o precioso líquido estar a derramar-se por cima de piloto, observador e fuselagem.

Comecei a tirar o F.E. do mergulho a cerca de 200 pés acima do huno, pois um choque demasiado brusco inevitavelmente o amarrotaria. A consequência foi encontrarmo-nos acima e atrás do infeliz teutão, e a menos de 20 jardas dele. Ao que me parece, ele nunca nos viu até abrirmos fogo. Graças a Deus, a metralhadora funcionou, para variar! Vinte balas foram plantadas na nuca dele, embora, ao que parece, não o tenham atingido. Virou então a atenção para nós, virando à esquerda e passando diretamente por baixo de nós. Isso obrigou-nos a meter uma inclinação perpendicular e a fazer um circuito completo para ver onde ele estava.

O malandro descrevia círculos à nossa volta, enquanto nós fazíamos uma espécie de "círculo interior", executado, claro, com inclinação perpendicular; mas, devido ao facto de a nossa velocidade ser tão grande e estarmos a dar voltas completas em cerca do dobro do comprimento da nossa máquina, a força centrífuga era tal que o P não conseguia manter a metralhadora no seu suporte. Como está articulada ao centro, sendo a metade mais pesada a interior, desceu, e, apesar de a arma toda pesar apenas treze quilos, ele não a conseguia puxar para ficar a prumo.

Estando as coisas, no momento, num estado claramente insatisfatório, não nos desgostou ver o huno pôr-se a caminho de casa. Fomos atrás dele, ambos

a mergulhar vigorosamente, enquanto o P (mais familiarmente conhecido por "Pongo") lhe dava o resto do tambor — outras vinte e oito balas.

Comecei a ficar um pouco apreensivo, pois estávamos muito baixos e esperávamos que o "Archie" nos apanhasse a qualquer momento — quando o apanhámos nós.

Um tiro feliz encontrou o destino e o piloto deixou de contar.

As evoluções que aquela máquina descreveu ao cair 7.000 pés sem homem ao comando foram extraordinárias. Vista de cima — primeiro com as rodas para o ar, depois direita outra vez, um looping, várias rodas-de-carro, um mergulho, mais loopings e várias viragens para cima e para baixo, de lado, até se perder de vista quase no chão. Bom bastante!

A esta altura tinham chegado outro F.E., um Bristol Scout e dois C.c., mas — felizmente para mim — tarde demais para reclamarem quinhão no desfecho.

A próxima coisa de que me lembro foi de olhar para o relógio: 12h45.

Terminado o incidente, começámos a subir de novo, pois aquelas infernais fotografias tinham de ser feitas. Nessa altura o motor resolveu dizer de sua justiça, e um cilindro decidiu cruzar os braços. Assim, pusemo-nos a caminho de casa, é certo que não sem frequentes apertos de mão e risos.

Fomos recebidos com verdadeira ovação à aterragem — a única pessoa que não estava alegre era o infeliz observador do Q.c. que entrara no começo da refrega. A satisfação de saber que o patife que lhe fizera três furos no braço direito — evitando cuidadosamente tocar no osso — tinha sido devidamente castigado não lhe pesava grande coisa. Contudo, tinha passado um mau bocado no ar; não era de admirar.

Este pequeno diabo de quem tivemos a sorte de dar conta tinha, em companhia de dois Aviatiks, dado bastante trabalho a dois dos nossos Q.c. quando estavam em missões de fotografia e reconhecimento, o que atenua um pouco a tristeza que naturalmente sentimos pelos pobres diabos que as leis da guerra fizeram nossas vítimas, embora pudessem muito bem ser excelentes camaradas em si mesmos.

O major ficou encantado, pois era a primeira máquina deste tipo a aparecer neste setor. Vários "Fokkers", como são chamados os Moranes alemães, têm causado bastantes dificuldades às nossas máquinas mais a sul, e pensa-se que

este pudesse ser um piloto escolhido para dar mais ânimo às outras máquinas a operar neste setor da frente.

Para uma primeira aparição, ele tinha de facto feito notavelmente bem, ao afastar três das nossas máquinas e ferir um observador. Em velocidade e subida, deixava as nossas máquinas completamente para trás, por isso estava bem despachado.

Devo dizer que foi o primeiro alemão com quem nos cruzámos que ofereceu algo semelhante a um verdadeiro espetáculo digno, e a nossa jubilo é temperado com pesar pela perda de um inimigo tão valente. Tanto quanto ao episódio em si.

Voltámos a tempo de um almoço tardio e, pouco depois de termos registado o nosso relatório sobre se valia ou não a pena tentar recuperar a máquina, recebemos permissão para ir ao local dos destroços. Entretanto surgiram complicações. Um idiota da Artilharia Antiaérea que, como de costume, sabia do seu ofício tanto quanto um gato de culinária, telefonara ao Corpo "V" a dizer que um "Vickers" tinha abatido uma máquina alemã dentro das nossas linhas. O Esquadrão nº 5, que partilha o aeródromo connosco e tem alguns aparelhos "Vickers", concluiu de imediato que o crédito lhes cabia a eles e enviou uma reclamação ao Quartel-General da Ala.

As táticas do Major foram magistralmente hábeis. Lembras-te de eu te ter dito que, no fim da refrega, tinham chegado outro F.E., um Bristol Scout, dois Q.c. e outros tantos? Pois bem, ele instruiu cada piloto a enviar um relatório do que tinha visto. Cinco testemunhas em nosso redor e provas mais do que suficientes — para não dizer irrefutáveis — de que nenhum "Vickers" tinha estado a menos de dez milhas do local durante todo o dia. Resultado: veredito a favor do meu Esquadrão.

O P e eu, com um sargento de voo do meu esquadrão e um mecânico, partimos por volta das quatro de automóvel. Virámos da estrada logo após passar , deixámos o carro numa estrada lateral e avançámos a pé por uns 300 metros em doze centímetros de lama líquida até ao Quartel-General de uma Brigada de Artilharia, onde insistiram que tomássemos chá. A esta altura já estava escuro e formava-se nevoeiro. Dali fomos encaminhados através de mais mares e mares de lama até ao Quartel-General de uma Brigada de Infantaria — o nosso objetivo primário. Aqui, depois de um considerável atraso, devido ao facto de uma brigada estar a chegar e outra a partir, conseguimos um escocês rijo como guia.

A partir daí, a jornada é indescritível; as palavras falham-me ao tentar retratar a caminhada de seis quilómetros na escuridão e com nevoeiro a adensar-se. Durante mais de um quilómetro mantivemos a direção apoiando uma mão num fio estendido sobre postes de um metro de altura, feito para esse fim, através de bosques, campos, trincheiras, saltando valas quando possível e atravessando a vau quando não havia outra opção. Nunca menos de quinze centímetros de lama, e por vezes tão espessa que era impossível mover uma perna sem a puxar com a mão para fora do atoleiro, imagine-se!

Demos então com uma via de madeira, conhecida como "linha de rações", com carris de madeira e vagões movidos à mão. Imagina as dificuldades de manter o equilíbrio pisando dormente após dormente quando estavam cobertos por dez centímetros de lama e água, espaçados de forma irregular, com apenas oito centímetros de largura e escorregadios como enguias. Quando falhávamos um — o que acontecia a cada três ou quatro passos (com sorte), ou a cada dois (sem sorte) — ficávamos até aos joelhos, e por vezes acima deles, no lodo, sem exagero nenhum. Fizemos mais de um quilómetro desta forma penosa até que a via desapareceu por completo debaixo de uma lagoa.

A consulta que então mantínhamos foi interrompida por um misterioso ranger, muitos salpicos e uma torrente de pragas numa língua estranha, que concluí ser gaélico. Eis que, pela lagoa, avançava um batalhão dos Royal Scots a sair das trincheiras para descanso. Não restava outra opção senão mergulhar também; entrámos na água até aos joelhos, seguindo a direção da linha, usando os vários vagões de bagagem na via, com os respetivos escoceses suados, como marcos de orientação.

O solo, cravado de crateras de obus com a regularidade de um favo de mel, fez com que eu tivesse sorte em safar-me com apenas quatro mergulhos, enquanto outros do grupo sofreram pior. Fizemos cerca de cinco quilómetros desta forma e ficámos aliviados ao encontrar-nos num bosque, junto ao quartel do batalhão que tínhamos de contactar. Uma conversa e um copo de água — e até isso é precioso lá — e um oficial ofereceu-se para nos levar até ao local do embate.

Uma caminhada de quinhentos metros — mais lama, mais água — levou-nos a uma linha de trincheiras e abrigos a uns cem metros das trincheiras alemãs, embora protegidos das mais próximas por uma ligeira elevação pelo meio. Que estávamos em proximidade desagradável tornou-se logo evidente, pois

o "fiu! fiu!" das balas vinha com regularidade perturbadora. A toda a hora, fachos de magnésio iluminavam o céu e obrigavam-nos a ficar imóveis como rochas, pois o menor movimento denunciava-nos. Mas já tínhamos chegado aos destroços. Pelo que soube, visto do solo, a queda fora emocionante, e as nossas tropas, ao longo de mais de seis quilómetros da linha, tinham-se erguido e aplaudido de pé durante vários minutos.

Na verdade, alguns tinham dito ao oficial comandante do batalhão, como ele nos contou, que todos achavam que valera a pena suportar quatro dias de desconforto só para ver a máquina cair de 2.100 metros, já que o motor funcionou o tempo todo e ele demorou apenas trinta e cinco segundos a descer quase três quilómetros. Podes imaginar a velocidade a que ia quando embateu no solo! Terminando a descida em mergulho, como disse, com o motor a trabalhar, atingiu primeiro o topo de um abrigo. Parece que os homens que observavam a queda, ao perceberem que a trajetória os apontava, tinham-se refugiado dentro do abrigo. O teto era construído com troncos de árvores de dimensões reconfortantes, coberto por quase um metro de terra.

O impacto foi tão grande que, devido ao peso do motor, este atravessou o teto de rajada e enterrou o nariz no fundo do abrigo, deixando parte da cauda de fora, mas o resto tão comprimido que não ocupava mais do que um metro cúbico. Recordando que este tipo de máquina tem uma estrutura toda em aço, e que atrás do assento do piloto não há nada de peso, ajuda a salientar a colossal velocidade a que devia viajar. Os quatro ocupantes do abrigo ficaram todos feridos, mas nenhum gravemente. Um, em particular, ficou ali deitado convencido durante algum tempo de que estava noutro mundo!

Cerca de um quarto de hora depois do impacto, os destroços incendiaram-se, possivelmente devido às granadas que os alemães prontamente começaram a lançar. Foi então que o "quase-cadáver" decidiu que um pouco de atividade poderia ser útil e, como já começava a fumegar, foi atirado para dentro de uma conveniente cratera cheia de água, o que o devolveu ao seu estado anterior ao acidente, se me é permitido inventar a expressão. Os destroços ainda fumegavam quando lá chegámos.

Do que vimos naquele abrigo de três metros por três e meio, à luz de uma lanterna elétrica através do fumo e do cheiro, à meia-noite e com granadas a rebentar em todo o redor, nunca esquecerei enquanto viver.

Para além de repetir o relatório oficial que enviei, os detalhes seriam demasiado macabros para pôr em papel. Não creio que tal situação tenha sido concebida sequer no mais arrepiador romance alguma vez escrito.

Horrível, não é? Abalou-me os nervos até aos farelos, mas talvez se endireitem de novo em breve. Pessoalmente, não consegui aguentar mais de alguns minutos e fugi para o ar fresco, embora um "fiu-phut!" particularmente próximo me tivesse forçado de volta à trincheira. Uma espera de meia hora, enquanto o sargento e o mecânico faziam um exame mais minucioso e detetavam muitos itens peculiares de interesse.

Como lembranças de uma ocasião tão macabra, guardei duas fitas de condecoração que o observador usava, embora não tenham sido encontrados medalhas; uma delas é a da Cruz de Ferro. Tenho também a magneto do motor, uma pistola para disparar very-lights que serviam para orientar a artilharia antiaérea contra as nossas máquinas, um pedaço de lona e de asa (embora as cruzes das asas já tivessem sido levadas), e alguns botões de uniforme do piloto, que repartimos entre o mecânico e o sargento que nos acompanhavam.

Saímos de regresso pouco depois da meia-noite, repetindo o processo alternado de vadear, tropeçar, chapinhar e atolarmo-nos com intensidade redobrada, já que o nevoeiro se transformara numa autêntica cerração cerrada. Além de nos perdermos várias vezes, fizemos quatro quilómetros desnecessários por termos falhado a viragem correta. Como podes imaginar, ficámos imensamente agradecidos por reencontrar o nosso carro de apoio, e de rastos de cansaço.

Mas as nossas aventuras ainda não tinham terminado. Como, naturalmente, não são permitidas luzes por lá, demos de caras com um cavalo e uma carroça, felizmente evitando o primeiro, que desatou a fugir no nevoeiro em direção oposta. Mais de uma vez, uma das rodas do carro caiu numa cratera, e tal sacudidela não se esquece tão cedo.

Podes crer que não ficámos nada desgostosos por entrar no aeródromo às duas da manhã, sem termos dado uma dentada em nada durante o que deve ter sido facilmente as doze horas mais movimentadas da minha vida.

Depois de separar e repartir as relíquias, fomos deitar-nos e, quanto a mim, dormi como uma pedra.

Muito obrigado pelas tuas cartas e pelas revistas — li o artigo do "Junior Sub".

Estou agora de saída para a caminha. Receio que esta carta chegue demasiado tarde para o correio de hoje, mas achei melhor terminá-la, já que podes supor que ontem não tive sequer tempo para um postal.

Adeus, querida Mãe; muito obrigado a ti e ao Pai pelas vossas cartas. Com muito amor para todos. — Teu filho carinhoso,
Claude

O SEGUNDO
LIVRO DE CLAUDE

NOVA IORQUE, 1920

"CLAUDE"
Piloto R.F.C., abatido em pleno ar em 11/11/1915, com 20 anos e 6 meses

O SEGUNDO LIVRO DE CLAUDE
É DEDICADO
À SUA AMIGA
LADY (AMY CHRISTIANIA) PALMER
EM APRECIAÇÃO PELA SUA EXTREMA BONDADE

INTRODUÇÃO

Quando a primeira publicação de *'O livro de Claude'* apareceu, observei à sua amanuense, que também é a sua mãe, que havia muitas passagens tão profundas e ricas que não pude supor que Claude estivesse ciente do pleno significado que encerravam. Elas estavam totalmente de acordo com o conhecimento filosófico mais profundo da vida superior, como o humilde mas firme possuíam aqueles que dedicaram vários anos ao seu estudo; tal profundidade estava obviamente além do conhecimento de um jovem soldado que acabara de passar para a vida espiritual e que não levara consigo realizações como as do falecido Alfred Russel Wallace ou do meu venerado amigo, o falecido sir William Crookes.

Já que não há concessão miraculosa de conhecimento aos espíritos que passam para o outro plano, infere-se da linguagem de Claude que este teve contacto espiritual com fontes de conhecimento avançado, e que possuía a capacidade de ecoar alguns dos seus ensinamentos sem estar atento para o pleno significado daquilo que estava a transmitir.

Essa inferência é inteiramente confirmada no segundo livro. O perito em ciências psíquicas reconhece nele, ao mesmo tempo, um avanço notável em relação ao primeiro. O primeiro livro foi o trabalho de um estudante matriculado na grande universidade cósmica. A mão do graduado (o possuidor, digamos, do diploma de um primeiro estágio?) pode ser notado no

segundo. Claude está mais em "contacto" com as realidades da outra esfera. Está muito ansioso por explicar as suas verdades fundamentais nos termos desta vida; e agora que está em contacto mais estreito e possui uma apreciação mais incisiva das condições da vida no além, ele executa bem a sua tarefa. O capítulo sobre a Oração, em particular a sua primeira parte, é uma joia perfeita de exposição; e esse é apenas um exemplo dentre muitos.

No entanto, à medida que lê, o estudante de filosofia psíquica forçosamente concluirá que, embora tenha avançado muito em conhecimento, Claude permanece por vezes inconsciente do teor pleno das suas palavras -- isto é, ele está em "contacto" com fontes elevadas de ensino, embora ainda não tenha assimilado totalmente o que recebeu.

Um exemplo característico ocorre no capítulo dedicado às Premonições. Diz Claude: "O espírito ajusta o mental e o físico a uma taxa muito elevada de vibração, até atingir um quase estado de exaltação: o espírito sabe que não haverá consequências depressiva -- nenhuma reação. Essa aceleração da vibração pode ser efetuada por meios diversos e opostos -- pela oração -- ou pela bebida (eu sei que esta sobreposição soa horrenda)."

Sim, tal sobreposição soa horrenda: ainda assim, se algum instrutor espiritual estiver a instruir Claude na química dos estados emocionais, esta frase será um eco, um esboço de uma das verdades que lhe serão reveladas. O maior expositor psíquico de todos os tempos foi culpado da mesma sobreposição, porque ele também refletiu sobre a química dos estados emocionais. "Não se embriaguem com vinho," disse São Paulo (Efésios v. 18). "Não se embriaguem com vinho, que leva à depravação, mas deixem-se encher do Espírito." Claude, o aluno, acha necessário pedir desculpas pelo que parece ser uma sobreposição de associações horrenda. O Grande Apóstolo, como um dos Mestres da Ciência, não apresenta nenhum pedido de desculpas por um paralelismo de ideias similar.

Ao contemplar o óbvio progresso intelectual que distingue o segundo livro do primeiro, o observador da ascensão espiritual de Claude dificilmente evita recordar duas passagens esplêndidas da Bíblia, ambas obscurecidas por traduções inadequadas, que são ilustradas pelas suas experiências. "Os teus olhos verão o Rei no Seu esplendor," diz Isaías (XXXIII. 17), "e vislumbrarão a terra que está longe." E essa garantia pré-Cristã é realçada pela revelação

daquele psíquico posterior que foi privilegiado por uma intimidade peculiarmente sagrada com o seu Mestre: "Bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem dos seus trabalhos, mas as suas obras os seguem."

Seguramente, Claude está empenhado em atividades simpáticas enquanto investiga as condições da vida real em toda a sua extensão naquele território para onde foi. Podemos muito bem imaginá-lo entre aqueles:

"A quem vem o nosso grande Senhor Deus, Mestre de todo ofício;
E lhes narra contos da Sua labuta diária, de Édens recém-criados,
E que se erguem quando Ele passa, cavalheiros destemidos."

A repentina realização de Claude e o rápido progresso poderão porventura marcá-lo como um do grupo que, durante o próximo século, irá derrubar a barreira existente entre os dois mundos, destruir por completo o aguilhão da morte. Em todo caso, alguns de nós esperam humildemente pela sua promoção final ao posto de auxiliares no mesmo esforço esplêndido. Em qualquer dos casos, nós, e uma miríade de outros, somos encorajados e revigorados por mensagens como aquelas que Claude e os seus companheiros imortais enviam àqueles que, em ansiosa expectativa, se encontram

"Sobre a colina visionária;
A assistir e aguardar notícias etéreas:
A olhar além das tempestades da vida e do frio da morte
Para as habitações da Vontade Eterna."

ELLIS T. POWELL

PREFÁCIO

Este livro regista a continuação das "conversas" já publicadas em *Claude's Book*, que descrevia as primeiras impressões e experiências de um jovem aviador acerca da vida depois da morte, no mundo espiritual em que, subitamente e contra vontade, se viu quando foi morto, em combate aéreo contra dois alemães, em novembro de 1915. Alguns dos capítulos seguintes foram-me transmitidos diretamente por impressão de Claude, mas a maioria das comunicações foi dada, como anteriormente, por intermédio da mediunidade da Sra. Osborne Leonard.

É preciso compreender que, devido às limitações da linguagem, que é inadequada para expressar realidades espirituais, as palavras usadas em todas as suas conversas são sempre apenas o "equivalente mais próximo" daquilo que Claude deseja exprimir, explicar ou descrever. A julgar pelo grande número de cartas que recebi aquando da sua publicação, é evidente que *Claude's Book* trouxe consolo a muitos, ajudando-os a perceber que uma vida mais ampla e plena sucede naturalmente a esta, em continuidade ordenada.

Embora saiba que a comunicação entre os vivos e os chamados "mortos" (que, na realidade, estão mais vivos do que nós) é possível, sob certas condições, acredito que só existem duas razões que a justificam. A primeira é o desejo honesto de conhecer e comprovar a verdade, aprendendo as condições da vida futura (nenhum de nós pode escapar à morte, portanto é um assunto de interesse geral). A segunda é o desejo muito natural de falar com alguém profundamente amado que já partiu, saber que está bem e que o laço de amor continua.

O tema deve ser estudado quer do ponto de vista científico, quer do religioso, pois neste último caso a comunicação é algo sagrado, belo e santo. Tratar o assunto com leviandade vulgar ou realizar sessões indiscriminadas por diversão, com qualquer pessoa, em qualquer lugar e sob quaisquer circunstâncias, é de uma insensatez extrema, pois os espíritos atraídos em tais condições pertencem a uma ordem inferior e pouco desenvolvida; nada de bom pode resultar dessa associação. Já há pessoas indesejáveis suficientes no mundo terreno, sem necessidade de se convidar o regresso das que, desse mesmo tipo, já o deixaram.

Diz-se que deveríamos contentar-nos em saber, pela "fé", que os mortos vivem. Alguns poucos entre nós, intensamente conscientes do espírito

dentro de si próprios, ficam assim satisfeitos; mas a maioria, ansiosa como São Tomé por acreditar, requer provas. Nesse caso concreto, recorde-se que o próprio Cristo concedeu ao discípulo a oportunidade de provar, por evidência material dos seus sentidos, que era de facto o Mestre morto quem estava diante dele:

"Estende o teu dedo e contempla as Minhas mãos; aproxima a tua mão e introdu-la no Meu lado; e não sejas incrédulo, mas crente."

Nas páginas seguintes, sempre que se usa a palavra "médium", refere-se a qualquer pessoa suficientemente desenvolvida, do ponto de vista psíquico, para ver, ouvir ou sentir espíritos desencarnados (pois todos nós já somos espíritos aqui e agora), e não apenas a médiuns "profissionais".

Uma das provas mais convincentes para o cético do facto de os espíritos serem por vezes visíveis é que certos animais também os conseguem ver e, curiosamente, revelam-se muito assustados, reconhecendo a sua aparência como anómala; existem muitos casos bem autenticados deste género. Outro fenómeno muito interessante, não geralmente conhecido, é este:

determinados médiuns totalmente iletrados, incapazes no seu estado normal de se exprimirem correta ou gramaticalmente, mesmo em inglês, conseguem, em transe, sob o controlo de espíritos estrangeiros, dar provas de identidade e manter longas conversas fáceis, corretas e fluentemente em várias línguas, tanto europeias como asiáticas.

Atualmente existem tantos livros sobre o tema, escritos por homens instruídos e científicos, que é possível estudá-lo de forma profunda e cuidadosa sob muitos pontos de vista. Mas, seja qual for o meio que traga a convicção, uma vez assegurado o facto da existência ininterrupta e progressiva, a perspetiva sobre a vida e a morte muda completamente. Percebe-se que vale a pena viver dignamente aqui, pois a morte não é o destruidor que põe fim a todas as coisas, mas sim o libertador; aqueles que atravessam o seu portal nestas condições entram numa vida mais bela. Para eles já não há preocupações nem ansiedades, dores nem doenças, nem o peso da velhice, mas juventude e felicidade radiante, porque vivem "para sempre na luz".

L. KELWAY-BAMBER

SINOPSE

Claude fala de:

- “Algumas dificuldades da mediunidade”
- “O círculo de poder”
- “Participantes ideais”
- “O caminho do progresso do homem”
- “A personalidade do homem”
- “Espiritismo e ocultismo”
- “O grande tecelão”
- “Ideais do homem cumpridos pelo espírito”
- “A reencarnação do homem”
- “A peça em falta”
- “A escola de Deus”
- “Sonhos”
- “O poder da mente”
- “Auxiliares espirituais”
- “O Ego” – “Contrapartes”
- “Premonições – a segunda vinda de Cristo”
- “O mapa da evolução do homem”
- “As lições da vida”
- “Deus – a guerra – o espírito do Cristo”
- “Desenvolvimento da personalidade”
- “Dupla personalidade”
- “A prerrogativa do espírito”
- “Oração”

AS CONVERSAS DE CLAUDE

Algumas dificuldades da mediunidade

Quero tentar explicar melhor a causa de algumas dificuldades na comunicação através de um médium. Suponhamos que o consideramos, por instantes, como um gramofone. Os médiuns funcionam automaticamente sob a nossa ação; não conseguimos impressioná-los palavra por palavra. O *modus operandi* é o seguinte: o espírito comunicante obtém um encadeamento completo de pensamento, digamos duas ou três frases juntas; esse é o seu "registo". Depois, tem de o erguer e fixar na mente do médium (o gramofone). Ora, a dificuldade é que esse registo pode não se ajustar a esse instrumento em particular; se se ajusta, o participante ouve a frase como foi dada ou apenas alterada em pormenores não essenciais.

Imaginemos que o registo era: "Vim ver-te no início da semana passada, num dia lindíssimo, e penso que sentiste que estava contigo"; e o médium diz: "Vim ver-te na segunda ou terça-feira da semana passada, num dia glorioso", etc. – o registo ajustou-se. O espírito normalmente não consegue saber se o registo foi transmitido corretamente até sentir o efeito no participante. Por exemplo, se o médium dissesse: "Vim ver-te no fim da semana passada, num dia muito chuvoso", a deceção do participante seria sentida pelo espírito e causar-lhes-ia um choque. Ele perceberia que não estava a conseguir transmitir corretamente, mas talvez não conseguisse cancelar a impressão falsa, com receio de maiores complicações.

Por vezes, em condições excecionalmente boas, quando a harmonia entre participante, médium e espírito é muito completa, como no nosso caso, o espírito comunicante consegue ouvir tudo o que o médium diz, mas isso não é comum. Quando movido pelo amor ou pelos laços familiares, o espírito comunicante está efetivamente na sala, mas um espírito muito evoluído, proveniente de esferas mais elevadas, impressionaria o médium à distância.

Toda a pessoa sensata deve julgar cada coisa pelo seu próprio fundamento de facto. Cada registo colocado na mente do médium fica inevitavelmente registado no seu subconsciente; isto explica um ponto que muitas vezes conduz a complicações, pois, numa segunda visita, o espírito pode tentar comunicar algo adicional sobre o mesmo tema de antes e, assim, aceder automaticamente ao registo da sessão anterior, visto ser mais fácil ao cérebro do médium aceder à cópia já presente no subconsciente do que receber uma nova impressão.

Se o médium (de modo totalmente inconsciente) fizer isto, o participante recebe a mensagem correta da sessão anterior (e não da que está a ter lugar no momento), mesmo que tenha sido transmitida de forma incorreta na altura, porque o subconsciente regista as coisas tal como são, captando o pensamento forte do espírito corretamente. O subconsciente lembra-se sempre com exatidão; é a mente consciente que erra.

As comunicações mais corretas são geralmente dadas uma frase de cada vez; um fluxo de linguagem seguido é muitas vezes a repetição de um registo já gravado no subconsciente do médium.

Para condições ideais, a mente consciente do médium deve estar adormecida ou amortecida; o sucesso da sessão depende do grau em que esteja anestesiada. A mente varia neste aspeto, razão pela qual um médium de transe é o mais eficaz, pois é difícil controlar a ação ativa da mente consciente. O médium normal pode conseguir isto apenas ocasionalmente e pode alterar o rumo de uma frase conscientemente mas sem intenção.

Num psíquico bem desenvolvido, que seja médium de transe (dado um estado perfeito de transe), a mente consciente deve estar completamente anestesiada e, nesse caso (condição ideal em todos os sentidos), a comunicação viria correta e inalterada; mas pequenos fatores podem impedir que o estado de transe seja perfeito. Por exemplo, se o médium tiver estado preocupado antes da sessão ou excessivamente interessado em algo, uma parte da mente pode ainda estar a pensar e a trabalhar nesse assunto, o que pode influenciar alguma parte das comunicações; é por isso que é um erro o participante falar demasiado com o médium antes da sessão, pois uma impressão normal muito forte pode ficar registada e interferir.

Alguns médiuns ficariam indignados se ouvissem isto; pensam que tudo o que transmitem é puro e intocado; esquecem-se de que todos os que interpretam o lado mais elevado das coisas, como a música ou a pintura, estão sujeitos, por vezes, a interpretações falhas. Porque deveriam considerar-se menos suscetíveis ao erro, sobretudo quando muitos dedicaram relativamente pouco tempo ao estudo do seu dom – sendo que a mediunidade é o mais subtil de todos os dons? Quando um artista ou músico erra, geralmente sabe onde se enganou; um médium não.

Alguns médiuns captam um pouco de uma coisa e um pouco de outra, alguns têm uma forma de clarividência que penetra à distância e consegue ver coisas que até um espírito não vê, outros psicometrizam através do participante –

mas tudo isto se "baralha" e mistura, e o resultado é incoerente. O melhor e único caminho fiável é o médium ligar-se profundamente, em primeiro lugar, a um espírito relacionado com o participante, formando assim um "elo" definido; disso depende o êxito não só da primeira como também das sessões seguintes.

O CÍRCULO DE PODER

Em qualquer sessão ou reunião, independentemente do número de presentes, forma-se um anel psíquico de poder, e foi provavelmente para o definir que os magos antigos desenhavam um círculo em seu redor ao realizarem os seus ritos mágicos. Neste momento consigo ver esse círculo de poder à volta de ti e do médium; para mim tem uma certa substância e parece uma névoa luminosa em constante movimento. Essa névoa estende-se cerca de um metro em todas as direções à vossa volta; não é estática, e por vezes expande-se até um metro e meio. Eu encontro-me dentro desse círculo convosco.

O estado do círculo mostra o poder existente na sessão. Se as condições forem más (mesmo com um médium bem desenvolvido), o círculo continuará lá, mas será espesso, pesado e não tão forte. Na Terra as pessoas pensam geralmente que aquilo que é pesado e denso é mais forte, mas a diferença entre o poder fino e o denso é como a diferença entre uma espada de chumbo pesada e uma de aço fina e leve. Quando o poder é denso e pesado, embota as minhas faculdades e a capacidade de comunicação, pois ao entrar nele o esforço é tal que deixo de fora muito do que quero dizer. Confunde-me como te confundiria a ti, se te encontrasses numa sala cheia de fumo ou de gás a escapar, e entorpece também o médium.

"Que poder é este e de onde emana?" O poder é o resultado do desenvolvimento correto e persistente do médium. Alguém que esteja apenas a começar a desenvolver-se não teria esse poder, mas ele cresce gradualmente; é uma espécie de névoa psíquica, um grau diferente do tipo de energia emitida pelo médium numa sessão de materialização, e parece provir da aura do médium. Notei que todos os médiuns têm auras grandes, não apenas em volta da cabeça, mas de forma geral, e estas contêm esse poder psíquico; até mesmo um psíquico não desenvolvido possui uma aura maior do que a do indivíduo comum.

Como já disse antes, a aura faz parte do corpo espiritual, que se sobrepõe parcialmente e envolve o corpo físico, e, por isso, parece mais natural conter este poder, que pertence ao psíquico e ao espiritual, em vez de estar dentro do corpo material, que é grosseiro em comparação, cheio de toxinas e sujeito à decomposição. Pois este poder está ligado ao espírito, vem do espírito e destina-se a ser usado para fins espirituais, não apenas para coisas materiais, e quando um médium usa este dom apenas para fins materiais, o desenvolvimento áurico não é tão pronunciado.

Alguns médiuns desenvolvem-se rapidamente numa linha particular e não possuem estabilidade suficiente para manter a condição mental e física necessária a um desenvolvimento progressivo e desejável; os poderes desses médiuns deterioram-se. É quando o poder psíquico é devidamente sustentado por condições mentais e físicas adequadas que o melhor tipo de poder cresce em torno do médium.

Quando um espírito se dirige a um médium, vê o poder que dele emana. Se for a sua primeira visita a esse médium em particular e ele tiver experiência de comunicar desta maneira, tenta sentir a qualidade do poder – a sua textura – para encontrar a forma mais fácil e eficaz de o utilizar. Pode descobrir que consegue usá-lo para fazer o médium ouvir o que diz, ou pode ser mais fácil utilizá-lo para criar imagens e símbolos de lugares, pessoas ou coisas que transmitam o que deseja exprimir ao participante; mas o espírito pode atravessar grande parte, ou mesmo toda, uma sessão sem conseguir descobrir como usá-lo corretamente ou da melhor maneira.

Isto aplica-se tanto à mediunidade normal como à de transe, pois o controlo, nesse momento, encontra-se em estado semelhante ao de um médium normal. Quando o espírito encontra o melhor método, liga-se ao médium, usa toda a sua energia e concentra-se nele; quando estabeleceu condições verdadeiramente boas e há harmonia e simpatia entre espírito, médium e participante, pode mais tarde usar o poder noutras direções também.

Já disse que o poder se espalha cerca de um metro em cada direção, mas, se as condições forem muito boas, pode estender-se muito mais longe – uma espécie de ramificação pode prolongar-se bastante numa direção particular; mas isso não é desejável, em regra, pois consome o poder e depois resta muito pouco para o uso normal. Por exemplo, se disséssemos ao controlo presente para ver o que se passa no jardim, ela poderia fazê-lo, mas ficaria muito menos poder disponível para eu continuar a minha conversa contigo.

Isto explica porque é que as sessões correm mal quando há interrupções; se alguém bate à porta, por exemplo, o médium visualiza quem está a bater, e o poder projeta-se para a porta e já não pode ser recolhido devidamente. Para uma boa sessão o médium deve consolidar o poder.

Muitas vezes a culpa é do participante quando a sessão falha; por exemplo, suponhamos que o espírito comunicante é um filho, e acabou de conseguir entrar totalmente na condição certa, e o participante pergunta: "O tio Jaime está aí?" O "tio Jaime", que provavelmente estava à espera fora do círculo, entra nele a esse convite, possivelmente trazendo consigo um pai ou um amigo. O poder entre o médium e o filho é assim desviado, e o médium tenta ligá-lo ao "tio Jaime", uma nova personalidade, e pode levar algum tempo a acertar a nova condição. Se dois espíritos estiverem igualmente dentro do poder, conseguem ver-se devidamente, mas não se um deles estiver fora ou na periferia.

PARTICIPANTES IDEAIS

Após algum tempo de sessão, devido a certas peculiaridades mentais e temperamentais, o participante pode afetar a qualidade do poder presente. Algumas pessoas são especialmente adequadas como participantes. O ideal é alguém equilibrado, calmo, bem controlado e recetivo, com uma mente alerta que compreenda rapidamente um ponto, e uma disposição afetuosa. Pessoas histéricas ou frias e calculistas não servem de muito; ambas nos afetam de forma negativa. O médium ideal não tem opiniões muito marcadas ou preconceituosas sobre qualquer assunto e cultiva uma mente aberta tanto quanto possível.

Para obter bons resultados, os participantes devem ser treinados tal como os médiuns, e estudar de forma a conseguir as melhores condições. Uma vez que as boas condições estejam devidamente estabelecidas entre espírito, médium e participante, todas as sessões seguintes tornam-se fáceis, salvo se houver alguma causa física, como grande fadiga ou doença, de parte de um ou de outro; e mesmo assim o obstáculo seria apenas temporário.

Um participante que se especializa numa direção particular é "difícil", pois a mente, neste caso, não é flexível; está fixada em certos trilhos, e não é fácil formar um "elo" satisfatório. Pessoas inteligentes são muitas vezes demasiado centradas em si próprias. O amor cria o elo mais satisfatório, que

se estabelece melhor através de coisas conhecidas e familiares ao participante. Os participantes devem perceber que as limitações são muitas vezes suas próprias, e devem aprender a controlar-se física e mentalmente, a eliminar irritabilidade, mau humor e preconceito (se todos pudessem fazer isto, o mundo seria um Éden!), e a cultivar aquela calma que não vem de uma mente letárgica, mas de um grande autocontrolo e autoconhecimento. Isto é essencial para que o participante beneficie da comunicação espiritual, para aprender algo da beleza das verdades espirituais que através dela se pretendem ensinar, e para dar um passo mais próximo de Deus.

Claro que todos concordamos que alguns métodos de comunicação entre vivos e mortos (espíritos desencarnados e encarnados, pois todos somos igualmente espíritos) são rudimentares, mas isso deve-se à vossa limitação de visão e audição. Só é possível usar meios facilmente acessíveis, por mais simples que sejam. Se um homem estiver na prisão e quiser comunicar com o amigo na cela ao lado, separado apenas pela espessura da parede, o método mais fácil será bater na parede e usar um código; é a "condição intermédia" e não a distância que dificulta a comunicação, e é precisamente este facto que também se aplica às circunstâncias de que falamos.

É uma distinção puramente arbitrária dizer que uma forma de comunicação é "superior" a outra e que, portanto, a mediunidade de transe é preferível, por exemplo, à mesa giratória; é, sem dúvida, menos trabalhosa e mais rápida para os participantes, mas não necessariamente "mais elevada" em qualquer sentido. A beleza, dignidade e interesse de qualquer coisa recebida do outro lado dependem dos participantes. Tanto faz dizer que é "superior" receber uma mensagem de um amigo por "rádio" em vez de através de um bom e velho telegrama. (Talvez apenas em termos de altitude!) Afinal, o mais importante é o conteúdo, não o método de transmissão.

Estive com amigos espíritos quando comunicavam com os seus entes queridos e ouvi não apenas provas, mas factos interessantíssimos e belos da sua vida aqui, dados através da mesa; foi uma comunhão de almas fortalecida pelo amor e pela aspiração, um meio comum para um fim sagrado. Por outro lado, já te ouvi queixar-te de discursos em transe que não passavam de uma série de banalidades que qualquer um poderia ter dito sem necessidade de entrar em transe! É claro que alguns desses métodos são muito mais acessíveis à maioria das pessoas e, por isso, abusados; mas este não é um assunto para brincar, deve ser tratado como algo sério, ou mesmo sagrado, ou então deixado de lado; brincar com fogo é perigoso, e se as pessoas

convidam de ânimo leve a presença de espíritos desencarnados podem acabar por lamentar. No melhor dos casos, só conseguirão mensagens frívolas, falsas e sem sentido; no pior, estarão a abrir a porta a hóspedes indesejados cuja influência poderá ser difícil de erradicar.

O CAMINHO DO PROGRESSO DO HOMEM

Algumas pessoas têm o espiritual tão fortemente desenvolvido dentro de si que sentem e sabem instintivamente a verdade da sobrevivência, e não necessitam de ser convencidas por fenómenos físicos ou mentais. Mas é bom que até estas compreendam o assunto de forma prática, pois assim podem convencer outros menos evoluídos e mais céticos. Todos os meios, sejam eles quais forem, destinam-se a conduzir a um fim: a prova de que o homem é espírito e, portanto, sobrevive à morte.

A evolução do homem segue um ciclo, pois ele vem do espiritual (na verdade de Deus) e, por mais tempo que leve, vai construindo a sua personalidade no desenvolvimento através do físico e do mental, até regressar ao espiritual.

Até alcançar o absoluto autocontrolo e tornar-se verdadeiramente espiritual – isto é, até agir mesmo inconscientemente sob a direção da sua natureza espiritual – está sujeito a recair, por vezes, no último estágio por que passou. É isto que explica porque é que um homem altamente desenvolvido mentalmente, ou um génio, pode, em certos momentos, agir de forma imoral ou até criminosa. Quando o homem é realmente espiritual, deve ter dominado e vencido essas fases; não há, portanto, possibilidade de elas regressarem. Quando atinge o espiritual, significa que se religou à fonte Divina e pode daí retirar tudo o que necessita.

Embora estas etapas sejam necessárias ao desenvolvimento do homem, não é preciso passar muitos anos em cada uma delas. O caminho mais rápido é aprender a pôr o ego de lado. Se for egoísta na primeira etapa, só pensará em fazer o que é melhor para o seu corpo físico e não para a sua alma, e pode, por isso, prejudicar os outros de forma descuidada, mesmo que não deliberada. Quando começa a considerar se as suas ações irão magoar os outros, está a progredir e encontrará felicidade no sentido de ter agido bem.

O homem pode passar uma vida inteira apenas na etapa física, mas nos registos das eras há poucas pessoas que não tenham aprendido nada de bom, mesmo nessas circunstâncias; alguém pode parecer um homem

completamente mau e especializado num vício, e a perspetiva do observador, turvada pela predominância desse vício, pode não perceber que, apesar disso, o pecador aprendeu algo – pode ser bondoso com os pobres ou terno com crianças e animais, por exemplo. Um homem assim, ao deixar o corpo, vai para o Astral mais baixo, onde, com o tempo, toma consciência do mal que praticou, pois a sua mente leva consigo o conhecimento de tudo o que fez; encontra-se entre pessoas semelhantes a si, e vê os seus próprios vícios refletidos em todos à sua volta, cada um deles uma lição viva.

Ao esforçar-se consistentemente por viver de acordo com o seu eu superior, o homem resolve o enigma de como alcançar a felicidade, pois não acumula arrependimentos e atrai para si respeito, amor, simpatia e uma satisfação profunda e duradoura.

A PERSONALIDADE DO HOMEM

O corpo espiritual cresce com e à volta do corpo físico, pois o espírito ligado ao corpo está a prover-se, automaticamente e como ato de instinto de sobrevivência, de uma "carapaça" ou forma para usar quando estiver dissociado da carne. A atmosfera fornece o tipo de material minucioso e refinado necessário. Há algo num espírito acima da consciência, pois é um pequeno fragmento do próprio Divino, já que provém da consciência omnisciente, o Espírito Universal.

Um bebé nasce com um cérebro de certa capacidade; a mente consciente fica limitada desde o princípio por isso. A origem da mente subconsciente é esse fragmento de Deus a que chamamos espírito; ela cresce e apenas alimenta a mente consciente, registando certas experiências do corpo físico. A mente subconsciente começa a crescer diretamente a partir do momento em que o espírito se liga ao corpo. Assim que a mente consciente começa a funcionar, passa a registar no subconsciente.

Como o subconsciente é a mente do espírito, é muito menos limitado e regista tudo mesmo antes de a mente consciente o conseguir apreender, pois esta opera através do cérebro.

Logo que a mente consciente começa a funcionar, existe força de vontade, e a personalidade começa a desenvolver-se; é amplamente influenciada por impressões precoces. A mente subconsciente conhece a sua origem e procura salvaguardar e sustentar a personalidade em crescimento. Repete

continuamente: "Eu venho de Deus — sê semelhante a Deus", no seu esforço para a influenciar. A isto se chamou consciência.

Enquanto se desenvolve através do corpo, as condições terrenas podem tentar a personalidade a exprimir-se por meio dos seus sentidos animais inferiores; a força de vontade está lá e o espírito chama, mas a personalidade põe de lado a vontade e corta a voz da mente espiritual. Uma personalidade numa primeira encarnação tende a ser animalesca e bastante bruta, pois não teve experiência individual de vida espiritual e sente o sentido de novidade, vivendo plenamente a vida do físico para a qual primeiro despertou. À medida que a personalidade cresce, o corpo espiritual cresce de acordo e, neste caso, seria grosseiro e a aura mal formada — um corpo espiritual adequado ao Astral mais baixo. Deus não decide a qualidade do corpo espiritual; o próprio homem é que decide.

No Astral essa personalidade encontra-se num estado de estupidez porque está por desenvolver, exceto num sentido físico, de modo que, quando se vê cortada do corpo terreno, sente-se perdida. Numa assombração genuína a personalidade está tão pouco habituada a qualquer coisa que não o físico que fica por perto de forma cega e irrefletida; não consegue compreender nem pensar no seu novo estado e quer mover-se mecanicamente nas velhas condições que reconhece. Só o pode fazer durante algum tempo, porque esse fragmento de Deus a puxa, e há de prevalecer no fim, leve o tempo que levar, porque o novo corpo, o Astral, embora ainda grosseiro, é mais afim do espírito do que o antigo; por isso será atraída, por fim, para o lugar a que pertence.

ESPIRITISMO E OCULTISMO

O Ocultismo não deve ser confundido com o Espiritismo, pois este é um credo relativamente simples, embora fundamental, visto que apenas afirma:

1. Que o homem é um espírito e sobrevive à morte;
2. Que a comunicação é possível entre os vivos e os chamados mortos.

É óbvio que isto de modo algum pode diminuir a crença religiosa de ninguém, seja ela qual for, pois prova a vida após a morte, que é o princípio de praticamente todas as religiões, e, para o cristão, a "comunhão dos santos" torna-se uma experiência real.

O conhecimento assim adquirido deve ser a pedra de toque para o desenvolvimento espiritual (não oculto). O fenómeno do Espiritismo é necessário para convencer as pessoas destes factos, mas não é um fim em si mesmo e, para aqueles que não tentam aprender nada mais, termina num beco sem saída. São precisamente essas as pessoas que dizem, a propósito do assunto: "Está tudo bem, mas não leva a lado nenhum!" Podiam muito bem ir pela rua com os olhos fixos no passeio e depois admirarem-se de não verem o céu! Uma vez convencidos de que têm, ou melhor, de que são, espíritos e sobrevivem à morte, cabe-lhes a eles aprender a dar-se conta desse facto e procurar viver de forma bela.

O espírito está sempre à espera, ansioso por se desenvolver, mas não o pode fazer até que a mente e o corpo estejam prontos. Por desenvolvimento espiritual entendo o cultivo do conhecimento consciente da presença de Deus, não só na alma individual, mas em tudo e em toda a parte. A oração, se vem do coração, é uma ajuda muito grande, mas é pior do que inútil se for mecânica. Deus fala através de toda a natureza; aqueles cujos ouvidos estão sintonizados ouvem-No, e aqueles cujos olhos se abriram à luz desse conhecimento compreendem o Seu poder manifesto na beleza em redor.

Ele fala mais através das árvores e das flores do que através dos seres humanos, porque essas coisas são verdadeiras, não há nelas "representação" nem "pose". Deus não Se pode exprimir através da insinceridade. Assim, é-Lhe mais fácil manifestar-Se através de uma alma simples do que de um génio centrado em si mesmo e artificial.

A prática do Ocultismo é sensata para pouquíssimas pessoas, e só para almas antigas. Algumas das suas leis rudimentares — viajar no Astral, por exemplo — já te expliquei um pouco,[1] porque tanta gente o faz inconscientemente durante o sono. Isto não é de modo algum nocivo, pois é um processo automático, e, por conseguinte, devem ser suficientemente evoluídos para tirar proveito disso; mas é outra coisa usar essas Leis Divinas de forma deliberada e consciente no plano terreno; quem o faz assume responsabilidades deliberadas e certamente sérias.

É, pois, bom compreender algo do assunto de forma inteligente, ainda que apenas por precaução, pois a grande maioria das pessoas não está ainda preparada para usar esses poderes, e os tempos e o ambiente são inadequados. O Ocultista conhece pessoalmente os seus guias e pode comunicar diretamente com eles. Aprende muitas coisas estranhas, curiosas

e maravilhosas; é capaz de atrair para si os Astrais de outras pessoas.
[1] *Claude's Book.*

Consegue trazer de volta à Terra a memória de todas as suas experiências enquanto viaja no Astral. Pode projetar o seu corpo Astral à vontade para qualquer lugar e em qualquer momento. A veracidade destas afirmações foi, e pode ser, verificada e definitivamente provada. O perigo reside nisto: para desenvolver o poder a tal ponto, o homem teve de se desligar tanto das coisas materiais — mentais bem como físicas — que perde o sentido das proporções, pois, para o fazer, tem de se fechar aos outros e, em consequência, torna-se egoísta e psiqu

icamente centrado em si mesmo. Esses Ocultistas sentem uma espécie de intolerância pelos seus semelhantes. Não perdem a simpatia nem a piedade, mas perderam o poder de ação definida num plano material, o que lhes torna quase impossível ajudar os outros de forma real, prática ou de bom senso. Este conhecimento pode ser adquirido por qualquer pessoa mental e psiquicamente desenvolvida, que seja uma alma antiga, tendo o desejo e a perseverança necessária; geralmente é esta última que falta.

Se um homem for sábio, bondoso, de mente aberta e altruísta, e usar esse poder para promover o bem, socorrer e ajudar os outros, está seguro; caso contrário, traz a sua própria némesis, pois o poder abandona-o de súbito, ficando não só impotente em relação à força oculta de que tanto se julgava seguro, como também depauperado física e mentalmente. Vi isto muitas vezes.

Acredito que virá um tempo em que as pessoas terão evoluído o suficiente para usar sabiamente e bem as leis ocultas. Uma nova geração que não se contentará apenas com o conhecimento das coisas materiais, mas estudará as leis espirituais e psíquicas e viverá, em consequência, com certos ideais em vista — hão de perceber o dever de cada homem para com o seu próximo e, através disso, o seu dever para com o seu próprio eu superior e, portanto, para com Deus.

O GRANDE TECELÃO

Não há "acaso" na forma como as pessoas se encontram e entram na vida umas das outras; tudo faz parte de um plano. Talvez se explique mais facilmente se pensarmos em Deus como o Grande Tecelão, a Terra como o tear, e todas as pessoas como as meadas que se movem para a frente e para trás, formando um desenho num tapete maravilhoso. O Grande Tecelão é também um grande mágico e, ao prender cada pequeno fio colorido ao tear, dota-o de vida e de vontade e mostra-lhe a linha que deve seguir para formar o motivo que tenciona criar. Tomemos o Sr. Fio Amarelo e digamos que ele tem de ajudar a formar uma rosa.

Ao começar a girar e a voltejar pelo tear, encaixando com vários outros fios, cada um na sua posição correta, tudo corre bem; de súbito, cansa-se da sua parte e sai tangencialmente, causando emaranhado e confusão ao Sr. Fio Vermelho e à D. Azul, cujas linhas cruza. Acaba por misturar tudo até quase se sufocar e fica parado. Se reconhecer o erro e desejar verdadeiramente reparar o mal que fez, fará o seu melhor, primeiro para desenredar e endireitar o Sr. Fio Vermelho e a D. Azul, pois é responsável pelos seus transtornos, e depois tentará regressar ao seu lugar original. Nenhuma quantidade de arrependimento, por si só, o ajudará; tem de ter a vontade de desfazer o mal.

Se não tiver essa vontade, o Grande Tecelão não fará o trabalho por ele; o que Ele faz é cortar o Sr. Fio Amarelo no ponto em que se prende ao tear e retirá-lo. Pela intrusão e retirada compulsiva do fio intruso, o Sr. Fio Vermelho e a D. Azul ficam com pequenas alças, irregulares e frouxas; fazendo esforços vigorosos, podem retesar novamente o seu próprio desenho de modo a não mostrar vestígios de ter sido cruzado pelo fio errado e, através dessa experiência, podem até ficar mais firmes do que antes.

O trabalho do Grande Tecelão nunca pára, por isso outro toma o lugar do Sr. Fio Amarelo, e o desenho continua a formar-se. Ele não é partido aos bocados e deitado fora como inútil, mas é alisado e posto na forma correta e, mais tarde, será de novo preso ao tear e, dessa vez, terá de tecer numa posição menos vistosa — provavelmente o fundo — onde ajudará a realçar a beleza tecida pelo Sr. Fio Vermelho e pela D. Azul. Há também subtecelões, os assistentes do Grande Tecelão (são os espíritos altamente evoluídos que vivem na sétima esfera); ajudam todos os que o desejam, orientando-os pelas linhas certas. Conseguem ver o desenho, embora não com tanto detalhe

como o Grande Tecelão, e por isso conseguem dizer ao longo de que linhas certas vidas decorrerão e, por vezes, predizem acontecimentos.

Conseguem ver que o Sr. Fio Liso está agora a formar um "caule" e que, se trabalhar segundo o desenho que o Grande Tecelão pretende, acabará por desabrochar numa bela rosa; mas, se, em vez disso, se desgovernar, será responsável pelo desastre resultante, pois não pode deixar de envolver outros. O Grande Tecelão não pretende que nenhum fio trabalhe sozinho, embora tenha um lugar individual; tem de cruzar e recruzar o tear com todos os outros, cada um tecendo a sua pequena parte no grande esquema de cores que nenhum de nós pode compreender, porque estamos demasiado perto para o ver na perspetiva correta e porque ainda não está completo.

IDEAIS DO HOMEM CUMPRIDOS PELO ESPÍRITO

Queres saber em que difere o homem dos animais, já que a mesma vida, ou força de Deus, o anima em comum com eles e com toda a criação? Bem, já te disse antes[1] que toda a força e poder emanam de Deus, pois Ele é todo Poder; Ele é também toda Mente e todo Amor. A força vital que palpita através do Universo, manifestando-se na existência de tudo o que vês, é também a causa do corpo físico do homem; mas o seu espírito, que é a sua prerrogativa e peculiar a ele, vem diretamente de Deus sob a forma da "gota" de que te falei antes e que permanece para sempre ligada à sua fonte. Essa "gota", a centelha Divina, é um pequeno fragmento da Mente de Deus, e é este facto que estabelece a diferença entre o mais baixo dos homens e o mais nobre dos animais.

[1] *Claude's Book*

O homem tem de desenvolver essa centelha vivendo à altura do melhor e do mais elevado em si. Recentemente falámos de como o homem tem de crescer em etapas regulares, do físico ao mental e daí ao espiritual, e de como, para estar bem equilibrado, tem de vencer cada etapa antes de prosseguir no seu caminho de evolução. Por vezes um homem, na sua ânsia de se desenvolver, despreza o físico e, desdenhando do corpo, torna-se excêntrico; descuida cortar o cabelo, ou anda de lado como um caranguejo, ou desenvolve outros hábitos incómodos, por não ter a postura correta. Isto traz a sua própria némesis, pois o corpo negligenciado reage sobre o cérebro e ele torna-se completamente desequilibrado.

Tudo, e cada fase, tem uma razão e um propósito e o seu lugar no grande desígnio do Criador e, por isso, provavelmente esse homem terá de regressar à Terra mais tarde para corrigir essa negligência e aprender a usar e a controlar o corpo físico da forma para que foi destinado. Por vezes deparas-te com esses homens quando reencarnados, e parecem deslocados; as suas vidas são de uma prosa extrema, e os seus interesses ostensivos limitados por fronteiras estreitas, e, no entanto, sabes e sentes de algum modo que estão talhados para coisas outras, diferentes e mais elevadas. Embora nem sempre se possa julgar, pela posição social de um homem ou pela natureza do seu trabalho, se a sua vida é "mais elevada" ou não, é, afinal, a sua maneira de viver e o uso que faz das oportunidades que constitui a verdadeira diferença.

Um homem pode ser carpinteiro de aldeia e, pela sua influência sã, honesta e bondosa, beneficiar de forma apreciável a pequena comunidade em que vive, enquanto outro homem, digamos um escritor, por exemplo, pode usar a sua maior oportunidade para achincalhar o que é bom e disseminar o que é impuro, desonesto e cínico, sem se importar com o efeito sobre os outros, porque, ao explorar o pior da natureza humana, pode ganhar mais dinheiro e obter uma notoriedade barata.

No mundo espiritual as coisas são reajustadas. Este lugar poderia chamar-se a "Terra dos Ideais Cumpridos", pois aqui, se um homem tiver feito honestamente o seu melhor na Terra, pode realizar os seus sonhos, que antes podiam estar completamente fora do seu alcance. Dar-te-ei um exemplo da minha própria experiência. Encontrei um homem, certo dia, que estava diante de um edifício belíssimo; contemplava-o com amor nos olhos. Fiquei tão interessado que parei para lhe falar. Disse-me que era um dos arquitetos que o tinham concebido e que isso significava muito para ele. Na Terra, desde tenra infância, desejara tornar-se arquiteto, e passava horas a desenhar projetos e todo o seu tempo livre a ir ver, admirar e estudar vários edifícios.

O pai era um homem pobre, alfaiate de biscates, e fez o que pôde pelo filho, mas a saúde faltou-lhe e o rapaz teve de se juntar a ele na lojeca, onde, a pouco e pouco, a sua ambição se foi desvanecendo. Acabou por casar, teve filhos e resignou-se ao seu quinhão de labuta, saúde frágil e pobreza, mas o amor do desenho, das curvas nobres e das linhas imponentes permaneceu, e, nas suas escassas férias, continuou a ir ver os edifícios que amava. Pois bem, viveu a sua vida honestamente, suportando com coragem o fardo pesado, e então chegou o fim inevitável — a morte — que se revelou para ele, como

para a maioria de nós, apenas a porta que conduz à terra de uma vida mais plena e mais bela, pois os seus sonhos cumpriram-se enfim e os seus ideais materializaram-se.

OS DESAPARECIDOS

Dizes que é tão difícil obter notícias fiáveis acerca de alguém que está "desaparecido", pois, embora alguns espíritos digam que um homem está "morto", outros, através do mesmo médium, afirmam que esse mesmo homem é um "prisioneiro" e assim por diante, e não compreendes o que causa esta discrepância se todos são igualmente honestos. De facto, é extremamente difícil para os espíritos discernirem, por vezes, se um homem está morto ou apenas "a viajar no astral", da forma que já te expliquei.

Se ele está perto do seu corpo e ainda ligado a ele, "o cordão", na verdade todo o "astral", parece muito mais grosseiro devido à proximidade com o físico, pelo qual é afetado, e, nestas condições, é fácil para um médium com clarividência vê-lo e saber que o homem não está morto (o cordão é feito do mesmo tipo de substância que emana do corpo do médium numa sessão de materialização e o liga à própria materialização).

Se os espíritos comunicantes descem da terceira esfera para procurar o desaparecido no astral inferior ou na Terra, não o conseguem ver claramente, pois estão fora do seu elemento e os seus poderes ficam embotados e limitados em consequência, e ele parece-lhes "enevoado"; tal como te disse que as pessoas na Terra normalmente nos parecem. Algumas pessoas daqui conseguem sentir os seus parentes de lá, mas praticamente não os "veem" de todo. Podes compreender que, nestas circunstâncias, seja fácil errarem no diagnóstico.

Por outro lado, é igualmente difícil se o desaparecido está suficientemente desenvolvido e consegue viajar na terceira esfera, pois então o seu corpo astral é muito refinado, já que, quanto mais afastado do físico, mais se assemelha ao verdadeiro corpo espiritual e o cordão torna-se praticamente invisível; e não vale a pena perguntar ao próprio homem, pois ele não sabe e pode facilmente dar-te uma resposta incorreta sem qualquer intenção de mentir. Posso dar-te um exemplo interessante da minha própria experiência. Falei com um homem de quem estava certo que estava apenas a viajar aqui temporariamente, e perguntei: "Acabaste de sair do plano terreno?" Ele

respondeu: “Não, já estou aqui há muito tempo”; e, no entanto, de algum modo, senti que pertencia à Terra, pois parecia-me incompleto, embora ele próprio não o notasse. Então disse-lhe: “Sinto que pertences à Terra”; e ele reiterou: “Não, pertenço aqui.”

Contudo, estava tão convencido que insisti e perguntei: “Estarei errado, já que parece que uma parte de ti ainda está a trabalhar no plano terreno?” E ele respondeu: “Tens razão; vou ajudar na Terra durante algumas horas todos os dias.” Continuei a conversar com ele e, em resumo, descobri que ele considerava as horas passadas aqui como a sua vida real e as do corpo físico como a “vida de sonho”, ou como tu consideras as tuas viagens no astral; e, no entanto, se encontrasses esse homem no mundo, no seu corpo físico (a menos que tivesse consciência e memória das suas viagens astrais), verias que encarava as coisas exatamente como tu.

Não consegui fazê-lo compreender que queria saber se ele tinha consciência de existir no corpo físico; parecia apenas considerar as horas passadas na Terra como um processo natural semelhante ao sono, tão irreal como os sonhos para ti. Percebi que era inútil tentar convencê-lo; e, no entanto, ele tinha razão, pois o ponto crucial é que o homem é espírito e, portanto, a vida daqui é a verdadeira vida, já que o homem ocupa um corpo mortal por tão pouco tempo que, comparado com a sua vida como espírito, parece apenas um dia.

A ESCOLA DE DEUS

Dizes que algumas pessoas pensam que as minhas teorias “são muito avançadas para a terceira esfera.” Pois bem, querida, embora viva aqui, vou frequentemente às esferas superiores para receber instrução especial, pois, como já te disse há muito tempo, estou a ser treinado para ser professor e já comecei o meu trabalho. Fui escolhido para isto porque era particularmente adequado, e não porque fosse de modo algum “melhor” ou sequer tão bom como muitos espíritos belíssimos daqui. Vamos retomar a minha antiga comparação e considerar Deus, desta vez, como o “Grande Mestre-Escola”.

As diferentes esferas são as diferentes classes da Sua escola; a sétima é a mais elevada. Os alunos ali são muito avançados e, em consequência, aprendem bastante com o próprio Mestre, estando suficientemente instruídos para apreciar e compreender o Seu ensino. Os da sexta são

ensinados por professores da sétima, e assim sucessivamente nas várias esferas, sendo os alunos de cada uma instruídos de acordo com o seu desenvolvimento e necessidades. A fonte do conhecimento é uma e a mesma, apenas adaptada pelos professores aos diferentes graus e níveis.

A Terra é a mais elementar de todas. Certos espíritos (de que eu sou um), que são necessários para trabalhos especiais, são enviados da terceira esfera para as superiores a fim de receber ensino particular. O conhecimento é poder; apenas um pouco de conhecimento é perigoso. Os guias dizem-me que, àqueles que na Terra o desejam, não devemos negar conhecimento, pois é melhor correr riscos do que vegetar. Descubro que aprender é fácil, a dificuldade está em recordar e projetar os meus pensamentos através do médium quando venho à Terra. Por isso não consigo deter-me tanto quanto gostaria no assombro, na glória e na importância das coisas que te conto.

Já te disse antes como o corpo de um espírito, ao passar da terceira para as esferas superiores, sofre certas transformações. Nessas ocasiões tenho de controlar mentalmente as minhas condições. Estou consciente de uma dupla consciência em mim mesmo; parte da minha mente ocupa-se em acalmar e controlar o meu corpo e em manter a postura correta, enquanto a parte espiritual ora, e sinto como se me estendesse para tentar tocar Deus e puxar-me para Ele.

SONHOS

Queres saber se te posso dizer o que são os sonhos? Bem, é um tema muito vasto, pois há muitos tipos de sonhos. Nunca me interessei muito pelo sono, do ponto de vista físico, já que aqui não precisamos dele, e, embora seja uma função física, mesmo todos os factos fisiológicos do sono ainda não são totalmente compreendidos.

O cérebro e os sentidos, pertencendo à parte temporária do homem, precisam de ser embotados ou entorpecidos a intervalos, para serem repousados, acalmados e revigorados, caso contrário consumir-se-iam. A natureza providenciou uma reação, e eles praticamente se fecham sobre si mesmos. Quando acordados, os sentidos estão ativos porque o cérebro trabalha; no sono, a consciência fica entorpecida por ação automática — quanto mais profundo o sono, mais ativa se torna a mente subconsciente.

A alteração cerebral que ocorre, como em todas as outras ações involuntárias do corpo físico, é um ato de instinto de sobrevivência natural e funciona através da consciência da natureza. Quando Deus criou a natureza, deu-lhe uma grande consciência geral própria através da Força vital (poder-se-ia quase dizer, com verdade, que Deus soprou sobre ela), o que resulta em ações de instinto de sobrevivência.

Por exemplo, como sabes, certas flores fecham-se à noite, algumas aves, que necessitam, migram todos os anos para climas mais quentes para fugir ao frio do inverno, e assim por diante. Em tudo o que vive na Terra existe essa consciência da natureza. Ela é especialmente pronunciada no homem, pois ele é a forma de vida mais elevada aí manifestada e possui, além disso, força de vontade, podendo, através dela, abusar dessa consciência natural se assim o escolher; mas, se o fizer, como ela é poderosa, acabará por castigá-lo.

Para um sono profundo o cérebro deve estar totalmente embotado, e nesse caso não haveria sonho — sonhar mostra que uma parte do cérebro ainda está a funcionar e, portanto, algum sentido não está suficientemente entorpecido; ou a indigestão, ou a preocupação, podem manter certos nervos "esticados", por assim dizer, e estes não relaxam o suficiente, o que também é necessário para garantir sono perfeito.

A atividade momentânea de um determinado sentido pode induzir no adormecido aquilo que lhe parece um sonho longo (embora possa durar apenas dois segundos), mas o que realmente acontece é o seguinte: o sentido estimulado transmite o facto ao cérebro, que liga a sensação a uma impressão já lá registada. Por exemplo, um ruído súbito e agudo como um tiro pode causar um sonho elaborado de uma revolução ou da guerra; o som desperta um registo na memória de algo ouvido ou lido, senão vivido. Ou, do mesmo modo, uma sensação de frio pode provocar um sonho de afogamento ou das regiões árticas, ou ativar outra memória em afinidade com essa sensação.

Devido ao repouso dos outros sentidos, memórias ligadas podem vir do subconsciente mais facilmente e, por isso, podem ser de coisas há muito esquecidas e normalmente não reconhecidas, pois o cérebro está mais em contacto com o subconsciente durante o sono. Pelo próprio funcionamento mecânico do cérebro, pode haver algum tipo de sonho, mesmo se o espírito estiver fora do corpo, mas não seria um sonho longo, ligado ou interessante, pois a mente subconsciente estaria longe, com o espírito.

Por vezes o espírito viajante, ao regressar imediatamente ao corpo, tenta imprimir a memória das suas experiências no cérebro, e estas confundem-se com a ação mecânica de que acabei de falar; o resultado é mistura e incongruência. Algumas pessoas, muito poucas, conseguem recordar as suas experiências espirituais e, se estiverem suficientemente evoluídas para isso, os seus guias podem por vezes falar-lhes de acontecimentos iminentes; algumas outras, que descobrem não conseguir trazer essas memórias de forma correta à consciência desperta, em detalhe ou elaboradamente, aprenderam a impressionar no cérebro um sinal ou símbolo que sabem transmitir-lhes certo significado no estado normal de vigília.

Assim ouves alguém dizer (e até pessoas equilibradas e sensatas): "Sonhei ontem à noite com um ramo de flores brancas atadas com fita; isso significa sempre um casamento"; ou, "Vi um baú fechado e etiquetado; isso geralmente significa uma longa viagem para mim", e assim por diante. Esse espírito em particular aprendeu que, apenas desta forma simples e primitiva, através de símbolos, pode transmitir informação à limitada mente normal do corpo com que está ligado.

O PODER DA MENTE

Como podes aprender a recordar as viagens do espírito? Através do treino da memória para recordar as experiências físicas de forma correta e completa — uma espécie de curso de treino de memória. Começa por pensar e tentar recordar tudo o que fizeste ontem, lembrando-o não só em detalhe minucioso, mas na devida sequência; depois tenta recordar da mesma forma e com igual detalhe o que fizeste anteontem, e no dia anterior, e assim por diante — requer muita prática e paciência, mas é a melhor base para recordar experiências psíquicas e espirituais.

Através destas cenas materiais, estás a forçar a memória para trás no tempo. Não precisarás de recuar tanto nesse aspeto para recordar experiências espirituais, mas precisarás de recuar mais no que respeita à distância. Como já te disse muitas vezes, o tempo não tem significado para nós aqui, mas a distância tem — embora, para aqueles que progridem, se torne cada vez menos significativa; no entanto, deve ser tida em conta pelo recém-chegado. Para viajar em certas condições, temos de aprender a controlar as forças e poderes dentro de nós para podermos passar por determinadas experiências.

Um principiante só tem permissão para andar por aqui como se estivesse na Terra; se tiver de fazer uma viagem, guias acompanham-no para o proteger — na verdade, têm de trabalhar e concentrar-se nele para o manter "intacto" durante a viagem pelo espaço! (Sim, o que digo é literalmente um facto.) Se um recém-chegado se transportasse daqui ao plano terreno (se conseguisse), o seu corpo estaria quase a desfazer-se; ficaria a oscilar porque as correntes e forças na atmosfera seriam demasiado poderosas para ele.

Quando venho até ti concentro-me e ordeno ao meu corpo que se rigidifique e consolide, e só quando sinto que tenho absoluto domínio mental sobre mim em detalhe, até aos dedos dos pés e às orelhas, é que começo. Tive de aprender a localizar na mente o lugar exato ou a distância da minha mente até onde estariam os meus dedos dos pés (neste caso medimos tudo a partir da cabeça), pois devo formar a imagem mental de ter exatamente cinco dedos em cada pé.

Tenho então de "desligar" e, ainda assim, reter a ideia enquanto penso em como é o topo da minha cabeça (sei que te parece uma coisa trabalhosa de fazer, mas lembra-te de que a nossa consciência ou mente consegue conter cem vezes mais do que a tua). Faço tudo isto porque, assim que entro em contacto com essas forças atmosféricas, tenho de me manter firmemente coeso para lhes resistir. Ora, se não estou com pressa de chegar ao destino, não me preocupo em fazer mais do que manter uma imagem nítida de mim próprio nas proporções em que apareço na minha esfera, e projeto o meu pensamento, o tempo todo, para o lugar a que vou, mas a primeira consideração é sempre o meu corpo.

Se estivesse com grande pressa, mal começasse trataria de formar muito claramente a imagem de mim mesmo e, depois, rapidamente mas de modo gradual, contrairia o corpo a partir de dentro (sim, sei que soa extraordinário, mas tens de lembrar que há uma elasticidade nos nossos corpos — só um espírito adiantado consegue fazê-lo, não um recém-chegado). Começo por recolher toda a minha consciência para dentro de mim e, ao fazê-lo, recolho para cima e para dentro cada parte do meu corpo, tornando-me muito centrado em mim e aproximando as extremidades da minha consciência.

Já te disse que o meu corpo é feito de átomos, mas, por serem minuciosamente finos, consigo de facto consolidá-los num espaço muito pequeno, há tanta força de Deus a mantê-los unidos. Quando me aproximo do destino, vou expandindo o corpo gradual e conscientemente até às

dimensões normais. Só contraio o corpo desta maneira para viagens de emergência, e conheço espíritos que cá estão há muitos anos e não o conseguem fazer; isto destina-se apenas àqueles que têm trabalho sério e especial a realizar, caso em que é conveniente.

Sei que te custa imaginar, Mãe, e vou tentar explicar melhor; mas tens de compreender que, na nossa esfera, a mente governa a matéria. Na Terra, muitas vezes é o contrário. Aí, por exemplo, se o fígado de um homem está em mau estado, a mente dele deprime-se; a minha mente, aqui, trataria de consertar qualquer parte de mim que não estivesse bem (se tal fosse possível). Nas nossas próprias condições, os nossos corpos são tão sólidos como os vossos, mas, na medida em que são matéria, estão completamente sob o controlo da mente treinada.

O teu corpo físico contém uma boa proporção de água (não sei quanta, mas podes informar-te facilmente). Suponhamos que essa água podia ser temporariamente expelida para a atmosfera: o teu corpo tornar-se-ia muito mais leve e encolheria. O meu corpo, aqui, tem certos gases e humidade (em maior proporção do que a quantidade de átomos propriamente dita que contém); para contrair o corpo, expulso esses gases e essa humidade, e isso permite-me aproximar mais os átomos.

Quando chego perto do destino, os átomos do meu corpo, a minha força vital, a minha consciência e o meu espírito estão todos lá — só faltam os gases e a humidade. Eu, para recuperar o tamanho normal, absorvo os gases e a humidade da tua esfera, e é melhor para mim fazê-lo, embora não seja absolutamente essencial. A vantagem é esta: ao absorver certa quantidade da condição física que te rodeia, consigo mais facilmente entrar em contacto contigo e com as coisas terrenas.

Os espíritos que viajam para a Terra de modo relativamente lento e não passam por esta experiência chegam, naturalmente, tal como deixaram a sua própria esfera, e por isso os seus corpos contêm a humidade e os gases habituais; por essa razão não conseguem perceber e compreender tão bem as condições físicas e materiais. Por vezes, há espíritos que regressam à Terra e não fazem a mínima ideia das condições físicas em seu redor; nem sequer sabem onde estão, só sabem que estão perto de alguém que amam.

Isto intriga as pessoas na Terra, e dizem: "Ora, Joãozinho, há dois anos disseste que só me conseguias 'sentir', e agora dizes que me consegues ver e a tudo com nitidez!" — e o "Joãozinho" pode não ter o desejo ou a

capacidade de explicar tudo o que aprendeu entretanto. Agora, Mãe, sei que algumas pessoas sentimentais dirão: "Coitado do meu brilhante rapaz, ter de voltar a apanhar essas horríveis condições terrenas!" Sim, mas é só por um bocadinho, e ele livra-se delas antes de chegar "a casa".

Numa sessão de materialização, por vezes veem-se figuras em miniatura, e a explicação usual, e um tanto vaga, é que não houve poder suficiente para as construir até ao tamanho normal. Alega-se que isto acontece com médiuns cujos poderes estão a diminuir. Se fosse esse o caso, os guias apenas materializariam as faces e as cabeças dos espíritos.

A minha teoria é esta: essas figuras em miniatura são de espíritos que contraíram os corpos para viajar (como acabei de explicar) e que, encontrando-se nas condições limitativas e curiosas de uma sessão de materialização, onde se manipula um poder extraordinário, não conseguem, naquele momento, reabsorver os materiais de que necessitam para recuperar as proporções normais.

Não precisas de ter pena deles, Mãe; não são moscas numa teia de aranha, podem retirar-se se quiserem e voltar mais tarde; mas não o fazem, porque sabem que podem perder a oportunidade de se materializarem, pois a matéria tem de ser usada imediatamente quando está pronta. Pode imaginar-se que isto seja doloroso e um tanto horripilante para um participante que não compreende e que diz: "Terei o meu querido rapaz encolhido àquele tamanho? Era um belo homem quando aqui estava!"

A propósito de tudo quanto disse sobre a mente controlar a matéria, é realmente admirável o que pode ser feito assim na Terra, em certas condições. Experiências provaram ser possível provocar uma marca vermelha ou erguer uma bolha na pele de um paciente hipnotizado tocando-o apenas com um dedo e dizendo-lhe que esse seria o resultado. O corpo obedeceu à ordem da mente.

AUXILIARES ESPIRITUAIS

Se primeiro têm de aprender a aparecer, queres saber por que razão alguns espíritos conseguem, praticamente no momento da morte, vir ter com pessoas na Terra? Nesses casos trata-se, em geral, de uma forma-pensamento (já te expliquei isto detalhadamente antes[1]), sobretudo se o espírito é visto em condições muito "materiais", como ferido, coberto de lama, em farrapos,

etc. (como pareceriam, por exemplo, homens que tivessem passado no campo de batalha). Pode até ser uma forma-pensamento não projetada conscientemente pelo próprio espírito. Há sempre um laço entre os espíritos de pessoas que verdadeiramente se amam, uma espécie de telepatia inconsciente, e o passamento de uma delas, nessas condições, daria um "puxão" ou "arranco" ao espírito da outra que ficou. Para simplificar, tomemos um caso típico. Digamos que um homem de idade, chamado Max, tinha um irmão novo no estrangeiro, a quem estava muito ligado, e que certo dia esse rapaz lhe apareceu em espírito, lívido, com uma ferida terrível na cabeça.

[1] Claude's Book.

Max ficaria certo de que o irmão estava morto. O rapaz poderia ter tido tempo de projetar o seu pensamento para o irmão antes de perder a consciência, ou, caso contrário, o seu espírito, ao partir, teria "puxado" ou "arrancado" o espírito do irmão, com quem estava em afinidade. O espírito de Max tentaria então transmitir o conhecimento à sua mente consciente e, logo que o conseguisse, Max pensaria no irmão e, sem saber, nas condições peculiares, psicometrizaria e assim desenvolveria a imagem do estado corporal do rapaz. (Estando ele próprio num corpo físico, imaginaria naturalmente o irmão no mesmo estado.)

Algumas pessoas não conseguiriam visualizar a condição que sentiram e, por isso, não veriam "espírito" nem "visão", mas psicometrizariam apenas as sensações do rapaz, e sentiriam depressão aguda, ansiedade ou medo; não poderiam então afirmar com certeza o que acontecera, mas sentiriam que "algo estava errado".

Agora queres saber por que, e em que medida, os espíritos têm permissão para regressar à Terra para comunicar com amigos lá. Por misericórdia, é-lhes permitido voltar para dar aos seus amigos a certeza da continuação da sua existência e assim aliviar a sua dor; mas a comunicação não é permitida indefinidamente, a menos que seja para benefício espiritual mútuo.

Passado algum tempo, os participantes que vão por razões puramente materiais ou egoístas descobrem que os amigos-espíritos falham ou têm de os deixar. Um espírito percebe que, a partir de certo ponto, nada mais pode fazer pelo seu amigo terreno; não lhe é permitido carregar todos os fardos e assim tornar a vida plana ou fácil — mesmo que pudesse. Ao longo da estrada da vida, as pessoas têm de caminhar sozinhas; devem vencer

obstáculos e distinguir por si as placas de direção — é para isso que estão no mundo, para aprender as lições da vida e assim formar carácter. As leis do espírito são como as leis da natureza. Se carregasses sempre um bebé, com receio de que se magoasse, ele nunca aprenderia a andar sozinho. Trambolhões e encontrões são a sorte da vida e, através deles, o homem sábio aprende como (não a suportar passivamente) mas a vencer. O homem que aprendeu a vencer e a controlar-se é o homem que será capaz de vencer e controlar outros, pois terá desenvolvido tanto a mente como a força de vontade.

Reconheço que às vezes parece que certas pessoas são ajudadas do outro lado; mas isso é porque essas pessoas estão a seguir o desenho do grande tapete, e a avançar pelas linhas certas. Os subtecelões (guias) estão sempre prontos e ansiosos por orientar e aconselhar, mas não podem coagir, e o homem deve usar o seu livre-arbítrio e decidir por si. Eu disse-te que a Mente de Deus trabalha de modo vasto e universal; mas mesmo na sétima esfera os interesses tornam-se mais pessoais — as leis de Deus individualizam-se.

Os espíritos que ali alcançaram esta alta condição, alguns deles "através de grande tribulação", aconselham, fortalecem e animam os que estão nas esferas inferiores; também trabalham e planeiam em benefício das pessoas na Terra e, neste último caso, dirigem espíritos na terceira esfera, que transmitem a ajuda e o conhecimento aos que estão no mundo — pois estão naturalmente mais em contacto com ele.

PREMONIÇÕES — A SEGUNDA VINDA DE CRISTO

Disse-te que não posso prever acontecimentos materiais em detalhe, a menos que estejam no plano — no desenho do grande tapete, por assim dizer — e, mesmo assim, apenas se me for dito o esquema de cores pelos guias superiores. Esses guias trabalham para promover na Terra os desígnios de Deus e, em casos concretos, selecionam pessoas específicas que consideram adequadas para fazer certas coisas e tentam influenciá-las e orientá-las nessa direção.

Mas já te sublinhei que cada homem tem de trabalhar a sua própria salvação e, por essa razão, é dotado de livre-arbítrio e, embora possa ser orientado, não pode ser impelido por uma estrada particular. Como é sempre mais fácil compreender, suponhamos que te dou um exemplo imaginário. Suponhamos que vivias num lugar algo sossegado e inacessível no País de Gales, mas os guias viam que eras psíquica, além de inteligente, equilibrada e prática, e

entendiam que poderias fazer um bom trabalho pelos outros em Londres se lá vivesses; sugerir-te-iam e tentariam implantar essa ideia na mente. Ora, se eu falasse contigo, poderia dizer-te (conhecendo-te e conhecendo o plano): "Um dia viverás em Londres e farás lá um trabalho bom e útil." Se o plano amadurecesse, e fosses mais tarde para Londres e abraçasses esse trabalho, dirias: "O Claude profetizou que eu um dia faria isto!"

O que aconteceria se não seguisses o plano? Nada! Nenhum raio cairia do Céu para te destruir, ou algo do género; mas terias perdido uma oportunidade de ouro, que não regressaria, de te melhorares muito e de beneficiares outros, e os guias encontrariam outra pessoa para fazer o trabalho. Eu poderia até ter desenvolvido a profecia e dito: "Conhecerás um homem alto, moreno, magro, com quem trabalharás."

Eu poderia saber isto por ter conhecido os amigos-espíritos dele que, conhecendo as suas qualidades e as que lhe faltavam, sentiam que, para um determinado trabalho, as vossas energias combinadas poderiam ser exatamente as certas e tencionavam tentar realizar isso. Ele poderia ser, por exemplo, muito místico e inteligente, mas não suficientemente prático, e por isso precisava de ajuda precisamente naquela área em que tu te destacavas.

Um espírito antigo tem um poder curioso, próprio, de pressentir grandes mudanças, e sabe da sua própria morte física e do seu próprio nascimento físico. No primeiro caso, é-lhe dito isso, no decurso das suas viagens astrais, pelos guias (estando ainda ligado ao seu corpo terreno), e o segundo já to expliquei na reencarnação.

Um espírito, mesmo sabendo que a sua própria "morte" está próxima, pode não conseguir fazer chegar esse conhecimento diretamente ao seu próprio cérebro físico e, nesse caso, por vezes di-lo a outro espírito, com vista a que o facto lhe seja repetido quando estiver de volta e plenamente consciente no seu corpo físico. E, quando o conhecimento chega assim, a isso chamas premonição.

É muito pouca a gente a quem tais coisas são ditas, e só quando, e se, é desejável e necessário que o saibam. (Não falo, claro, da espécie de pessoas que imaginam ter chegado a sua última hora todas as vezes que lhes dói alguma coisa.) Quando este conhecimento é realmente dado às pessoas, elas experimentam um curioso "retesamento" espiritual — uma espécie de "elevação"; o espírito fortalece, acalma e controla o seu corpo físico até ele se tornar quase sobre-humano no poder de resistência. Muitos dos mártires

de outrora, que morreram mortes tão terríveis, foram prova disso e, nos nossos dias, durante a guerra, houve muitos exemplos. O espírito sintoniza o mental e o físico numa taxa de vibração muito elevada, até quase atingir um estado de exaltação: o espírito sabe que não haverá efeitos depressivos posteriores — nenhuma reação. Este aceleramento de vibração pode ser obtido por meios muito diversos e opostos — pela oração… ou pela bebida (sei que a justaposição soa horrível); mas lembra-te de que uma taxa de vibração mais alta não significa necessariamente um estatuto espiritual mais elevado (médiuns e psíquicos são apenas pessoas que conseguem ver, ouvir e sentir taxas de vibração muito mais altas e rápidas do que o indivíduo comum), e o mesmo efeito pode ser causado por meios totalmente diferentes.

Uma grande alegria leva-te às lágrimas do mesmo modo que uma grande tristeza. Se elevares a taxa de vibração do corpo de modo espiritual e puro — pela oração, por exemplo — não haverá reação; mas haverá uma reação aguda e deprimente se a elevares por bebida ou drogas. Essa exaltação espiritual, esse aceleramento, veio a muitos homens durante a guerra. Muitos de nós, aqui, acreditam que a Sua presença connosco, naquela hora terrível, foi verdadeiramente a segunda vinda de Cristo à Terra.

Se Ele tivesse vindo de novo reencarnado como homem, teria sido mais "desprezado e rejeitado" do que antes, num mundo tão afastado de Deus e das coisas espirituais, onde o homem era julgado, em grande medida, não pelo que era, mas pelo que tinha, onde o poder temporal e o dinheiro eram os grandes desideratos. Assim, em vez disso, Cristo derramou o poder de Deus que havia n'Ele (pois quanto mais dava, mais recebia) sobre milhares de homens que, pelo sacrifício físico, trouxeram de volta a milhares de lares pensamentos, esperanças e conhecimento de verdades santas, espirituais e belas. Esse poder, essa inspiração, essa influência — chama-lhe o que quiseres — foi tão potente que era quase como um "manto de alma", por assim dizer, para todos os que o podiam receber.

Se, mesmo através do Seu limitado corpo físico, pôde, quando na Terra, derramar cura e operar maravilhas, podes imaginar quão grande é agora o Seu poder, que não sofre tal limitação. Aqui nunca nos cansamos a pensar e a discutir se Cristo nasceu ou não de uma virgem, etc.; porque sabemos que os acontecimentos ligados ao Seu corpo físico nada importam. Foi o Deus n'Ele (Ele era mais divino do que qualquer homem) a grande força motriz que levou tão longe o Seu ensino pelo mundo, porque, sendo de Deus, tocou o

Deus que há em cada homem que pôde reconhecer instintivamente e responder à verdade. Penso que Cristo foi o maior e mais verdadeiro socialista que alguma vez viveu. Ele reconheceu a verdadeira irmandade do homem, soube que todos os homens tinham uma origem comum — Deus; e teve compaixão infinita, pois só Ele se deu plenamente conta de quão aquém tinham ficado do que poderiam ter sido, e deveriam ter sido, se vivessem à altura do seu esplêndido direito de nascimento.

"O EGO" E OS "EQUIVALENTES"

O Ego não pode ser definido; poderia estar em qualquer lugar do espaço. É a centelha divina; não está no corpo de um homem, mas está ligado a ele por um fio ou "tubo" muito fino.

Quando a "gota" de Força-de-Deus se desprende de Deus para vir à Terra animar um corpo humano (como te expliquei antes[1]), uma parte dela fica para trás; essa parte é o "Ego", o reservatório de divindade. É cortado do corpo na morte, nunca do espírito, pois o homem está sempre ligado a Deus — a desconexão significaria aniquilação. À medida que o homem deseja haurir da Força-de-Deus, o "tubo" que o liga a ela fortalece-se e alarga-se, aumentando a sua capacidade de a receber.

Disse-te também que, quando a "gota" de Força-de-Deus que faz o espírito do homem se separa de Deus e vem ao mundo, ela divide-se em metades e vai para duas mães diferentes, e assim um rapaz e uma rapariga nascem sempre de cada "gota".

[1] Claude's Book.

De facto, no plano terreno as coisas são, em geral, constituídas com uma "contraparte", o oposto; são macho e fêmea, positivo e negativo. A união destes cria o equilíbrio adequado e produz algo.

O positivo é descrito como transmissor, o negativo como recetor; numa sessão de materialização, o médium coloca os participantes alternadamente, positivo e negativo, para produzir algo físico.

Certas plantas são positivas e negativas, e é a sua união, pela fertilização, que produz o fruto; é o misturar do sol e da chuva que cria as condições para o crescimento e a saúde da vegetação. O homem esquece, muitas vezes, a necessidade deste acasalamento ideal dentro de si próprio para produzir

carácter; por vezes vai a extremos e torna-se demasiado positivo ou demasiado negativo, perdendo assim o equilíbrio e perturbando a harmonia necessária à produção ideal.

Se um homem cultiva apenas qualidades mentais e descura o corpo, torna-se doentio; se vive apenas nos sentidos ou no físico, torna-se um cepo (não direi um bruto; isso é insulto para os animais). O homem deve escolher o meio-termo feliz entre o ideal e o prático. Se um homem for recetivo (pondo-se na condição certa física, mental e espiritualmente), ele expande o canal ou "tubo" que o liga a Deus; prepara-se para receber o poder que é projetado por esse "tubo" até si. Se o homem se abrir para o receber, pode obter de Deus quanto quiser; expande-se como uma flor.

O cérebro não sustentará este pensamento até se ter desenvolvido o suficiente para o suportar; tal como os pés de um bebé têm de crescer fortes o bastante para suster o corpo antes de poder andar.

O "bocado de Deus" no homem é "im-", ou antes "in"-pessoal; é enviado para se tornar pessoal e para, assim desenvolvido, voltar a Deus impessoal mas já não in-pessoal. É um "bocado de vida", mas não tem individualidade — essa tem de a crescer e desenvolver aqui.

Leva muito tempo a formar uma personalidade fina e verdadeira, uma personalidade "inteira" — mais do que uma vida terrena, regra geral.

As pessoas "flácidas" que encontramos não desenvolveram uma. Algumas pessoas têm certa porção de personalidade, mas é toda de um só lado; para ser completa tem de ser multifacetada. A palavra é geralmente usada de modo leviano. Um homem muito agressivo ou irritadiço é, às vezes, descrito como uma "forte" personalidade; na realidade não o é, limitou-se a desenvolver uma idiossincrasia. Outra pessoa "posa"; é esquisita, e também dela se dirá que é uma "personalidade" (deveria dizer-se peculiaridade!). O mesmo se lhe aplica: também é "de um só lado". Uma verdadeira personalidade "inteira" é a que está perfeitamente equilibrada (ou o mais perto disso possível) — que é física, mental e espiritualmente proporcionada de modo correto.

Muitas pessoas estão imperfeitamente desenvolvidas — um génio que não é espiritual, ou um idealista que não é prático. Falta-lhes um lado, e não realizarão o melhor da vida até cultivarem esse lado. A alma é como um diamante em bruto, cuja beleza está escondida até ser talhado e polido. A

Terra é a oficina onde a talha e o polimento se farão. É mais fácil ser bom e saber o que é certo do que o homem imagina, pois o pequeno bocado que o liga a Deus está sempre a puxá-lo, e ele não compreende que pode obter tudo o que quer se apenas "se ligar" para o receber.

Se alguém persiste em viver apenas pelos sentidos ou no físico, sofre com isso, por fim, pois o físico volta-se contra si se for expresso em demasia, e surge a doença.

O "pequeno bocado de Deus" tenta trabalhar na alma do homem, a sua alma influir na sua mente, a sua mente controlar o seu corpo. Esta é uma regra, pois, enquanto no corpo, ele não pode alcançar a parte divina de si mesmo senão através desses estados intermédios; não consegue tocar o divino sem trabalhar através do mental e do espiritual; esses estados são dependentes uns dos outros.

Se ele não tornar o corpo bom, as mãos vão "agarrar" coisas, não dá-las. Se pensa corretamente mas age mal, quebrou ou usou mal um "elo" da cadeia que o liga a Deus. A menos que pense corretamente, a mão não pode agir corretamente; por isso é que uma pessoa de baixo desenvolvimento mental não realiza muito, mesmo com as mãos. Quando o físico e o mental trabalham em harmonia, é um bom grande passo em frente; é melhor para uma alma nova do que tentar desenvolver primeiro o espiritual, pois então torna-se visionária (embora isso não aconteça muitas vezes; como regra, o físico é desenvolvido primeiro, depois o mental e, por último, o espiritual). Quando o mental e o físico funcionam bem, há esperança para o espiritual, porque o espiritual depende da uníssono; não pode entrar em condições desarmoniosas.

Quando o mental é absolutamente dominante, obténs uma pessoa egoísta, calculista, fria; se o físico domina o mental, obténs a sensualidade.

Quando um homem aprende a controlar, harmonizar e equilibrar ambos, o seu espírito tem a sua oportunidade, e tens um homem esplêndido, um homem "inteiro". Há outra alternativa: por vezes o espírito tenta controlar antes de se chegar a esse estado ideal, e então há, no homem, uma luta, uma dupla personalidade.

Por vezes é espiritual, noutras é dominado pelo físico. Ocasionalmente, isto explica o que chamas um "hipócrita religioso"; ele provavelmente é sincero,

às vezes (quando o espírito nele tem a supremacia), e depois perde a preponderância, o físico predomina e ele torna-se um ser diferente.

Falta-lhe a postura, o equilíbrio corretos.

A REENCARNAÇÃO DO HOMEM

Tendo-te falado do começo do homem como uma nova alma, queres saber por que processo uma alma antiga reencarna? Primeiro, precisas entender que ele só retorna à Terra quando e se estiver pronto e desejoso de o fazer. Consultados, os guias superiores decidem um ambiente adequado e depois explicam e discutem as suas razões com ela; eles também lhe dão um ensinamento especial na companhia de outras que se acham igualmente prontas para voltar. Quando a altura chega e o corpo físico da criança se encontra no estágio inicial do seu crescimento, o espírito escolhido é enviado à Terra, onde permanece numa estreita sobreposição com a sua futura mãe, até que gradualmente o espírito se funde na aura dela, e o "cordão," que em última instância ligará o espírito ao seu novo corpo, se forma e, penetrando o organismo físico da mãe, se liga à criança.

Então, o espírito gradualmente diminui de tamanho (concentra-se, por assim dizer) e, no momento do nascimento, está enquadrado no corpinho que envolve e que parcialmente interpenetra. O processo é exatamente o inverso neste aspeto em relação ao de uma nova alma, que tem de crescer a partir da "gota" de que falei, mas é análogo em todos os outros aspetos. É um processo natural, razoável e simples, e embora te possa parecer muito "extraordinário," é apenas por tu não estares acostumada à ideia.

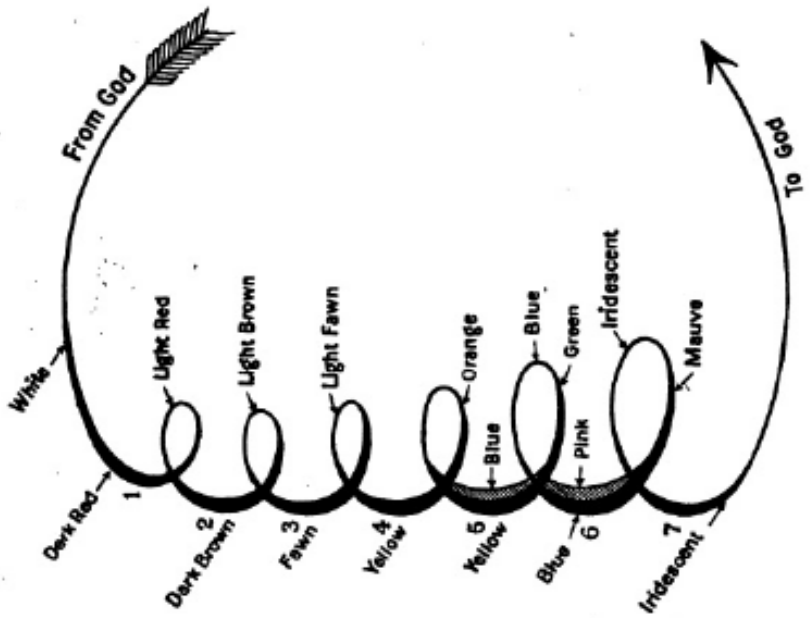
Não creio que seja mais maravilhoso do que o crescimento do organismo físico. Basta pensar em como isso seria maravilhoso para um estranho de outro planeta se, no seu mundo, as pessoas se multiplicassem por algum outro processo. Dificilmente acreditaria, quando lho dissessem que, no calor, na escuridão e no abrigo do corpo da sua mãe, um minúsculo germe cresce até se tornar na coisa complexa que sabemos que o corpo do homem será em poucos meses. A partir do momento em que o espírito vem à Terra para esta reencarnação, a sua mente fica entorpecida e inconsciente, e ele desperta no novo corpo com uma nova consciência, um "uma folha em

branco" por assim dizer (tal como a criança está inconsciente submersa no corpo da sua mãe, também espírito está inconsciente submerso na sua aura).

Algumas pessoas pensam que um espírito é reabsorvido numa "consciência generalizada," uma "alma do mundo," por assim dizer, antes de retornar, mas isso não é acertado; toda a personalidade submergiria, seria como derramar uma xícara de água no oceano e tentar colhê-la de novo. A diferença entre uma alma reencarnada e uma alma nova é a seguinte: uma precisa *gerar* uma mente subconsciente e, a outra, apenas desenvolvê-la. A alma nova tem o "germe" ou "célula" de uma mente quando vem de Deus; ela não vem pronta.

O espírito reencarnado acha mais fácil crescer mentalmente por ter a vantagem de um subconsciente experiente subjacente à mente consciente. No caso de uma alma nova, a mente consciente não tem a vantagem desse ímpeto. Uma alma antiga pode escolher e separar aquilo que é permanente e valioso daquilo que é belo mas temporário, e confiar na sua intuição e seguir os seus instintos caso tente entrar em contacto com a sua mente subconsciente, pois ela sempre o direcionará corretamente. A maioria das pessoas quer fazer o que os seus sentidos ditam -- esta é geralmente uma via agradável; a outra pode não ser. Mas o homem precisa aprender a controlar os desejos egoístas; isso é essencial para a sua própria evolução, bem como para o bem dos outros.

Cada vez que obtém domínio sobre si próprio, ele avança ao longo do seu caminho de evolução. Isso é mais difícil para uma alma nova, pois ela tem de aprender pela experiência; uma alma antiga possui um reservatório disso de que se valer. A personalidade nasce do desenvolvimento consciente e subconsciente; ela expressa-se na conduta e emoção, produzida pelo exercício da mente e da força de vontade.



"A.'s" DIAGRAM OF EVOLUTION—SEVEN INCARNATIONS.

MAPA DA EVOLUÇÃO DO HOMEM

Já te disse como o homem tem de se separar e se desenvolver apartado de Deus, a fonte da sua vida, a fim de alcançar a sua individualidade e se aperfeiçoar antes de poder retornar a Ele. Pelas limitações do seu corpo físico, o homem aprende a discernir. Ele se afasta de Deus, e aprende acerca do mal de modo a dominá-lo -- conquista o eu inferior do seu corpo físico a fim de o controlar.

O meu instrutor recentemente mostrou-me alguns diagramas ou mapas muito interessantes que ilustram por cores e linhas certas vidas humanas e o seu modo de evolução, e como isso foi muito útil e instrutivo, tentarei explicar-te o princípio. Antes, para simplificar as coisas, eu disse que o homem evoluiu num círculo; de facto, o seu curso não é um círculo perfeito, é mais quase em forma de "pêra," e prossegue numa série de espirais, assim: (mostrado no diagrama acima).

Cada laço ou espiral representa uma encarnação ou vida na Terra; o todo é a soma total da experiência. Nos diagramas que me mostraram, o contorno geral e o tamanho eram praticamente os mesmos em todos, a variação estava na quantidade e na cor dos "laços." Alguns tinham apenas três; estas

eram as pessoas que sinceramente tentavam aprender todas as lições e beneficiar-se de todas as experiências; outros tinham até trinta espirais na imagem das suas vidas; eram os que não aprendiam rápido nem tentavam colher benefício da experiência.

A curva descendente de cada laço é a vinda à Terra do espírito, a curva ascendente é o seu retorno ao mundo espiritual. Hás de notar que os laços se tornam mais longos, pois, à medida que o espírito progride, passa de volta mais alto para o mundo espiritual; a princípio, só pode voltar para o astral mais baixo. Já falei bastante sobre a "aura," mas, como isso ajudará a minha explicação das cores na imagem, devo recordar-te alguns detalhes. Por exemplo: sabes que o carácter de um homem é expresso pela sua aura, pois as suas cores são decididas e reguladas pelos seus pensamentos e desejos. Assim, no diagrama da vida de "A" de sete encarnações, que te vou explicar, recordarás que a aura do homem enquanto se encontra na Terra mostra de facto as cores pelas quais ele é representado na figura.

A "gota" infinitesimal que Deus envia a formar o núcleo do espírito de todo indivíduo é, naturalmente, pura e perfeita, pelo que o mapa vital de "A" começa com uma linha branca (ver o diagrama). No entanto, no momento em que ele deixou a Terra após a sua primeira encarnação, a sua cor era de um vermelho turvo, escuro, que indicava uma disposição baixa e sensual. Ele percebeu quando voltou ao astral o que tinha a erradicar, e voltou à Terra para a sua segunda encarnação, melhorada, mas ainda vermelha, um tom mais pálido e não tanto escuro. Se ele tivesse sido inteiramente purgado durante a sua permanência no astral, a sua personalidade teria sido "lavada," pois é somente pela experiência *acumulada* que a personalidade se desenvolve.

Assim, a aura mostra uma cor até que o indivíduo desenvolva algum atributo novo que produza automaticamente outra tonalidade (não digo que o vermelho não estivesse listrado ou salpicado com outras cores; falo da cor predominante). Incitado pela sua memória subconsciente, ele tinha um desejo natural de tentar refrear os instintos sensuais nessa segunda vez, e tornou-se numa pessoa deprimida, ranzinza e pesada, e passava para o outro extremo através da repressão, e nisso mudou para um marrom tingido de vermelho, por ter sofrido recaídas e igualmente padecido de violentas explosões súbitas de temperamento.

Ele voltou para o astral com um marrom opaco, deprimido, de uma cor não boa, mas melhor do que o vermelho-escuro. Esses foram os seus estágios físicos mais baixos; ele não se tinha desenvolvido mentalmente até então, nem tentado conscientemente, e isso é o que conta. A terceira ocasião em que chegou à Terra, tinha (a cor predominante) era de um castanho muito mais claro e, desta vez, motivado pela sua mente subconsciente, lutou contra tornar-se escravo do seu corpo físico, quer através da sensualidade quer da depressão (uma é frequentemente a reação à outra); ele tentou desenvolver-se mentalmente; devotou-se ao estudo e, assim, tornou-se num recluso.

Quanto mais progredia, mais amarelo se misturava com o marrom que o caracterizava, e ele acabou deixando a Terra com uma cor fulva. Da quarta vez, ele voltou com uma cor muito mais clara, ainda desejoso de se desenvolver mentalmente, mas de um ponto de vista mais elevado; ele mostrava-se igualmente mais amável, mas não de uma forma demonstrativa, e era incomodado ocasionalmente por algumas manchas do velho vermelho que, quando regulado, era bastante bom, já que, nesta época, o amarelo predominava e o efeito combinado era a cor laranja, que melhorava a fria atitude mental, indiferente, com um sentimento caloroso e humano, e ele partiu desta vez com um belo amarelo.

A sua permanência foi numa esfera superior do mundo espiritual, onde aprendeu que devia desenvolver mais dois atributos, o amor e a espiritualidade. Então, quando regressou à Terra de novo pela quinta vez, lutou pela graça espiritual, bem como pelas conquistas mentais, e aí o azul entrou-lhe na aura e, com o amarelo já lá presente, transformou-se num lindo verde-claro, a cor da esperança. Ele realizou muito e, antes de deixar a Terra de novo, possuía um belo azul puro, que denotava espiritualidade. Ele havia vencido as suas deficiências físicas e obteve o desenvolvimento mental e certa quantidade do espiritual, mas de uma forma estética, fria e distante, e sabia agora que lhe restava aprender a amar e talvez a sacrificar-se.

Assim, voltou pela sexta vez à escola de Deus e tornou-se num escritor talentoso, mas abriu mão de várias hipóteses e oportunidades terrenas de progredir por amor a uma esposa inválida e, no fim, como ele aprendeu a sacrificar os próprios desejos e vontades para amar de verdade, um lindo rosa surgiu-lhe na aura e, com o azul já presente, tudo se homogeneizou num

perfeito lilás, sinal de um grande desenvolvimento completo. Tendo-o atingido, ele regressou desta vez uma figura iridescente e brilhante: amarela, azul, rosa, malva. Ele havia trabalhado as imperfeições e purificado as suas cores, pois o belo amor rosa, puro, perfeito e altruísta era o restante purificado, refinado e espiritualizado do vermelho sombrio e sensual da sua primeira encarnação. Ele voltou ainda mais uma vez, a sétima; fora desejo dele em especial, a fim de se tornar num reformador e líder de homens; após o que regressou ao mundo espiritual de vez.
Lá, ele agora assemelha-se a uma maravilhosa opala iridescente, radiante com todos os tons de cores bonitas. Eu sei disto, mãe, porque "A" é meu instrutor, e o mapa da vida que ele me mostrou era o dele.

AS LIÇÕES DA VIDA

Expliquei como o homem tem de evoluir passando pelo plano material, a seguir pelo mental até o espiritual, o estágio mais elevado do seu desenvolvimento (em geral, são etapas separadas e bem definidas); mas uma vez que o homem tenha conquistado os dois anteriores, está tão equilibrado que usa os três juntos da maneira e na proporção corretas.

Pode-se comparar esta progressão à música. Ao iniciar aulas de piano, precisamos aprender a posição de cada nota e o seu valor relativo às outras na oitava, exercitando os cinco dedos com notas únicas, pois que se tentarmos combiná-las sem conhecimento ou experiência, isso resultará na discórdia; mas quando nos tornamos inteiramente familiarizados com as notas separadas, podemos colocar as mãos no piano quase ao acaso e facilmente tocar várias delas juntas, e criar acordes harmoniosos.

O primeiro estágio, o material, precisa ser conquistado antes de haver algum progresso, e até que o seja, ninguém pode ser realmente feliz. Dizes que conheces algumas pessoas que não pensam em nada além de coisas materiais e que, ainda assim, parecem perfeitamente felizes e que têm aparentemente tudo o que o coração possa desejar. Aparentemente sim — mas não na realidade, pois as coisas materiais por si só não bastam por muito tempo. Este "pedacinho de Deus" interior é infatigável, e *continuará* a puxar continuamente e assim, sempre há algo em falta; um vazio, uma inquietação que está sempre presente, por mais cuidado que se tenha em ocultá-la.

Por que você acha que tantas pessoas que possuem grande parte dos bens deste mundo jogam, bebem ou vivem vidas velozes? Por pretenderem afogar esse sentimento de "vazio," por não estar preparadas para sacrificar ou arriscar qualquer coisa, ainda que, no geral, a vida não lhes tenha trazido tudo o que esperavam e tenham buscado dela sob as circunstâncias. A vida é composta de comparações; é uma comparação contínua entre extremos.

O materialista inveja o homem espiritual que, reconhece ele, encontrou um anódino (calmante) para esse descontentamento irresistível; e o homem espiritual inveja o materialista, não por ele desejar as posses mundanas para si próprio, mas por sentir que elas podem ser um poder tão grande para o bem se usadas corretamente.

Estes extremos são apenas extremos até onde os homens deles o fizerem. Não há razão alguma (na verdade, seria a coisa ideal) para que um homem não possa ser inteiramente versado em coisas materiais e práticas e igualmente inteiramente espiritual; elas não são feitas para serem antagónicas, mas, como as diferentes notas de um acorde, são feitas para se misturar e formar um todo perfeito e harmonioso.

Nesse sentido, quando aplicado da forma correta, o "Novo Pensamento" é maravilhosamente eficaz, por ensinar como usar o mental para transpor os extremos do material e do espiritual; pelo que muita gente se concentra num sem procurar estudar o outro. As pessoas estão no mundo para aprender, e tudo, até mesmo o que parece ser "muita má sorte," é uma lição enviada para ensinar algo ou para as salvar de um mal maior. Por mais que doa no momento, isso pode ser a base da sua imortalidade. Mãe, sinto que talvez não queiras que eu diga isto, mas sabes o quanto cresceste mental e espiritualmente desde que eu "morri," não é verdade? Tu não és a mesma mulher.

Aprendeste a tua lição através das lágrimas, da tribulação e do enorme sofrimento, mas apreendeste tudo de bom que podias com isso, e muita gente está mais feliz pelo teu conhecimento, pois tens uma compreensão, uma simpatia e compaixão que nunca poderias ter obtido de outra forma, sempre pronta para confortar e ajudar os outros em consequência. Qualquer que tenha sido a tua cruz, ela acabará conduzindo-te à tua coroa. Certamente

não vou dizer que fui "morto" para que tu aprendesses, pois esse não foi o caso.

A minha morte era inevitável, pois constar do padrão da tapeçaria, ou não teria ocorrido; mas quando aconteceu, foi-te aberta a ti a aprendizagem da lição (como ocorreu contigo), ou ficar amargurada, reprimir a tua dor e afastar toda a minha memória como trágica demais para falar e pensar; embora, como estás, tu nunca me ligues à tragédia ou ao pesar, mas sempre à alegria, pois agora sabes que eu vivo "para sempre na luz."

DEUS — A GUERRA — O ESPÍRITO DO CRISTO

Perguntei a um dos meus professores por que razão se permitiu a guerra e disse que presumia ser inteiramente culpa do homem. A resposta foi que, embora o homem tivesse criado as condições más que a provocaram, criou-se também, através dela, uma parceria entre Deus e o homem, espírito e matéria, bem e mal. Os males que a antecederam vinham-se acumulando e envenenando o corpo da humanidade havia muito tempo, e só quando tudo chegou ao auge, como um terrível abcesso que rebenta, aliviando a febre e a inflamação e expulsando o veneno, é que pôde começar o processo de purificação que era necessário.

Deus prometeu que nunca mais haveria outro grande Dilúvio; por isso, desta vez, a purificação foi realizada pelo fogo e pela espada. A parte física ou inferior do homem, que, à maneira dos animais, quer procurar, devorar e reter o poder pela força bruta — que mata para conquistar e, mesmo quando está possuído pela sede de sangue, conquista para matar — forneceu o lado animal ou mau; e assim Deus enviou o Seu Espírito para ajudar o homem a feitos de heroísmo, de autossacrifício, para o elevar de modo a contrabalançar os efeitos dessa terrível orgia de mortandade, para que a guerra não ficasse na memória desta e das gerações futuras apenas como um período de carnificina e vileza, mas para que, através dela, vissem como o conhecimento das coisas espirituais chegou ao coração da humanidade, como muitos foram reconduzidos a Deus através do sofrimento físico e da separação daqueles que se amavam profundamente.

Houve um "coser" espiritual de espíritos de ambos os lados daquela divisão a que chamamos morte. Deus tornou possível que Jesus recolhesse e projetasse por Ele o espírito do Cristo, chegando mesmo a infundi-lo nos corpos físicos de muitos homens que morreram na guerra. "Porque é que

tantos homens 'bons' morreram?" Pois bem, o espírito do Cristo não poderia ter entrado se eles não fossem bons — embora muitas vezes não o percebesses. Um homem podia morrer, por exemplo, com uma piada grosseira nos lábios, e, no entanto, poderia ter sido o espírito do Cristo nele que o levou a fazê-la. Ele podia sentir que era um momento de terrível tensão e, no próprio medo do seu coração, fez o que pôde, segundo a sua luz, para animar os camaradas, num espírito puro de altruísmo — e isto é o verdadeiro espírito do Cristo.

Se apenas os homens cruéis, egoístas e maus, os "falhados" do mundo, tivessem sido mortos, não teria havido lição para o resto da humanidade, pois não? Porque, afinal, por mais que tentassem disfarçar, teria sido, no geral, um alívio e, embora a maioria não o exprimisse de forma tão crua, sem dúvida pensariam que fora "um bom descarte de má rês". As pessoas não teriam sofrido de angústia, nem teriam desejado e procurado a comunhão com eles da mesma maneira; e, ao procurarem os espíritos daqueles que amavam, muitos encontraram a sua própria alma.

Esse espírito do Cristo é algo maravilhoso; nos nossos corpos físicos herdamos gerações de materialismo, em Jesus ele transpareceu e venceu a carne. Vivendo da maneira certa, é possível curar ou melhorar os corpos legados pelos pais. Muitas pessoas, pelo poder do espírito, superaram e venceram as limitações impostas por enfermidades físicas, e os seus espíritos tornaram-se mais belos e brilham mais, em consequência.

Deus é tão grande, tão vasto, tão absolutamente para além de qualquer coisa que possamos realmente compreender, que teria sido sempre uma abstração e incognoscível; mas o espírito do Cristo, como parte do espírito de Deus ao materializar-se através de Jesus, localiza o nosso conhecimento de alguns dos atributos de Deus e traz-nos esse conhecimento ao nosso alcance — tradu-lo, por assim dizer, nos nossos termos, dá-nos, como ideal, algo prático e possível. Deus revelou-Se antes, em outros tempos, por intermédio de vários mestres, cada um adequado e limitado pela sua época e ambiente.

Quando lês a vida de Jesus, percebes que foi uma vida de serviço e de altruísmo e que, através de tudo isso — e como mola mestra de tudo isso — houve uma grande compaixão. Os doentes, os possuídos, os leprosos, os enlutados, os pecadores iam ter com Ele, sempre certos do Seu amor, da Sua ajuda e cura. Há muitos no mundo de hoje que negariam indignados ser cristãos. Dizem ter ultrapassado dogmas, credos e crenças ortodoxas, por as

acharem estreitas, anticientíficas e limitativas; mas, apesar disso, os seus corações estão cheios de bondade, e trabalham desinteressadamente pelo bem do próximo. Quando vierem para aqui, Mãezinha, perceberão com alguma surpresa que a compaixão que enchia os seus corações os alcançou e tocou porque estavam em sintonia com Ele e, portanto, eram afinal seguidores de Cristo, sem o saber.

DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE

Expliquei no diagrama da vida de "A." como a evolução do homem progride numa série de espirais horizontais — isto sob o ponto de vista geográfico. Do ponto de vista espiritual, progride numa espiral ascendente, pois vai-se tornando, constante e gradualmente, mais elevado em caráter através das suas experiências. Espiritualmente, portanto, ele estaria mais alto na sua última vida terrena do que na primeira. As pessoas perguntam muitas vezes por que é necessário um espírito voltar à Terra quando poderia progredir no mundo espiritual.

A questão é esta: não é o espírito que tem de aprender a progredir através do contacto com o físico — é a personalidade. No mundo espiritual o homem progride espiritualmente, mas não pode desenvolver ali a personalidade. As lições da Terra são necessárias para isso, pois o espírito desenvolve a personalidade através dos sentidos do corpo físico, usando-os corretamente e vencendo as tentações desses sentidos e, assim, aprendendo o autodomínio. Cristo foi o exemplo que nos foi apresentado, o ideal, mas os homens adoram-No em vez de procurarem moldar a sua personalidade pela Sua.

A personalidade é o filho do espírito e do corpo, o resultado da sua união, e nunca se perde; somos nós próprios no mundo espiritual. Se fosse possível a um espírito desenvolver-se no mundo espiritual sem regressar à Terra depois de apenas uma curta vida aqui — poderia ser apenas uns meses ou semanas até — pareceria desnecessário e uma perda de tempo esse espírito ter vindo alguma vez à Terra, já que nada poderia ter aprendido nessas circunstâncias.

Na verdade, se os homens se podem desenvolver sem as lições da Terra, por que é que Deus alguma vez os envia ao mundo? Se tudo fosse apenas uma questão de sorte, então não haveria razão nem lei no universo. O próprio espírito, a "Centelha Divina", por ser de Deus, é sempre perfeito; é a

personalidade que está errada. A personalidade é a qualidade pela qual escolhes fazer o bem ou o mal. Pessoas ciumentas, luxuriosas, de mau génio, cobiçosas, etc., são-no porque não desenvolveram a personalidade; é por isso que escolhem o que é errado. Que parte de um assassino é que o leva a cometer assassínio? Não o seu espírito — esse veio de Deus; é a sua personalidade descontrolada e não desenvolvida.

O que constitui a diferença entre as pessoas, mesmo nas suas falhas? Ira, luxúria, ciúme, cobiça, etc., tudo isso tem de ser vencido, por fim, mas não está estabelecido que essas coisas tenham de ser superadas nesta ou por qualquer ordem específica. As condições da vida física de "A." podem trazer-lhe primeiro a cobiça para vencer, enquanto "B." terá de aprender a controlar a ira, e "C." poderá estar a debater-se com o ciúme, e assim por diante. Os espíritos são os mesmos e iguais; o que difere são as personalidades dos homens.

Nenhum traço importante do caráter da personalidade se altera no mundo espiritual, mas ele melhora, os cantos são arredondados e desenvolve-se, em geral, um sentido de beleza. A mim, na Terra, a música pouco me interessava; por isso não me tornarei aqui músico nem compositor, mas aprendi a apreciar e a gostar de ouvir música, e isso deve-se a que o espírito responde naturalmente à beleza; assim, estando no mundo espiritual, onde não está tolhido, é-se capaz de apreciar e compreender melhor a beleza, seja de som, cor ou forma. Às vezes as pessoas não entendem que o desenvolvimento espiritual torna o homem recetivo à beleza, e ouvirás ocasionalmente alguém dizer, com certa desconfiança, algo deste género:

"Ora, o meu Joãozinho nunca ligou a paisagens na Terra, e agora descreve-mas muitas vezes; não percebo porquê!" Enquanto estava na Terra, o espírito de Joãozinho não teve a sua oportunidade, ele estava limitado pelo corpo físico; mas aqui está livre para se desenvolver, e será capaz de ver a beleza de quadros e paisagens, embora não se torne pintor. Uma vez fora do corpo físico, saímos do mundo da matéria para o do espírito.

Assim, mesmo no astral mais baixo, passado algum tempo, há um natural despertar espiritual, pois o espírito está nas suas próprias condições e pode fazer-se sentir, por fim, até para a personalidade baixa a que está ligado, a qual, portanto, inevitavelmente progredirá, por mais lentamente que seja. Esse espírito, embora nada de mal tenha feito, esteve em contacto com uma personalidade impura e má, em condições impuras e más; por isso, por um

curto período, a sua beleza e brilho ficam embaciados e toldados por essas condições; mas, de volta à sua própria esfera, o despertar vem com o tempo, e a personalidade confusa, tateante, lutadora é despertada para desejar algo melhor e, assim que surge o pensamento: "Que posso eu fazer para me elevar?", começa a progredir, e o auxílio chega. À medida que progride, deseja um desenvolvimento superior — cada passo conduz a outro; é como virar esquinas e ver continuamente novas perspetivas.

A personalidade acaba por aprender a dizer: "Não importa o caminho, seguirei qualquer um, desde que seja o melhor para a minha evolução"; então, percebendo que só pode fortalecer, purificar e melhorar a sua personalidade através das provas e tentações da vida na Terra, volta para ser mais ensinada. "Ao que vencer, será dada a coroa da vida." Não podes ganhar a tua coroa aqui, Mãe, porque não há inveja, nem ciúme, nem luxúria, nem cobiça, nem qualquer outra coisa má para vencer.

DUPLA PERSONALIDADE

Queres saber se posso explicar o que às vezes se chama "dupla personalidade" e o que faz com que um homem, após grave doença ou choque, pareça, por vezes, durante períodos longos ou curtos, um caráter totalmente diferente — um homem refinado e de trato doce, por exemplo, tornar-se grosseiro, vingativo e irritadiço.

Algumas pessoas atribuem isto a verdadeira obsessão; pensam que uma entidade maligna, separada e independente, toma posse do seu corpo por algum tempo. Esses casos serão muito raros, suponho eu, pois é impossível obter tal domínio sobre qualquer indivíduo contra a sua própria vontade; mas poderia ser possível se alguém se desenvolvesse psiquicamente, se metesse em coisas supranormais e ocultas e depois se tornasse deliberadamente recetivo a qualquer e a todo o espírito desencarnado, sem qualquer discriminação.

Ninguém que viva numa grande cidade, com a sua população mista de bons e maus, deixa todas as portas e janelas de casa abertas para admitir qualquer vadio ou rufia que lhe apeteça entrar; pois bem, nenhuma pessoa sensata deixa a porta da sua mente aberta para quem queira entrar e tomar posse. A regra de ouro é guardar sempre a porta da mente, e ninguém nem nada pode entrar a menos que o permitas. Outras pessoas pensam que é a parte inferior

da dualidade normal de um homem (porque todos têm um lado mais alto e um lado mais baixo) que de súbito venceu o bem nele; mas isso também não é muito verosímil, porque, se ele viveu uma vida refinada e decente durante anos, terá vencido essas paixões cruas e elementares e ter-se-lhe-iam tornado repugnantes.

A "dupla personalidade" é resultado e consequência natural de encarnações anteriores, em cada uma das quais o homem sofre de, aprende com e tenta superar falhas e vícios diferentes. Digamos que "A.", por exemplo, chegou à sua quarta espiral (está a viver pela quarta vez na Terra); tem, portanto, quatro fontes a que pode ir buscar, ou de que pode extrair, em certas circunstâncias anómalas, e há quatro linhas pelas quais a mente dele pode recuar.

O grande choque, a doença, os anestésicos, ou o desenvolvimento psíquico consciente, ou seja o que for que abale o organismo físico, afeta o cérebro e põe a mente consciente e a subconsciente em contacto — "faz a ligação", por assim dizer, por um período curto ou longo, conforme o caso. Assim, a consciente acede à mente subconsciente, e esta contém o conhecimento de todas as memórias anteriores e pode "recuar" a qualquer experiência passada de qualquer vida anterior.

Lembra-te sempre: a mente subconsciente de cada pessoa é um "balcão de informações" onde se guarda um registo claro e completo de todas as experiências em cada vida desse indivíduo. Vou tentar tornar isto claro. Suponhamos que "A.", que é um homem refinado, pacífico e calmo (na sua quarta encarnação), é atacado certa noite por um ladrão, sofre ferimento grave na cabeça e fica muito doente pelo choque; quando recupera, parece ter desenvolvido uma segunda personalidade, pois, por vezes, durante períodos mais longos ou mais curtos, é totalmente diferente — carrancudo, colérico e vingativo.

O que aconteceu foi isto: o seu último pensamento consciente, quando atacado pelo ladrão, foi de ira; o golpe na cabeça tornou-o inconsciente com esse registo gravado no cérebro. Inconsciência significa perder a cognoscibilidade de todas as condições e circunstâncias físicas, e as pessoas, em geral, só entendem a mente consciente até esse ponto (isto é, até onde perde o contacto com as condições físicas). Na realidade, é apenas nessas condições que a mente consciente consegue entrar em contacto com a subconsciente, e fá-lo automaticamente, pois a mente consciente está

sempre a trabalhar, embora não, neste caso, sobre o físico. Ainda que não seja uma grande comparação (é a melhor que consigo), poderia comparar a mente consciente a um espelho montado num eixo: normalmente reflete (e regista) as condições físicas, mas, anormalmente (quando o dono está inconsciente), o espelho roda e reflete a mente subconsciente ou do espírito — uma fase de existência totalmente diferente.

Voltando a "A.", como o último sentimento na sua mente consciente, quando esta se ligou à subconsciente, foi de ira aguda, pode (se a inconsciência for profunda e prolongada) ligar-se e aceder à memória de um tempo (digamos, a primeira encarnação de "A.") em que ele era um indivíduo colérico e vingativo, e isso era, mais ou menos, o seu estado crónico. Ao voltar a acordar para a consciência, esse sentimento permaneceria, mas apenas por alguns momentos, a menos que houvesse complicações, como lesão cerebral; nesse caso, a mente consciente não poderia reassumir devidamente o comando, pois o cérebro é uma máquina muito delicada, subtil e complexa, e poderia acabar por consignar o homem a um asilo.

Se esta condição fosse compreendida e tratada de imediato, poderia ser curada por um de dois métodos. Primeiro, por sugestão — ligando a mente consciente e a subconsciente e persuadindo essa memória indócil a voltar da consciente para a subconsciente, sem o conhecimento do doente; ou, em segundo lugar, dizendo ao doente (se for um sujeito adequado) os factos do caso e levando-o a cooperar através da "sugestão" por si mesmo.

O cérebro só é capaz de conter as experiências desta vida presente; se fosse suposto conter a memória de uma, duas, três ou mais encarnações anteriores, teria sido feito uma, duas, três ou mais vezes maior. É por isso que Deus providenciou a mente subconsciente; ela é capaz de conter qualquer quantidade de experiências e memórias sem risco de sobrecarga, porque pertence ao reino indestrutível do espírito e é aquilo a que poderíamos chamar o equivalente espiritual do cérebro físico.

A PRERROGATIVA DO ESPÍRITO

Dizes que, sendo possível desenterrar o mal do passado, supões que é igualmente fácil evocar o bem? Na verdade, é muito mais fácil, pois o mal do passado só pode ser trazido de volta à memória, como te disse, através de condições físicas anómalas infelizes, como doença ou acidente; ao passo que

evocar o bem é natural e correto. Pelo poder do livre-arbítrio, tudo o que é belo e útil no teu passado está ao teu serviço, pois o bem é a prerrogativa do espírito, que se eleva acima do mal e nunca pode ser tocado ou ferido. Normalmente, um homem avança espiritualmente em cada vida, independentemente das suas condições terrenas, e o elo entre o seu espírito e a sua personalidade torna-se mais forte, pois, quanto mais tempo estão juntos, maior a influência do espírito sobre a personalidade. Estes dois estão ligados desde o princípio; apenas o corpo é que mudou de cada vez.

Quanto mais o espírito progride no seu curso ascendente, mais independente a personalidade se torna das exigências e limitações do físico. É um pouco como um homem ter de operar uma máquina complicada composta por várias peças diferentes que tem de aprender a compreender e a manusear separadamente, mas sendo obrigado, entretanto, a manter o conjunto a funcionar como pode, de modo expedito; a consequência é que ocorrem pequenos acidentes e, ocasionalmente, catástrofes inesperadas.

Quando as duas partes — o espírito e a personalidade — trabalharam algum tempo juntas, aprendem a ajustar-se, a funcionar suavemente e a governar a terceira parte da máquina: o corpo físico. A personalidade tem todas as oportunidades de ser boa, se o quiser; a balança pende fortemente para esse lado, pois a personalidade nunca é separada do espírito e, portanto, está ligada a ele durante todo o tempo que passa no mundo espiritual, bem como durante os períodos em que está na Terra, num corpo físico.

Como o espírito está acima da limitação e só pode reter o que é bom, a personalidade está sempre ligada a um reservatório de pureza e beleza. O espírito, por sua vez, está sempre e continuamente ligado a Deus, como expliquei antes[1], e, como Deus continuamente derrama o poder e a força que criam, animam e sustentam tudo, o espírito pode haurir e aprender a usar esse poder para manifestar tudo quanto deseja de bem e de beleza — os atributos de Deus.

O espírito aprende a interpretar Deus de modos materiais através do físico: o amor de Deus através da bondade, do amor, do afeto, da misericórdia, da simpatia, por exemplo; o poder de Deus através de ajudar, organizar, arranjar; a beleza de Deus nas artes, e assim por diante. Quanto maior o poder do espírito, mais ele transparece e se sobrepõe ao físico, refinando-o e embelezando-o. Quanto mais tempo um homem tenta fazer o que é certo, mais fácil isso se torna, pois ele liga-se às condições corretas. O grande ponto

é pensar sempre o que é bom e certo, e depois procurar viver à altura disso. Ter ideais elevados e deixá-los materializar-se na vida e no caráter. Não importa o trabalho que tenhas de fazer; fá-lo belamente, por mais trivial ou mundano que pareça, pois nas coisas que tocas deixas alguma impressão de pensamento.

[1] *Claude's Book.*

Uma ferida enfaixada com uma ligadura feita por uma mulher que pensou belamente levaria consigo aquilo a que eu poderia chamar quase a "fragrância" da pureza e santidade, e seria mais eficaz, em consequência. O pensamento, de qualquer espécie, tem poder: pode ser construtivo ou destrutivo. Se pensasses, mesmo belos pensamentos, durante anos, sem jamais tentares materializá-los, a tua mentalidade degeneraria, pois tornar-te-ias um recluso ou um sonhador e ficarias distraído ou descuidado.

A menos que expresses o pensamento de forma material, ele acaba por reagir sobre a mente; é isto que explica muitas vezes a mania religiosa. Se és intensamente musical, alivias a mente materializando os pensamentos em som; se és intensamente religioso no plano emocional, a menos que alivies o cérebro sobrecarregado com obras boas práticas de algum tipo, os pensamentos e as emoções reagem sobre si mesmos e desequilibram a mente.

Queres saber porque é que, se Deus é misericordioso, Ele nem sempre responde às orações? Ele responde sempre às orações, ainda que não seja da forma particular esperada ou desejada; mas tem de ser uma oração verdadeira, uma abertura do coração, uma ligação com o Espírito, não uma repetição mecânica de palavras formais. Isso não serve de nada, seria tão eficaz como queimar um pau de incenso.

A oração é respondida da melhor maneira para quem reza — não necessariamente a mais agradável ou a mais fácil; mas, como cada acontecimento numa vida não passa de um episódio no conjunto, é o melhor no sentido do seu efeito sobre a vida como um todo, do resultado no carácter, das lições que ensina, da experiência que dá, e assim por diante. Também deves lembrar-te de que as limitações da terra tornam impossível que todas as orações sejam atendidas exatamente como desejado.

Por exemplo, no caso de uma criança em certas condições dolorosas de doença, o pai, embora a ame profundamente, poderia rezar pela sua morte,

sentindo que a vida seria demasiado dura para ela nessas circunstâncias, enquanto a mãe poderia rezar fervorosamente para que vivesse; é óbvio que não poderiam ambos ver os seus desejos realizados. Depois, duas pessoas vivendo porta a porta poderiam rezar, uma pela chuva e outra pelo bom tempo, e assim sucessivamente. Os casos poderiam multiplicar-se indefinidamente.

Provavelmente um milhão de pessoas rezam em Londres por coisas contrárias e diversas ao mesmo tempo. Deus não pode alterar as Suas leis para se adaptar a casos individuais; o universo estaria em breve num estado de caos se tal fosse possível. Quando um homem reza, coloca-se em contacto com o espírito. O espírito do próprio homem é o elo entre o seu ser físico e Deus; ou poderia dizer-se que a mente subconsciente é o elo entre a mente consciente e Deus. Muitas vezes insisti convosco que Deus é impessoal e infinito.

Ele, não responde, pois, à oração de forma específica ou finita; mas envia sempre poder em resposta à oração, que se materializa da forma que for melhor para quem reza. Rezar é formular a oração na mente consciente. Depois é projetada para o subconsciente (mente-espírito), que funciona quase como um filtro, pois quando sai da mente-espírito, segue para Deus como um pedido de ajuda, de força, de orientação em termos gerais, mas não em detalhe. O conhecimento do detalhe necessário permanece na mente-espírito, e quando o poder é dado por Deus em resposta à oração, é usado pela mente-espírito da melhor maneira — seja ela qual for.

O espírito, sendo de Deus, sabe o que é certo e melhor para a personalidade, e com a ajuda dos seus guias desvia e utiliza o poder em conformidade. Vou tentar explicar. Suponhamos que um homem reza pela riqueza, e tem realmente a intenção de a usar para bons fins, mas o seu espírito conhece as suas limitações, e sabe que, embora a intenção seja excelente, ele não é verdadeiramente capaz de a usar de forma correta.

Nesse caso, o poder não seria usado para lhe dar a riqueza que pede, mas para fortalecer e edificar o seu carácter. Se o seu espírito soubesse que estava preparado e capaz de usar a riqueza de forma correta, ele receberia a sua resposta da forma desejada, pois o seu espírito, em cooperação com os guias, colocá-lo-ia no caminho para a obter. Já expliquei antes como Deus utiliza espíritos desencarnados para realizar a Sua obra, para ajudar, confortar e orientar os que estão na Terra. Podes chamar-lhes "ajudantes de

Deus", como quiseres — guias, anjos ministrantes ou mensageiros de Deus; eles materializam o poder de Deus para necessidades e propósitos físicos. Podemos imaginar novamente os homens como "pilotos", e as suas vidas como pequenos navios ou barcos enviados por Deus do Seu porto para o mar do mundo.

Não consegues imaginar um a navegar alegremente em bom tempo, calmo, e o piloto "A." a dormir preguiçosamente, despreocupado e feliz, deixando-se levar pela maré e pelo vento, sem se preocupar com nada? Entretanto, o tempo muda, levanta-se uma tempestade, ele desperta e descobre que quase encalhou nos rochedos que surgem entre o nevoeiro e a espuma diante dele. Está profundamente assustado e reza: "Ó Deus! tira-me daqui, afasta estas rochas terríveis, acalma a tempestade, salva-me!".

Está abalado, indefeso e aterrorizado, porque se tornou fraco de vontade e de corpo devido à preguiça e à indulgência. As rochas não se movem, nem a tempestade é acalmada para lhe permitir voltar à sua vida de facilidade. Mas a oração é ouvida, a névoa abre-se, e ele vê uma pequena fenda nos rochedos, um pequeno ancoradouro onde pode escapar à violência maior da tempestade; mas, para alcançar esse abrigo, tem de esforçar cada nervo, tendão e músculo, e lá chegar com o seu próprio esforço e, ao fazê-lo, salva a sua vida.

Podemos imaginá-lo a pensar ressentidamente: "Nunca fiz mal a ninguém, apenas segui o meu caminho, não mereço esta má sorte", etc. Sim, mas também não fez o bem, e por isso causou mal indiretamente através da negligência. Outros barcos passaram por ele, carregados e com remadores cansados, alguns velhos e maltratados. Os homens neles pediram um pouco de comida, de água, ou até apenas palavras de simpatia; mas "A." limitou-se a voltar-se sobre as almofadas e não lhes deu atenção, pelo que necessitava da lição dura que o galvanizou numa atividade relutante.

Também podes imaginar outro barco com um piloto completamente diferente. "B." aparentemente trabalha muito, esforça-se nos remos, o rosto cansado e vincado, os olhos vermelhos de esforço e fadiga; mas não faz progressos, e podemos imaginar que a sua oração seria algo como: "Ó Deus! alivia o meu fardo, aligeira o meu barco. Trabalho, esforço-me, puxo até ficar exausto e gasto, mas não avanço. É mais do que posso suportar; alivia o meu fardo, Senhor!"

O seu fardo é aliviado, mas talvez não da forma esperada, porque lhe é mostrado que, quando saiu para o mar, foi provido, como todos são, com duas coisas essenciais — um leme para guiar o barco e uma carta para orientar o curso. O leme é a sua livre vontade, e a carta é a Verdade. Neste caso, ele usou a sua livre vontade, o seu leme, para guiar-se; mas como nunca se preocupou em consultar a carta, escolheu mal o seu rumo, pois remava inadvertidamente contra os ventos e as correntes, tornando-os seus inimigos em vez de amigos.

Uma vez que isso lhe foi mostrado, aprendeu a estudar a sua carta e alterou o rumo em conformidade; e assim o seu fardo desnecessário foi aliviado, embora naturalmente demorasse algum tempo a recuperar do grande cansaço e esforço. Deus ensina as pessoas a ajudarem-se a si próprias. Se os homens aprenderem a rezar pelas coisas certas, da forma certa, as suas orações são atendidas como desejam.

Se rezarmos por uma mente aberta, e por ajuda para ver e compreender a verdade, isso ser-nos-á dado; se rezarmos por coragem para agir segundo a verdade quando a virmos, também isso nos será dado; e se rezarmos para que sejamos ajudados a ser verdadeiramente caridosos, aprenderemos igualmente a sê-lo — a ter compreensão, e simpatia, a ser prestáveis e compassivos, como Cristo foi. Se realmente rezarmos por estas coisas e as alcançarmos, conduziremos os nossos barcos da vida em segurança até ao mais belo porto de Deus.

Aprende e reza para seguir o caminho de Deus, pois trabalhar em harmonia com as Suas leis significa honra e segurança; mas com as leis de Deus contra nós não podemos avançar, porque as Suas marés, as Suas correntes, os Seus ventos são demasiado poderosos para nós, e acabaremos por nos despedaçar contra eles.

14 de abril de 1921